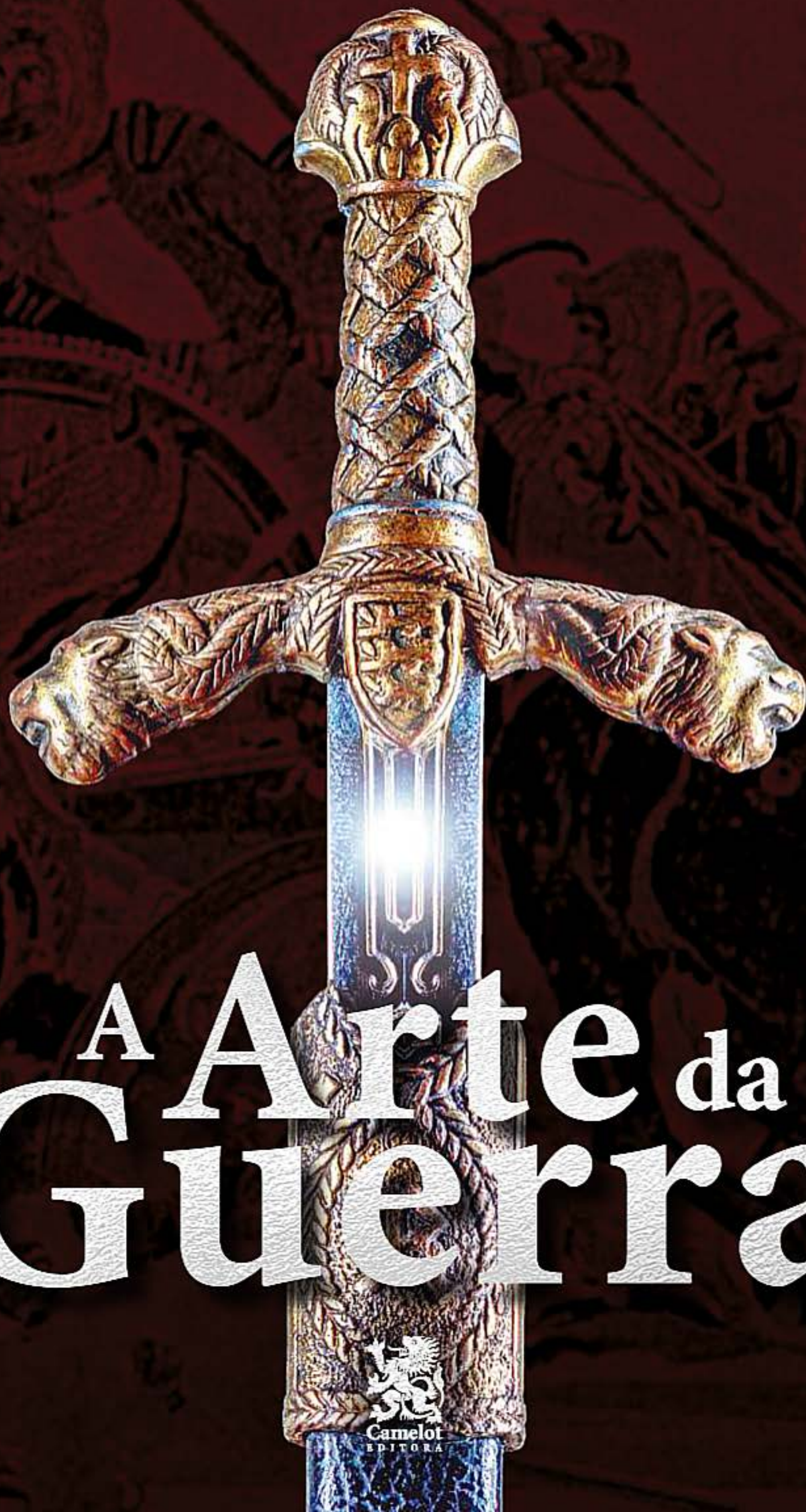


# MAQUIAVEL



# A Arte da Guerra

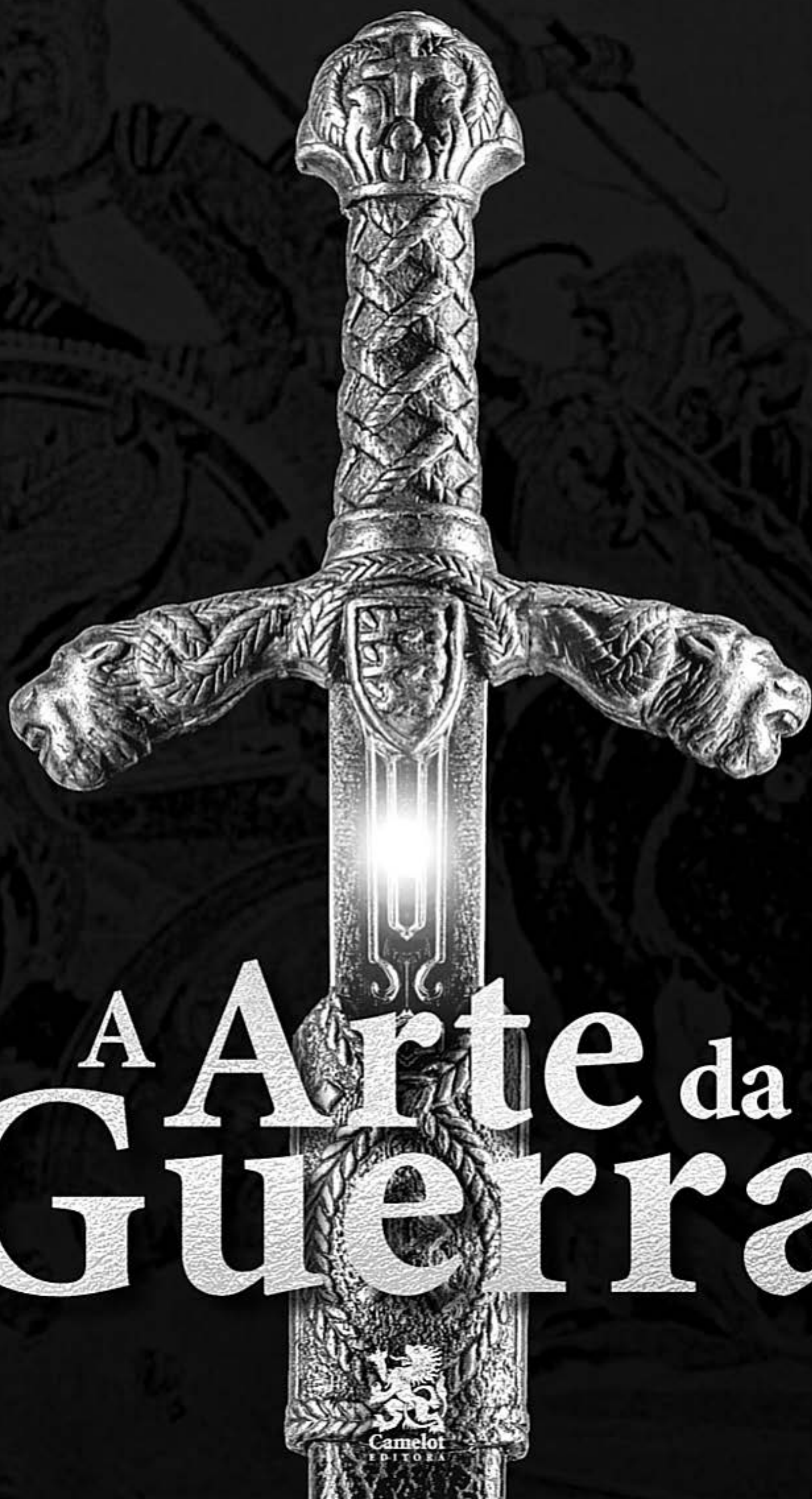
Camelot  
EDITORA



# A Arte da Guerra



# MAQUIAVEL



## A Arte da Guerra

Camelot  
EDITORA





*Relevos em bronze do escultor Pr.Tzanoulinos, baseados nas gravuras de Pinelli (1928) que retratam cenas da vida cotidiana e da campanha de Alexandre, o Grande. Museu da Guerra Helênica (Atenas, Grécia).*









MATERIAL COMPLEMENTAR  
ACESSE AQUI

Copyright da tradução e desta edição ©2022 por Fabio Kataoka

Título original: Dell'arte della guerra

Textos e imagens originais de domínio público. Reservados todos os direitos desta tradução e produção.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, xérox, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

1ª Impressão 2022

**Presidente:** Paulo Roberto Houch  
MTB 0083982/SP

**Coordenação Editorial:** Priscilla Sipans  
**Coordenação de Arte:** Rubens Martim  
**Tradução, preparação de texto e notas:** Fábio Kataoka  
**Revisão:** Valéria Paixão e Rogério Coelho  
**Diagramação:** Rogério Pires  
**Capa:** Rubens Martim

**Vendas:** Tel.: (11) 3393-7723 (vendas@editoraonline.com.br)

Impresso no Brasil.  
Foi feito o depósito legal.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M149a Machiavelli, Niccolò, 1469-1527.  
Arte da guerra / Nicolau Maquiavel. – Barueri, SP: Camelot,  
2021.  
15,5 x 23 cm  
  
ISBN 978-65-87817-58-3  
  
1. Ciência política. 2. Ciência militar. 3. Guerra – Obras  
anteriores a 1800. I. Título.  
  
CDD 320

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Direitos reservados à  
**IBC — Instituto Brasileiro de Cultura LTDA**  
CNPJ 04.207.648/0001-94  
Avenida Juruá, 762 — Alphaville Industrial  
CEP. 06455-010 — Barueri/SP  
www.editoraonline.com.br



# Sumário

Prefácio .....	9
Livro Primeiro .....	13
Livro Segundo.....	37
Livro Terceiro.....	65
Livro Quarto .....	85
Livro Quinto.....	101
Livro Sexto.....	119
Livro Sétimo .....	141





*Retrato de Nicolau Maquiavel,  
por Santi di Tito*



# Prefácio

DE NICCOLÒ MACHIAVELLI, CIDADÃO  
E SECRETÁRIO DE FLORENÇA, SOBRE  
O LIVRO *A ARTE DA GUERRA*, PARA  
LORENZO DI FILIPPO STROZZI, UM  
CAVALHEIRO DE FLORENÇA.

**M**uitos, Lorenzo, sustentaram e ainda sustentam a opinião de que não há nada que tenha menos em comum entre si, e que sejam tão diferentes, como a vida civil e a militar. Por esse motivo se costuma observar, que se alguém pretende valer-se de um alistamento no exército, que mudará não apenas suas roupas, mas também seus costumes, seu tom de voz e todas as características do estilo próprio ao civil, isso mudará seus hábitos. De fato, não acredito que qualquer homem possa se vestir com roupas civis se quiser ser rápido e estar pronto para agir de forma violenta; nem pode ter costumes e hábitos civis aquele homem que julga esses costumes como delicados e aqueles hábitos não condizentes com suas ações; nem parece justo manter a sua aparência e voz normais que, com a sua barba e blasfêmias que proferem, quer amedrontar os outros: o que torna tal opinião nestes tempos muito verdadeira. Mas se considerassem as instituições antigas, não achariam as coisas mais bem relacionadas, mais em conformidade, e que, necessariamente, deveriam ser semelhantes umas às outras tanto quanto civis e militares, pois em todas as artes que são estabelecidas em uma sociedade para o bem comum dos homens, todas as instituições criadas mediante o respeito às leis e o temor a Deus seriam em vão, se sua defesa



não tivesse sido providenciada, permitindo que sejam mantidas mesmo quando forem estruturadas com imperfeição. E assim boas instituições, sem a ajuda dos militares, não são muito diferentes do que a habitação de um palácio soberbo e régio, que, embora adornado com pedras preciosas e ouro, se não tiver cobertura não terá qualquer coisa para protegê-lo da chuva. E, se em quaisquer outras instituições de uma cidade e de uma república toda diligência é empregada em manter os homens leais, pacíficos e cheios de temor a Deus, ela é duplicada nas organizações militares; pois em que homem deveria o país buscar maior lealdade do que naquele homem que promete morrer por ela? Em quem deve haver maior amor pela paz do que naquele que só pode ser ferido pela guerra? Em quem deve haver maior temor a Deus do que naquele que, enfrentando perigos infinitos todos os dias, tem mais necessidade de Sua ajuda? Se essas necessidades na formação da vida do soldado forem bem consideradas, elas serão elogiadas por aqueles que atribuíram as leis aos comandantes e por aqueles que foram encarregados do treinamento militar e seguidos com toda diligência por outros.

Mas porque as instituições militares se corromperam muito, tornando-se distantes dos métodos antigos, opiniões sinistras surgiram, fazendo com que os militares fossem odiados e evitado o contato com aqueles que os treinavam. E eu, a julgar pelo que vi e li, que não é impossível restaurar seus antigos caminhos e devolver-lhes alguma forma de *virtù*<sup>[1]</sup> passada, decidi não deixar este meu tempo de ócio passar sem fazer algo, escrever o que sei da arte da guerra, para satisfação de quem é amante dos feitos ancestrais.

E embora exija coragem para tratar daqueles assuntos que não compete a nossa profissão, no entanto, não creio que seja um erro ocupar uma posição com palavras, que podem, com maior presunção, ter sido ocupadas com atos, pois os erros que devo cometer por escrito podem ser corrigidos, sem prejuízo para ninguém, mas aqueles que são cometidos com ações não o serão, exceto pela ruína dos comandantes.

Você, Lorenzo, portanto, considerará a qualidade desses meus esforços e dará, em seu julgamento, a censura ou o elogio que lhe parecerão merecidos. Eu lhe envio esta obra, para mostrar-me grato por todos os benefícios que tenho recebido de você e também porque é tradição oferecer obras, como essa, aos que se distinguem pela nobreza, riqueza, talento e bondade. Não haverá muitos que se igualem a você em riqueza e nobreza, sendo muito poucos os que podem ser comparados a você em talento, e nenhum sequer em bondade.

---

1 *Virtù* são as características pessoais que auxiliam o governante a garantir seu objetivo. A *virtù* maquiaveliana não se define por qualidades morais permanentes, mas sim por qualidades variáveis de acordo com as circunstâncias e a ocasião.



*“Uma vitória  
destrói o efeito das  
piores operações,  
mas uma derrota  
aborta os planos  
mais sabidamente  
traçados.”*

MAQUIAVEL





*Lorenzo di Filippo Strozzi, amigo  
e protetor de Maquiavel.*



# Livro Primeiro

**C**omo creio que é possível elogiar, sem preocupação, qualquer homem depois de morto, já que faltam todos os motivos e fiscalizações para a adulação, não tenho medo de elogiar o nosso amigo Cosimo Rucellai, cujo nome nunca é lembrado por mim sem lágrimas, pois reconheci nele aquelas qualidades que podem ser desejadas em um bom amigo e em um cidadão de sua pátria. Pois não sei o que lhe caracterizava mais do que a sua boa vontade, nenhuma missão o fazia desanimar se visasse o bem da pátria.

Confesso, francamente, não ter conhecido, entre tantos homens que conheci e com quem trabalhei, um homem em que houvesse uma mente mais entusiasmada por coisas grandes e magníficas. No momento da morte, não se lamentou com os amigos senão do destino que o fazia morrer jovem, sem honra, em sua própria casa, sem ter sido capaz de beneficiar ninguém com aquela mente.

Não é pelo fato de não podermos ler suas obras, que não devemos admitir as louváveis qualidades que ele tinha. Na verdade, a sorte não lhe foi a tal ponto má que não tenha preservado uma breve lembrança da destreza de seu talento, como está representado em alguns dos seus escritos e poemas de amor que compunha quando jovem, apesar de não estar apaixonado, para não deixar que o tempo passasse em vão, até que a sorte o conduzisse a outros pensa-



mentos mais elevados. Por essas obras é possível perceber a felicidade dos seus conceitos, e como teria sido admirado pela arte poética se a tivesse praticado como missão de sua vida.

O destino, no entanto, tendo nos privado do convívio de tão grande amigo, parece-me que não é possível encontrar outro remédio melhor do que buscarmos nos beneficiar de sua memória, e dela recuperar qualquer questão que seja observada intensamente ou discutida com sabedoria. E como não há nada dele mais recente do que as discussões que o senhor Fabrizio Colonna teve com ele em seus jardins, onde assuntos relativos à guerra foram discutidos longamente por aquele senhor, com perguntas sutil e prudentemente feitas por Cosimo, pareceu-me oportuno registrá-las para que não se percam, estando aí presentes alguns dos nossos amigos. Dessa forma, os amigos de Cosimo que delas participaram poderão relembrar suas qualidades, e os demais se lamentarão de terem estado ausentes naquele encontro, aprendendo, também, com as explicações de um grande sábio, muitas coisas úteis, não só para a vida militar, mas também para a civil. Relatarei, portanto, como Fabrizio Colonna, ao voltar da Lombardia, onde lutou gloriosamente pelo rei católico, decidiu passar por Florença para descansar vários dias e visitar Sua Excelência, o Duque, e encontrar novamente vários cavalheiros com os quais ele tinha familiaridade no passado. Cosimo, aproveitando a ocasião, o convidou para um banquete em seus jardins, não tanto para mostrar sua generosidade, mas para ter motivos para conversar longamente com ele, e aprender várias coisas, como se pode esperar de tal homem, pois parecia dar-lhe a oportunidade de passar um dia discutindo assuntos que satisfizessem sua mente.

Fabrizio aceitou o convite e foi recebido por Cosimo, junto com outros amigos leais, entre os quais Zanobi Buondelmonti, Battista Della Palla e Luigi Alamanni, jovens ardorosos que compartilhavam os mesmos estudos e pelos quais tinha muita estima. Fabrizio, portanto, foi homenageado com todas as honras que lhe podiam dar. Tão logo terminaram os prazeres do convívio, tipo de distração à qual os grandes homens que têm suas mentes voltadas para pensamentos honrados dedicam pouco tempo, e porque o dia era longo e o calor intenso, Cosimo julgou que convinha fugir ao calor conduzindo-os à parte mais secreta e sombreada do seu jardim: quando lá chegaram, alguns sentaram em cadeiras dispostas sob frondosas árvores, outros se sentaram na grama mais fresca do lugar. Fabrizio achou o lugar encantador e, olhando para as árvores, não reconhecendo nenhuma delas, ficou perplexo. Cosimo, percebendo isso, disse: “Talvez você não tenha conhecimento de algumas dessas árvores, mas não se pergunte sobre elas, porque aqui estão algumas que eram



mais conhecidas pelos antigos do que as comumente vistas hoje.” E ao nomear algumas e dizer que Bernardo, o seu avô, trabalhou muito no cultivo delas, Fabrizio respondeu: “Estava imaginando exatamente isso; este lugar e o cultivo das árvores me lembram vários príncipes do Reino de Nápoles, que se deliciavam com sua cultura ancestral.” E parando de falar, como se estivesse em suspense, acrescentou: “Se eu não achasse que iria ofender, eu lhe daria a minha opinião, mas acredito que falar e discutir coisas com amigos dessa maneira, não cometeria ofensa, seria apenas com o propósito de examinar as coisas, e não de condená-las. Quão melhor seria imitar os antigos nas coisas fortes e rudes, não nas coisas fracas e delicadas, e nas coisas que fizeram sob o sol, não nas sombras, para adotar os métodos honestos e perfeitos da Antiguidade, não os falsos e corruptos; foi quando esses gostos se apoderaram dos romanos que minha pátria se perdeu.” Cosimo, portanto, disse: “Para evitar a necessidade de ter de repetir tantas vezes quem está falando, apenas os nomes de quem falou serão anotados.”

**COSIMO:** Você abriu caminho para uma discussão que eu desejava, e peço para que você fale sem receio, pois lhe perguntarei do mesmo modo; e se, ao questionar ou responder, acuso ou desculpo alguém, não será para acusar ou desculpar, mas para entender a verdade.

**FABRIZIO:** Ficarei muito satisfeito em opinar sobre tudo o que você me perguntar, seja verdade ou não, deixarei a seu critério. E ficarei grato em receber suas perguntas, pois estou prestes a aprender tanto com o que você me pergunta, quanto você vai aprender com minhas respostas, porque muitas vezes um questionador sábio faz com que alguém considere muitas coisas e compreenda outras que, sem ter sido perguntado, nunca teria sido compreendido.

**COSIMO:** Gostaria de voltar ao que você disse anteriormente, que meus avós e os seus imitaram mais sabiamente os antigos nas coisas rudes do que nas delicadas, e quero desculpar os meus e vou deixar você desculpar os seus. Não creio que no tempo do meu avô tenha havido alguém que detestasse mais a vida delicada do que ele, e que fosse tanto amante daquela vida dura que você elogia; contudo, reconheceu que não poderia praticá-la em sua vida pessoal, nem na de seus filhos, tendo nascido em uma época tão corrompida, onde quem quisesse se afastar dos costumes estabelecidos seria ridicularizado e desprezado por todos. Pois se alguém nu se debatesse na areia sob o ardor do sol, ou na neve nos meses mais gelados do inverno, como fez Diógenes, seria considerado louco. Se alguém, como os espartanos, criasse seus filhos em uma fazenda, fizesse-os dormir ao ar livre, andar de cabeça e pés descalços, tomar banho em água fria para endurecê-los a suportar vicissitudes, para então amar menos a vida e temer menos a morte, ele seria elogiado por poucos e seguido



por ninguém. De forma que, desanimado com esses modos de vida, meu avô deixou os costumes dos antigos, e quando os imitava, o fez sem provocar muito escândalo.

**FABRIZIO:** Você conseguiu desculpar fortemente o seu avô, e certamente você fala a verdade, mas eu não me referia tanto a essas formas rudes de vida, quanto àquelas outras formas mais humanas que têm uma maior conformidade com as formas de viver hoje. Não creio que fosse difícil para um príncipe introduzi-las. Jamais esquecerei os exemplos de meus romanos. Se forem examinados seus modos de vida e a organização da república que instituíram, serão observadas muitas coisas não impossíveis de introduzir em uma sociedade onde ainda pode haver algo de bom.

**COSIMO:** Quais são essas coisas semelhantes aos antigos que você apresentaria?

**FABRIZIO:** Honrar e recompensar a *virtù*, não ter desprezo pela pobreza, estimar os modos e ordens da disciplina militar, forçar os cidadãos a terem estima recíproca, a viverem sem facções, a estimar menos o bem privado do que o público e outras coisas semelhantes que facilmente se ajustariam nestes tempos. Não é difícil persuadir as pessoas a esses caminhos, quando se usam meios apropriados para alcançar os homens importantes de uma cidade. Aquele que conseguir alcançar semelhante sucesso terá plantado árvores sob cuja sombra se vive mais tranquilo e feliz.

**COSIMO:** Não pretendo discordar de nada do que você falou, quero deixar para aqueles que têm opinião a respeito disso julgarem. Mas, para esclarecer minhas dúvidas, me dirigirei a você que acusa aqueles que em atos graves e importantes não são imitadores dos antigos. Eu gostaria, portanto, de saber por que razão, por um lado, você condena aqueles que não imitam os antigos em suas ações, e por outro lado, em questões de guerra que é sua profissão e na qual você é julgado excelente, não é observado que você tenha empregado algum dos métodos antigos na arte da guerra, ou aqueles que têm alguma semelhança.

**FABRIZIO:** Você chegou ao ponto que eu esperava, pois o que eu disse até agora era para provocar essa pergunta. E embora eu possa me salvar com uma simples desculpa, não obstante eu queira, para sua maior satisfação e a minha, entrar em uma discussão muito mais longa. Os homens que querem fazer algo devem primeiro preparar-se com toda a diligência, a fim de estarem preparados para alcançar o que se propuseram. E porque os preparativos feitos com cautela não são conhecidos, ninguém pode ser acusado de negligência, a não ser que ocorra uma oportunidade que revele os preparativos; nos quais, se não forem bem-sucedidos, verá que ou não foram prepara-



dos suficientemente ou que não pensaram bem no assunto. E como não me ocorreu a oportunidade de mostrar os preparativos que faria para trazer os militares para sua antiga organização, e isso eu não fiz, não posso ser culpado nem por você nem por outros. Acredito que essa desculpa é suficiente para responder à sua acusação.

**COSIMO:** Bastaria eu ter certeza de que a oportunidade não se apresentou.

**FABRIZIO:** Mas porque sei que você pode duvidar se essa oportunidade surgiu ou não, quero discutir longamente quais os preparativos que devem ser feitos primeiro, que dificuldade impede que os preparativos tenham êxito e surja a ocasião, e que isso é paradoxalmente mais difícil e mais fácil de fazer.

**COSIMO:** Você não pode fazer nada mais agradável para mim e para os outros do que isso. Mas se não é doloroso para você falar, nunca será doloroso ouvi-lo. Mas como esta discussão pode ser longa, eu quero a ajuda dos meus amigos; e com sua permissão, rogamos a você que não se irrite se algumas vezes o interrompamos com alguma pergunta.

**FABRIZIO:** Estou muito contente que você, Cosimo, com esses outros jovens aqui, me questionem, pois acredito que os jovens se familiarizarão com os assuntos militares e compreenderão facilmente o que tenho a dizer. Os outros, por já terem os cabelos brancos e o sangue gelado, ou são inimigos da guerra ou incorrigíveis, como aqueles que acreditam que os tempos e não os maus caminhos constroem os homens a viver dessa forma. Portanto, pergunte qualquer coisa, com segurança e sem temor; é o que eu desejo, pois as pausas me servirão como descanso, e me dará o prazer de não deixar dúvidas em vossas mentes. Quero começar com suas palavras, com as quais você me disse que, na guerra, que é minha profissão, eu não usei nenhum dos métodos antigos. Sobre isso, eu digo que, como a profissão militar não assegura a nenhum homem uma remuneração que seja honesta e permanente, ela não pode ser empregada como uma profissão, exceto por uma república ou um reino, e ambas, se bem estabelecidas, nunca permitirão qualquer um de seus cidadãos ou súditos empregá-la como profissão, pois aquele que a pratica nunca será julgado bom, pois, para obter alguma utilidade a qualquer momento, ele deve ser voraz, enganoso, violento e ter muitas qualidades, o que necessariamente não o torna bom; nem os homens que a empregam como profissão, tanto os grandes quanto os menores, podem ser feitos de outra forma, pois esta profissão não os provê em tempos de paz. Por isso são obrigados a esperar que não haja paz ou a ganhar tanto para si próprios em tempos de guerra, que possam sustentar-se em tempos de paz. E onde quer que um desses dois pensamentos exista, ele não ocorre em um homem bom; pois, da necessidade de se sustentar em todas as circunstâncias resultam roubos, violência e assassinatos, que tais



soldados praticam tanto contra os amigos quanto contra os inimigos; e como não desejam a paz, surgem aqueles enganos que os capitães perpetraram sobre aqueles a quem eles lideram, porque a guerra os endurece, e mesmo que a paz ocorra com frequência, acontece que os chefes, privados de seus estipêndios e de seu modo de vida licencioso, erguem a bandeira da pirataria e, sem piedade, saqueiam uma província.

Você não se recorda, ao término da guerra, quando muitos soldados na Itália, encontrando-se sem emprego, reuniram-se em gangues muito problemáticas, chamadas Companhias, e saíram por aí cobrando tributos nas cidades e saqueando o país? Você não leu como os soldados cartagineses, quando a primeira guerra que travaram com os romanos sob Matus e Spendius terminou, escolheram tumultuosamente dois líderes e travaram uma guerra mais perigosa contra os cartagineses do que aquela que acabaram de concluir com os romanos? E no tempo de nossos pais, Francesco Sforza, para poder viver com honra em tempos de paz, não só enganou os milaneses, dos quais era soldado, mas tirou-lhes a liberdade e tornou-se príncipe de Milão. Todos os outros soldados da Itália, que empregaram o exército como profissão particular, foram como este homem; e se, por sua maldade, eles não se tornaram duques de Milão, muito mais eles merecem ser censurados, pois sem serem tão úteis, tiveram todos a mesma culpa. Sforza, pai de Francesco, obrigou a rainha Giovanna a se jogar nos braços do rei de Aragão, tendo-a abandonado repentinamente, e deixando-a desarmada entre seus inimigos, apenas para satisfazer sua ambição de cobrar tributo ou tomar o reino. Braccio, com o mesmo comportamento, procurou ocupar o Reino de Nápoles, e teria conseguido se não tivesse sido derrotado e morto em Aquilla. Esses males não resultam de outra coisa senão da existência de homens que empregam a prática de soldado como profissão. Tem um provérbio que fortalece meu argumento, que diz: “A guerra faz ladrões, e a paz os enforca”. Pois aqueles que não sabem viver de outra prática, e não encontram quem os apoie nisso, e não tendo tanta *virtù* para saberem conviver com honra, são forçados pela necessidade a vagar pelas ruas, e a justiça é obrigada a extingui-los.

**COSIMO:** Você rebaixou a quase nada a arte militar, e eu a considerava a mais excelente e a mais honrosa de todas, de modo que se você não esclarecer isso melhor, não ficarei satisfeito; pois se for como você diz, não sei de onde surge a glória de César, Pompeu, Cipião, Marcelo e de tantos capitães romanos que são pela fama celebrados como deuses.

**FABRIZIO:** Ainda não terminei de discutir tudo o que propus, que incluía duas coisas: uma, que um bom homem não poderia empregar a arte militar em seu próprio benefício; a outra, que uma república ou reino bem estabelecido



nunca permitiria que seus súditos ou cidadãos a usassem como arte. Quanto à primeira, falei tanto quanto me ocorreu; resta-me falar da segunda, onde responderei a esta sua última pergunta, e digo que Pompeu e César, e quase todos os capitães que estiveram em Roma, depois da última guerra cartaginesa, adquiriram fama de homens valentes, não de homens bons; mas aqueles que viveram antes deles adquiriram glória de homens valentes e bons; o que resulta do fato de estes últimos não terem praticado o exercício da guerra em seu próprio benefício; e aqueles que citei primeiro a empregaram como profissão. E enquanto a república se manteve pura, nenhum grande cidadão jamais presumiu enriquecer durante períodos de paz violando leis, espoliando as províncias, usurpando e tiranizando o país, e impondo-se em todos os sentidos; nem ninguém das classes inferiores pensou em violar seu juramento militar, aliar sua fortuna àquela do cidadão privado, não temer o Senado, ou praticar qualquer ato vergonhoso de tirania para viver da arte da guerra. Mas os que eram capitães, contentando-se com o triunfo, voltaram de bom grado à vida privada; e aqueles que eram membros do exército depunham com prazer as armas que haviam pegado; e todos voltaram com suas atividades habituais; nem jamais houve alguém que esperasse se sustentar dos despojos de guerra. Um exemplo claro e evidente disso no que se refere aos grandes cidadãos pode ser encontrado no regente Atilius Regulus, que, quando era capitão dos exércitos romanos na África, e quase derrotou os cartagineses, pediu ao Senado permissão para voltar para casa e cuidar de suas fazendas que estavam sendo estragadas por seus trabalhadores. De onde é mais claro que o sol, que se aquele homem tivesse usado a arte da guerra como sua profissão, e por meio dela pensasse em obter alguma vantagem para si, tendo tantas províncias que poderia saquear, não teria pedido permissão para voltar e cuidar das terras da família, pois em um dia ele poderia ter obtido mais do que o valor de todas as suas posses. Mas, como esses bons homens, que não praticam a guerra como profissão, não esperam ganhar nada com ela, exceto trabalho árduo, perigo e glória, assim que forem suficientemente gloriosos, desejam voltar para suas casas e viver do exercício da própria profissão. Quanto aos soldados a conduta parece ter sido a mesma, pois se não estivessem lutando alistavam-se voluntariamente, mas quando estavam lutando ansiavam pela dispensa. Poderia ilustrar com muitos exemplos, mas vou citar apenas um fato, de que um dos primeiros privilégios que o povo romano deu aos seus cidadãos, foi que eles não fossem obrigados a lutar contra a vontade. Roma, portanto, embora fosse bem organizada, o que era até a época dos Gracos, não tinha um soldado que fizesse da guerra sua profissão e, portanto, tinha poucos soldados ruins, e esses eram severamente punidos. Uma cidade bem organizada, portanto, deve desejar que este treina-



mento para a guerra seja empregado em tempos de paz como um exercício, e em tempos de guerra como uma necessidade, e permitir que somente o poder público possa usá-lo como arte, como Roma fez. E qualquer cidadão que tenha outros objetivos em usar tais exercícios é um mau cidadão, e qualquer cidade que se governe de outra forma, não está bem-ordenada.

**COSIMO:** Estou muito contente e satisfeito com o que você disse até agora, e esta conclusão que você fez me agrada muito; mas acredito que só é válida para as repúblicas; quanto aos reis, eu ainda não sei por que eu deveria acreditar que um rei não gostaria particularmente de ter por perto homens que se ocupem unicamente de guerra.

**FABRIZIO:** Um reino bem-ordenado deveria evitar tais artifícios, pois estas são apenas as coisas que corrompem o rei e todos os ministros em uma tirania. E, por outro lado, não me fale de algum reino atual, pois não vou admitir que todos sejam reinos bem-ordenados; pois reinos que são bem-ordenados não dão poder de governo absoluto a seus reis, exceto sobre os exércitos, porque só neles é necessário que haja decisões imediatas, e por isso mesmo é preciso uma única autoridade: em outras coisas, ele não pode fazer nada sem conselho, e aqueles que o aconselham devem temer aqueles que ele possa ter perto dele que, em tempos de paz, desejam a guerra porque não podem viver sem ela. Mas quero me alongar um pouco mais sobre esse assunto, sem buscar um reino perfeito, mas semelhante aos que existem hoje, onde mesmo como reis aqueles que consideram a guerra como sua arte devem ser temidos porque o cerne do exército, sem dúvida, é a infantaria. De modo que, se um rei não se organiza de maneira que sua infantaria em tempos de paz se contente em voltar para suas casas e viver da prática de suas próprias profissões, deve necessariamente acontecer que ele seja arruinado; pois não se encontra infantaria mais perigosa do que aquela que é composta por aqueles que fazem da guerra sua profissão; pois você é forçado a fazer guerra sempre, ou pagá-los sempre, ou arriscar o perigo de que eles tirem o reino de você. Fazer guerra sempre não é possível e não se pode pagar sempre; e, portanto, corre-se o perigo de perder o Estado. Meus romanos, como eu disse, por serem sábios e bons, nunca permitiram que seus cidadãos adotassem essa prática como sua profissão, embora pudessem educá-los em todos os momentos, pois fizeram guerra constantemente, mas para evitar os danos que esta prática contínua poderia fazer a eles, variavam os homens a serviço do exército, de modo que a cada quinze anos suas legiões eram renovadas. Empregavam homens na flor da idade, entre dezoito e trinta e cinco anos, época em que as pernas, as mãos e os olhos estão bem coordenados. Não esperavam que lhes diminuísse a força, crescendo a malícia, como se passou a fazer nos tempos da corrupção.



Otaviano, primeiro, e a seguir Tibério, pensando mais no próprio poder do que na utilidade pública, para governar mais facilmente o povo romano, começaram a desarmá-lo e a manter os mesmos exércitos continuamente nas fronteiras do Império. E porque não achavam suficiente manter o povo romano e o Senado sob controle, instituíram um exército chamado Pretoriano, que era mantido perto das muralhas de Roma em um forte adjacente àquela cidade. E como agora eles começaram livremente a permitir que homens designados para o exército praticassem assuntos militares como sua profissão, logo resultou em soldados insolentes e tornaram-se idôneos para o Senado e prejudiciais para o Imperador. Daí resultou que muitos homens foram mortos por causa de sua insolência, pois eles deram o Império e o tiraram de quem quiseram, e muitas vezes ocorreu que em certa época havia muitos imperadores criados pelos vários exércitos. Dessas coisas se seguiram, primeiro, a divisão do Império e finalmente sua ruína. Os reis devem, portanto, se quiserem viver em segurança, ter sua infantaria composta de homens, que, quando for necessário fazer a guerra, eles irão, de boa vontade e por amor a ela, e depois quando a paz vier, de boa vontade voltarão para suas casas; o que sempre acontecerá se ele selecionar homens que saibam viver de uma profissão diferente desta. E, portanto, ele deve desejar, com a chegada da paz, que seus príncipes voltem a governar seu povo, cavaleiros para o cultivo de suas posses, e a infantaria para suas artes particulares; e todos eles farão de bom grado guerra para ter paz, e não procurarão perturbar a paz para ter guerra.

**COSIMO:** Na verdade, seu raciocínio parece-me bem ponderado: no entanto, como é quase contrário ao que pensei até agora, a minha mente ainda não se purificou de todas as dúvidas. Pois vejo muitos senhores que se sustentam em tempos de paz por meio do treinamento para a guerra, assim como seus iguais, que obtêm provisões dos príncipes e da comunidade. Também vejo numerosos soldados que são contratados para defender cidades e fortalezas. Parece que cada um encontra um meio de sobreviver em tempos de paz.

**FABRIZIO:** Não acredito que você tenha essa opinião, que todos têm um lugar em tempos de paz; outros motivos podem ser citados, mas o pequeno número de pessoas que permanecem empregadas nos locais por si mencionados responderão à sua pergunta. Qual é a proporção de infantaria necessária a ser empregada em tempo de guerra em comparação com a de paz? Pois enquanto as fortalezas e a cidade são guarnecidas em tempos de paz, elas estão muito mais guarnecidas em tempos de guerra; a isso devem ser acrescentados os soldados mantidos no campo, que são um grande número, mas todos eles são liberados em tempos de paz. E acerca das guardas dos Estados, que são um pequeno número, o papa Júlio e vocês, florentinos, mostraram o quanto são



temíveis aqueles que não conhecem outra profissão senão a guerra, visto que vocês os tiraram de suas guardas por causa de suas insolências, e colocaram lá a guarda suíça, que nasceram e foram criados de acordo com as leis e são escolhidos pela comunidade em uma eleição honesta; portanto, não diga mais que cada um encontra um meio de sobreviver em tempos de paz. Quanto aos soldados que continuaram sendo pagos em tempos de paz, a resposta parece mais difícil. No entanto, quem bem considera tudo, facilmente encontrará a resposta, pois pagar os soldados em tempos de paz é um costume funesto. Como há homens que não possuem nenhuma arte, ofício ou profissão, mil males surgirão todos os dias nos Estados, e especialmente se eles forem acompanhados por um grande número de companheiros, mas como eles são poucos, e incapazes de constituir um exército, eles, portanto, não podem causar nenhum dano sério. Não obstante, tantas vezes o fizeram, como eu disse de Francesco e de Sforza, seu pai, e de Braccio de Perugia. Portanto, não aprovo esse costume de pagar os soldados, tanto porque é corrupto quanto porque pode causar grandes males.

**COSIMO:** Gostaria de renunciar a eles? Ou, se os mantivesse, como faria?

**FABRIZIO:** Por meio de uma ordenança<sup>11</sup>, não como as do rei da França, porque são tão perigosas e insolentes como as nossas, mas como os dos antigos, que criaram cavaleiros de seus súditos, e em tempos de paz os mandaram de volta para suas casas para viver da prática de sua própria profissão, como discutirei longamente antes de terminar esta discussão. Portanto, se essa parte do exército pode agora viver de acordo com essa prática, mesmo quando há paz, ela se origina de uma ordem corrupta. Quanto aos valores reservados para mim e para os outros líderes, eu digo a você que também é uma ordem muito corrupta, pois uma república sábia não deve pagá-los a ninguém, mas deve empregar seus cidadãos como líderes na guerra, e em tempos de paz desejar que eles voltem às suas artes. Assim, também, um rei sábio não deve dar provisões a ninguém, ou se ele as der, as razões devem ser ou como uma recompensa por algum ato excelente, ou por querer contar com um homem tanto na paz como na guerra.

E porque você me mencionou, quero que o exemplo me inclua, e digo que nunca exerci a guerra como arte, pois minha arte é governar meus súditos e defendê-los, e para tanto, devo amar a paz, mas saber como fazer a guerra; e meu rei não me recompensa e estima tanto pelo que sei da guerra, mas porque também sei aconselhá-lo em tempos de paz. Qualquer rei não deve, portanto,

---

<sup>1</sup> Ordenança em italiano “ordinanza” significa: arranjo ordenado, com referência especial aos aspectos técnicos, organizacionais e estratégicos da arte militar.



querer ter ao seu lado alguém que não seja assim constituído, se for sábio e quiser governar com prudência; pois se ele tiver ao seu redor muitos amantes da paz ou muitos amantes da guerra, eles o farão errar. Não posso, nesta minha primeira discussão e de acordo com minha sugestão, dizer o contrário, e se isso não for suficiente para você, você deve procurar um que o satisfaça melhor. Você pode começar a reconhecer quanta dificuldade há em trazer os métodos antigos para as guerras modernas, que preparativos um homem sábio deve fazer e que oportunidades pode esperar para colocá-los em execução. Mas, pouco a pouco, você conhecerá melhor essas coisas, se a discussão sobre como introduzir qualquer parte das antigas instituições à ordem atual das coisas não o cansar.

**COSIMO:** Se antes desejávamos ouvir sua discussão sobre esses assuntos, realmente o que você disse até agora redobra esse desejo. Agradecemos, portanto, pelo que tivemos e pedimos que conclua o que lhe resta ainda a dizer.

**FABRIZIO:** Sendo este o seu prazer, quero começar a tratar deste assunto desde o início, podendo assim demonstrá-lo de forma mais completa, para que possa ser melhor compreendido. O objetivo de quem quer fazer a guerra é ser capaz de combater no campo com todo tipo de inimigo, e ser capaz de vencer o confronto. Para fazer isso, é preciso formar um exército. Para tanto, é necessário encontrar homens, armá-los, organizá-los, treiná-los em pequenas e grandes ordens de batalha, alojá-los e depois expô-los ao inimigo. Toda a indústria da guerra no campo se concentra nessas coisas, que são as mais necessárias e honradas. E se alguém oferece batalha ao inimigo, todos os outros erros que ele pode cometer na condução da guerra são suportáveis, mas se ele não tiver essa organização, mesmo que seja valente em outras particularidades, jamais haverá de concluir uma guerra com honra. Uma vitória destrói o efeito das piores operações, mas uma derrota aborta os planos mais sabidamente traçados. Visto que é necessário, portanto, primeiro recrutar os homens, e então tratar do *Deletto*<sup>[2]</sup>. Os que elaboraram regulamentos para a guerra desejam que os homens sejam escolhidos em países de clima temperado, pois países de regiões quentes dão origem a homens prudentes, mas não corajosos, e países frios a homens belicosos, mas imprudentes. Este regulamento é bem elaborado para aquele que é o príncipe de todo o mundo e, portanto, pode atrair os homens daqueles lugares que lhe parecem melhores, mas querendo redigir um regulamento que todos possam usar, deve-se dizer que cada república e cada reino devem escolher soldados de seu próprio território, seja ele quente, frio ou temperado. Pois, a partir de exemplos antigos, pode-se ver que, em todos

---

2 A palavra italiana "delleto" vem do latim *delectus*, que significa selecionado.



os países, bons soldados são formados pelo treinamento; porque onde falta natureza, supre a indústria, que, neste caso, vale mais que a natureza. E não se pode chamar de *Deletto* aqueles selecionados de outro lugar, porque criar um *Deletto* significa tirar o melhor de uma província, e ter o poder de selecionar tanto aqueles que não querem lutar quanto aqueles que querem. Este *Deletto*, portanto, não pode ser feito a menos que os lugares estejam submetidos a você; pois você não pode levar quem você quiser em países que não são seus, mas você precisa levar aqueles que querem combater.

**COSIMO:** E daqueles que querem combater, pode-se deixar alguns de lado, e por isso pode então ser chamado de *Deletto*.

**FABRIZIO:** De certa forma, o que você diz é verdade, mas considere os defeitos que tal *Deletto* tem em si, pois muitas vezes acontece que não é uma seleção. A primeira coisa a considerar é que aqueles que não são seus súditos e querem lutar voluntariamente, não são os melhores, mas sim o pior de uma província; pois são problemáticos, preguiçosos, sem religião, blasfemos, jogadores, e em todos os sentidos mal-educados, esses hábitos não podem ser mais contrários a uma verdadeira e boa vida militar. Quando há tantos desses homens oferecidos a você, que excedem o número designado, você pode selecioná-los; mas se o material é ruim, é impossível que o *Deletto* seja bom: mas muitas vezes acontece que eles não são suficientes para preencher o número que você precisa, e sendo forçado a levar todos, resulta que não pode mais ser chamado de um *Deletto*, mas de alistamento de infantaria. Os exércitos da Itália e de outros lugares se levantam hoje com esses males, exceto na Alemanha, onde ninguém é alistado pelo comando do príncipe, mas de acordo com a vontade de quem quer lutar. Pense, portanto, que métodos daqueles antigos podem agora ser introduzidos em um exército de homens formado por meios semelhantes.

**COSIMO:** Que meios devem ser usados, portanto?

**FABRIZIO:** Os que acabei de dizer: selecione-os entre seus próprios súditos e com a autoridade do príncipe.

**COSIMO:** Você introduziria alguma forma antiga naqueles selecionados?

**FABRIZIO:** Você sabe bem que seria assim; se for um principado, quem mandar deve ser seu príncipe ou um lorde comum, ou se for uma república, um cidadão que por enquanto deve ser capitão, caso contrário, é difícil fazer algo de bom.

**COSIMO:** Por quê?

**FABRIZIO:** Eu direi a você no tempo devido: por enquanto, quero que isso seja suficiente para você: não se pode agir bem a não ser por essa forma.



**COSIMO:** Se precisa, portanto, criar o *Deletto* no seu território, de onde julgas melhor tirá-los, da cidade ou do campo?

**FABRIZIO:** Todos os que escreveram sobre isso concordam que é melhor selecioná-los do campo, pois são homens acostumados ao desconforto, criados para o trabalho duro, acostumados a estar ao sol e evitar a sombra, sabem manejar a espada, cavam uma vala, carregam uma carga e não têm astúcia ou malícia. Mas, sobre este assunto, minha opinião seria que, como os soldados são de dois tipos, a pé e a cavalo, aqueles a pé devem ser selecionados do campo, e os a cavalo, da cidade.

**COSIMO:** Qual seria a idade dos recrutados?

**FABRIZIO:** Se eu tivesse de formar um exército inteiramente novo, eu escolheria homens de dezessete aos quarenta anos de idade; se o exército já existisse e eu tivesse de reabastecê-lo, recrutaria aqueles com dezessete anos.

**COSIMO:** Não entendo bem essa distinção.

**FABRIZIO:** Se eu tivesse que organizar um exército do zero, seria necessário selecionar todos os homens que fossem mais capazes, desde que estivessem em idade militar, para instruí-los como eu quisesse, mas se eu tivesse que fazer o *Deletto* em lugares onde o exército já estivesse organizado, para complementá-lo, eu pegaria os de dezessete anos, porque os outros já teriam sido selecionados e instruídos há um tempo.

**COSIMO:** Portanto, você gostaria de organizar uma milícia semelhante à que existe em nossos territórios.

**FABRIZIO:** A verdade é que eu os armaria, comandaria, treinaria e organizaria, de uma forma que não sei se vocês os organizariam ou não da mesma forma.

**COSIMO:** Portanto, você elogia o exército?

**FABRIZIO:** Por que eu haveria de criticar?

**COSIMO:** Porque muitos sábios o criticam.

**FABRIZIO:** Você diz algo contrário, quando diz que um homem sábio criticou o exército, pois ele pode ser considerado um homem sábio e tê-lo criticado injustamente.

**COSIMO:** A conclusão errada que ele fez sempre nos levará a ter tal opinião.

**FABRIZIO:** Observe se esse é um defeito seu, não dele: o que você conhecerá antes que termine essa discussão.

**COSIMO:** Eu quero dizer-lhe que deve ser capaz de se justificar melhor sobre aquilo de que esses homens são acusados. Esses homens dizem assim: ou a ordenança é inútil e nossa confiança nela nos fará perder o Estado, ou ela é virtuosa e, mediante ela, quem o governa poderá facilmente tomar o Estado.



Eles citam os romanos, que por suas próprias armas perderam a liberdade. Citam os venezianos e o rei da França, sobre os quais dizem que os primeiros, para não obedecer a um de seus cidadãos, empregaram as armas de outros, e o rei desarmou o seu povo para poder comandá-lo mais facilmente. Mas eles temem muito mais a inutilidade desse; para cuja inutilidade citam duas razões principais: uma, porque são inexperientes, e outra, porque têm de lutar pela força, porque dizem que nunca aprendem nada na idade adulta e nada de bom se faz pela força.

**FABRIZIO:** Todas as razões que você menciona são de homens que têm dificuldade de ter uma visão de futuro, como vou mostrar claramente. E em primeiro lugar, quanto à inutilidade, digo a você que nenhum exército é mais útil do que do seu próprio país, e só pode ser organizado desta forma. Todos os exemplos da história antiga demonstram essa verdade. E porque eles citam a inexperiência e a força, eu digo que a inexperiência dá origem a pouca coragem e a força contribui para o descontentamento, mas a experiência e a coragem ganham para si os meios para armar, treinar e organizar, como você verá na primeira parte desta discussão. Mas quanto à força, você deve entender que, como os homens são trazidos para o exército por ordem do príncipe, eles têm de vir, seja inteiramente pela força ou voluntariamente, pois se fosse inteiramente por desejo, não haveria um *Deletto*, pois apenas alguns deles iriam; assim também, ir inteiramente à força produziria resultados ruins; portanto, um meio-termo deve ser tomado, mas eles devem vir atraídos pelo respeito que têm pelo príncipe, de modo que têm mais medo de sua ira do que da punição. E se olharem para isso, descobrirão que não teria acontecido por causa de um defeito nos meios, mas da organização que não era suficientemente perfeita. Eles devem prover para você, não censurando a organização, mas corrigindo-a; como isso deve ser feito, você saberá no momento certo.

Quanto a estar apreensivo de que tal exército não o privará do Estado de quem se faz líder, respondo que as armas de seus cidadãos ou súditos, que dadas pela lei e pela ordem, nunca o prejudicam, mas sim o são sempre de alguma utilidade, e preservam a cidade incorrupta. Roma permaneceu livre quatrocentos anos enquanto armada, Esparta, oitocentos, muitas outras cidades foram desarmadas e ficaram livres por menos de quarenta anos; pois as cidades precisam de armas e, se não tiverem armas próprias, alugam-nas de estrangeiros, e as armas de estrangeiros causam mais danos ao bem público do que as suas próprias, pois são mais fáceis de corromper. Um cidadão que se torna poderoso pode se beneficiar mais prontamente e também administrar o povo, pois oprime os homens desarmados. Além disso, uma cidade deve temer dois



inimigos mais do que um. Aquele que se vale de estrangeiros imediatamente tem de temer não só seus cidadãos, mas também os estrangeiros que alista, e, lembrando-me do que eu disse há pouco sobre Francesco Sforza, você verá que esse medo deve existir. Aquele que emprega suas próprias armas, não tem outro medo, exceto de seus próprios cidadãos. Mas de todas as razões que podem ser apresentadas, quero me servir desta, que ninguém jamais tenha estabelecido qualquer república ou reino que não achasse que deveria ser defendido por seus próprios habitantes; se os venezianos tivessem sido tão sábios nisso como em suas outras instituições, eles teriam criado uma nova monarquia; mas eles merecem ser censurados por isso, porque foram os primeiros a serem armados por seus fundadores. E não tendo domínio em terra, armaram-se no mar, onde travaram guerra com coragem e armas nas mãos ampliando seu país.

Mas quando chegou o momento em que eles tiveram de fazer guerra em terra para defender Veneza, onde eles deveriam ter enviado seus próprios cidadãos para lutar, eles assoldaram o Marquês de Mântua para ser capitão. Essa foi uma resolução equivocada que impediu que eles se expandissem. E eles fizeram isso na crença de que, como eles sabiam como fazer a guerra no mar, eles não deveriam confiar em si mesmos em travarem em terra; o que era uma crença insensata, porque um capitão do mar, que é acostumado a combater com ventos, água e homens, poderia mais facilmente se tornar um capitão em terra onde o combate é apenas com homens. Meus romanos, sabendo combater em terra e não no mar, quando a guerra estourou com os cartagineses que eram poderosos no mar, não alistaram gregos ou espanhóis que tinham experiência no mar, mas impuseram esse ofício aos cidadãos em terra, e eles venceram. Visto isso, deviam ver que as armas nas mãos de seus cidadãos não poderiam torná-los tiranos, e sim as más instruções do governo que levam a tyrannizar uma cidade; e tendo eles um bom governo, não deviam temer as suas armas. Tomaram, portanto, uma resolução imprudente, a qual foi a causa de serem privados da glória.

Quanto ao erro que o rei da França cometeu ao não ter seu povo disciplinado para a guerra, pelo que foi citado a partir de exemplos anteriormente mencionados, não há ninguém, salvo alguma paixão particular, que não julgue um defeito desse reino, e que essa negligência é o que o torna fraco. Mas eu fiz uma digressão muito longa e me afastei do assunto: ainda assim, isso para responder a você que nenhuma confiança pode ser tida em armas além de suas próprias, e seus próprios braços não podem ser estabelecidos de outra forma a não ser por meio de uma ordenança, nem podem ser introduzidas formas de exércitos em qualquer lugar, nem de outra maneira ordenar uma disciplina militar. Se você leu os arranjos que os primeiros reis fizeram em Roma, e es-



pecialmente de Servius Tullus, você descobrirá que a instituição das aulas não passa de um arranjo para ser capaz de rapidamente reunir um exército para a defesa dessa cidade. Mas voltando ao nosso *Deletto*, eu digo novamente, tendo que restaurar uma ordenação estabelecida eu escolheria os homens de dezessete anos, mas tendo que criar uma nova, eu escolheria de todas as idades entre dezessete e quarenta anos, para poder me valer deles rapidamente.

**COSIMO:** Você levaria em conta a arte para selecionar os homens?

**FABRIZIO:** Escritores (que tratavam da arte militar na Antiguidade) levavam isso em consideração, pois não queriam que caçadores de pássaros, pescadores, cozinheiros, procuradores e qualquer um que praticasse sua profissão por divertimento fossem aceitos, mas lavradores do solo, ferreiros, carpinteiros, açougueiros, caçadores e outros semelhantes deveriam ser recrutados. Do meu ponto de vista, deduzir da arte a qualidade do homem faria pouca diferença, mas o faria para poder empregá-los com mais utilidade. Por esse motivo, os camponeses, que estão acostumados a lavrar a terra, são os mais úteis de todos, porque de todas as artes essa é a que mais bem se adapta aos exércitos; depois disso, são os ferreiros, carpinteiros, talhadores, sapateiros; de quem é útil ter muitos, sendo muito bom ter um soldado do qual se possa extrair dupla função.

**COSIMO:** Como são escolhidos aqueles que estão ou não aptos para lutar?

**FABRIZIO:** Quero falar sobre a maneira de selecionar uma nova ordenança para depois fazer dela um exército; ainda quero discutir a seleção na reconstrução de uma ordenança antiga. Eu digo que um bom candidato é reconhecido por sua experiência, demonstrada por alguns feitos excelentes, ou por conjecturas. A prova de coragem não pode ser encontrada em homens que foram recentemente selecionados, e que nunca foram antes selecionados; e do primeiro, poucos ou nenhum são encontrados em uma organização que é recentemente estabelecida. É necessário, portanto, na falta de experiência recorrer à conjectura, que é derivada da idade, profissão e aparência física. Os dois primeiros foram discutidos: resta falar do terceiro. E ainda digo que alguns, como Pirro, quiseram que o soldado fosse alto; outros foram escolhidos apenas pela força do corpo, como fez César. E, no entanto, alguns dos que escreveram dizem que os soldados devem ter olhos vivos e alegres, um pescoço enervado, um peito grande, braços musculosos, dedos longos, pouca barriga, quadris redondos, pernas e pés elegantes; tais partes geralmente tornam um homem forte e ágil, que são as duas coisas procuradas em um soldado. Ele deve, acima de tudo, ter consideração por seus hábitos e deve haver um senso de honestidade e vergonha, caso contrário, será selecionado apenas um instrumento de problema e um início de corrupção; pois não há ninguém que acredite que em



uma educação desonesta e em uma mente bruta possa haver alguma virtude e que alguma parte possa ser louvável. Não me parece supérfluo, ao contrário, acredito que seja necessário, para que você compreenda melhor a importância desta seleção, dizer o método que os cônsules romanos no início de sua magistratura utilizavam na seleção das legiões romanas.

O *Deletto* era feito a partir de uma mistura de novatos e veteranos, por causa das guerras contínuas, eles procederam da experiência em relação aos veteranos, e de conjecturas em relação aos novos. Deve ser notado, que essas seleções são feitas, seja para treinamento imediato, ou para emprego futuro.

Falei, e falarei, daqueles que são feitos para um futuro emprego, porque minha intenção é mostrar como um exército pode ser organizado em países onde não há milícia, nos quais não se pode proceder o *Deletto* para empregá-los imediatamente; mas em países onde é costume convocar exércitos por meio do príncipe, como foi observado em Roma e hoje é observado entre os suíços. Pois nessas seleções, se são de novos homens, há tantos outros acostumados a estar sob ordens militares, que os veteranos e os novatos, sendo misturados, formam um corpo bom e unido. Apesar disso, os imperadores, quando começaram a manter quartéis, colocaram novos homens encarregados dos soldados, a quem chamavam de recrutas, e professores para treiná-los, como se vê na vida do Imperador Máximo. Assim, enquanto Roma era livre, os jovens eram treinados não no exército, mas dentro da cidade; e como os exercícios militares aconteciam na cidade, resultou que aqueles então escolhidos para ir à guerra, sendo acostumados com o método da guerra simulada, poderiam facilmente se adaptar à guerra real.

Mas depois, quando esses imperadores descontinuaram esses exercícios, foi necessário empregar os métodos que descrevi. Chegando, portanto, aos métodos do *Deletto* romano, digo que, assim que os cônsules romanos, a quem foi imposto o ônus da guerra, assumiram então a Magistratura, ao querer organizar seus exércitos, pois era costume que cada um deles tivesse duas legiões de homens romanos, que eram o centro de seus exércitos, criaram vinte e quatro tribunos militares, propondo seis para cada legião, os quais desempenhavam o ofício que exercem hoje aqueles que chamamos condestáveis.

Reuniram todos os homens romanos aptos a portar armas, e separaram os tribunos de cada legião. Depois, por sorteio, eles organizaram as tribos, das quais a primeira seleção seria feita, e dessa tribo eles selecionaram quatro de seus melhores homens, dos quais um foi selecionado pelos tribunos da primeira legião, e das outras três, uma foi selecionada pelos tribunos da segunda legião; das outras duas, uma foi selecionada pelos tribunos da terceira, e esta última pertencia à quarta legião. Após esses quatro, outros quatro foram se-



leccionados, dos quais o primeiro homem foi selecionado pelos tribunos da segunda legião, o segundo pelos da terceira, o terceiro por aqueles da quarta, o quarto permanecia na primeira. Depois foram escolhidos mais quatro; o primeiro homem foi selecionado pelos tribunos da terceira legião, o segundo pelo quarto, o terceiro pelo primeiro, e ao quarto restava o segundo. E assim este método de seleção mudou sucessivamente, de modo que a seleção passou a ser igual, e as legiões empataram. E como dissemos antes, isso foi feito onde os homens deveriam ser usados imediatamente; e como era formado por homens dos quais uma boa parte era experiente na guerra real, e todos em batalhas simuladas, este *Deletto* foi capaz de ser empregado com base em conjecturas e experiências. Mas quando um novo exército estava para ser organizado e a seleção feita para emprego futuro, este *Deletto* só podia ser baseado em conjectura, que é feita por idade e aparência física.

**COSIMO:** Eu acredito que o que disse é inteiramente verdade, mas antes que você passe para outra discussão, eu quero perguntar sobre uma coisa que você me fez lembrar, quando disse que o *Deletto* feito onde não houvesse homens prontos para combater teria de se fazer por conjectura; pois ouvi nossa organização censurada em muitas de suas partes, e especialmente quanto ao número; muitos dizem que um número menor deve ser arregimentado para facilitar a seleção, pois não haveria tantas dificuldades impostas aos homens, e seria possível oferecer uma recompensa a eles, por meio da qual eles estariam mais contentes e poderiam ser facilmente comandados. Gostaria de saber sua opinião sobre esta parte, e se você prefere um número maior ao invés de um menor, e quais métodos você usaria ao selecionar ambos os números.

**FABRIZIO:** Sem dúvida o maior número é melhor e mais necessário do que o menor, ou seja, onde um grande número não está disponível, uma organização não será perfeita. Digo, portanto, que o menor número onde há muitas pessoas, como exemplo na Toscana, não faz com que você tenha os melhores, nem que o *Deletto* seja mais seletivo; por que quem desejar selecionar os homens julgando como base a experiência, encontrariam poucos naquele país que teriam essa experiência, porque poucos estiveram em guerra, e daqueles poucos que foram, uma pequena parte passou por provas que os tornassem merecedores de serem escolhidos antes dos demais; para quem se encontra em situação semelhante, ao selecioná-los, deve deixar a experiência de lado e tomá-los por conjectura; Gostaria de saber, se me vierem à frente vinte jovens de boa aparência, qual regra devo adotar para selecionar ou rejeitar alguns; de tal modo que, sem dúvida, acredito que qualquer homem concordará que seria um erro arregimentá-los todos para então ar-



má-los e treiná-los, sem saber qual deles se sairia melhor, e fazer depois a seleção mais correta quando, ao fazê-los praticar, se conheçam aqueles com mais disposição e coragem. Então, considerado tudo, escolher poucos para ter o melhor é totalmente falso. Quanto a provocar menos sofrimento à região e aos homens, digo que a ordenança, muita ou pouca que ela seja, não provoca nenhum sofrimento, porque não tira os homens de nenhum de seus negócios, não lhes prende a ponto de impedi-los de fazer as coisas que estão habituados fazer, pois só estão obrigados a se reunirem para exercitar nos dias de folga; algo que não traz dano à região nem aos homens, antes terão prazer nisso os jovens, já que, em vez de nos dias festivos permanecerem ociosamente reunidos, praticariam com prazer esses exercícios, porque o trato das armas, como é um belo espetáculo, é para os jovens bem prazeroso.

Quanto a ser capaz de pagar mais para o menor número e, assim, mantê-los mais contentes e obedientes, eu respondo, que não se forma uma organização de tão poucos que seja possível pagá-los continuamente, e que seu pagamento os satisfaça. Por exemplo, se fosse organizado um exército de cinco mil infantes, querendo pagá-los para que eles ficassem contentes, eles deveriam receber pelo menos dez mil ducados por mês. Começar com este número de infantaria não é suficiente para fazer um exército, e o pagamento é insuportável para um Estado; e por outro lado, não é suficiente manter os homens com conteúdo e obrigado a respeitar a sua posição. Então, ao fazer isso, seria gasto muito, forneceria pouca força e não seria suficiente para lhe defender, ou permitir-lhe realizar qualquer empreendimento. Se você desse mais a eles, ou tomasse mais deles, impossível seria para você pagá-los, ficariam menos contentes e muito menos úteis eles seriam para você.

Portanto, aqueles que pensam em formar uma ordenança e pagá-la, enquanto ela fica em casa, pensam coisas impossíveis ou inúteis. Mas é bastante necessário pagá-los quando são recrutados para irem à guerra. Ainda se tais ordenanças provocassem aos seus inscritos alguma dificuldade nos tempos de paz, algo que não vejo, eles ainda seriam recompensados por todos esses benefícios que um exército estabelecido em uma cidade traz, porque sem ele nada está seguro. Eu devo concluir que quem deseja um pequeno número para poder pagá-los, ou para qualquer outro motivo citado por você, não sabe o que está fazendo; pois isso também vai acontecer, na minha opinião, que qualquer número diminuirá em suas mãos, por causa dos inúmeros impedimentos que os homens têm; de modo que o pequeno número não terá sucesso em nada.

No entanto, quando você tem uma grande ordenança, pode aproveitar poucos ou muitos. Além disso, serve a você de fato, mas um grande número sempre lhe dará reputação. Além do mais, na criação da organização, a fim



de manter os homens treinados, se você inscrever um pequeno número de homens em muitos países, os exércitos estarão muito distantes uns dos outros, e você não pode treiná-los com exercícios conjuntos, e sem este treinamento a ordenança é inútil, como será mostrado em seu devido lugar.

**COSIMO:** O que você respondeu é suficiente sobre a minha pergunta, mas agora desejo que você me esclareça outra dúvida. Há quem diga que tal multidão de homens armados causaria confusão, problemas e desordem no país.

**FABRIZIO:** Esta é outra vã opinião pelo motivo que vou lhe dizer. Essas armas organizadas podem causar transtornos de duas maneiras: entre si ou contra terceiros; ambos podem ser evitados onde a disciplina por si só não deveria fazê-lo; pois quanto aos problemas entre si, a organização os remove, não os educa, porque na organização você lhes dá armas e líderes. Se o país onde você os organiza é tão sem guerra que não há armas entre seus homens, e tão unido que não há líderes, tal organização os tornará mais ferozes contra o estrangeiro, mas de forma alguma os tornará mais desunidos, porque homens bem organizados, armados ou desarmados, temem as leis e nunca podem mudar, a menos que os líderes que você lhes dê causem uma mudança; e mais tarde direi a maneira de fazer isso.

Mas se o país onde você organizou um exército é belicoso e desunido, esta organização por si só é razão suficiente para uni-los, pois esses homens têm armas e líderes para si; mas as armas são inúteis para a guerra, e os líderes causam problemas; mas esta organização lhes dá armas úteis para a guerra e líderes que irão extinguir os problemas; pois assim que alguém é ferido naquele país, ele recorre ao seu líder do partido, que, para manter sua reputação, o aconselha a se vingar e a não permanecer em paz. O líder público faz o contrário. De modo que, por este meio, as causas do problema são removidas e substituídas por aquelas da união; e as províncias que são unidas, mas frágeis, perdem sua utilidade, mas mantêm a união, enquanto aquelas que estão desunidas e problemáticas permanecem unidas; e aquela ferocidade desordenada que eles geralmente empregam é transformada em utilidade pública.

Quanto a desejar que eles nos prejudiquem contra os outros, deve-se ter em mente que eles não podem fazer isso, exceto pelos líderes que os governam. Ao desejar que os líderes não causem transtornos, é preciso ter cuidado para que não adquiram demasiada autoridade sobre eles. E você deve ter em mente que essa autoridade é adquirida naturalmente ou por acaso. Quanto à natureza, deve-se providenciar que quem nasce em um lugar não seja encarregado de homens matriculados em outro lugar, mas seja feito um líder nos lugares onde



ele não tem nenhuma conexão natural. Quanto ao acaso, a organização deve ser tal que a cada ano os líderes sejam trocados de comando para comando; pois a autoridade contínua sobre os mesmos homens gera unidade entre eles, que pode facilmente se converter em preconceito contra o príncipe. Quanto a essas trocas serem úteis para aqueles que as empregaram, e prejudiciais para aqueles que não as observaram, é conhecido pelo exemplo do Reino da Assíria e do Império Romano, no qual se vê que o antigo reino suportou mil anos sem tumulto e sem guerra civil; o que não resultou em outra coisa senão das trocas daqueles capitães, que foram colocados no comando do cuidado dos exércitos, de um lugar para outro a cada ano. Nem, por outras razões, resultou no Império Romano; extinto o sangue dos Césares, surgiram tantas guerras civis entre os capitães dos exércitos, e tantas conspirações dos supracitados capitães contra os Imperadores, decorrentes da continuação desses capitães em seus mesmos postos.

E se algum desses imperadores, e qualquer um que mais tarde manteve o império pela reputação, como Adriano, Marco, Severo e outros como eles, tivesse observado tais acontecimentos, e tivesse introduzido este costume de trocar capitães naquele Império, sem dúvida o império teria sido mais tranquilo e duradouro; pois os capitães teriam menos oportunidades de criar tumultos, e os imperadores menos motivos para temê-los, e o Senado, quando faltasse a sucessão, teria mais autoridade na eleição dos imperadores e, consequentemente, melhores condições teria resultado. Mas os maus costumes dos homens, seja por ignorância ou pouca diligência, seja por exemplos de bons ou maus, nunca são deixados de lado.

**COSIMO:** Não sei se, com a minha pergunta, saí dos limites que você fixou; pois a partir do *Deletto* entramos em outra discussão e, se não me desculpar, devo acreditar que mereço alguma censura.

**FABRIZIO:** Isso não nos fez mal; pois toda essa discussão foi necessária para se querer discutir a ordenança (de um exército), a qual, sendo censurada por muitos, era necessário explicá-la, se se deseja que isto aconteça antes do *Deletto*. E antes de discutir as outras partes, quero discutir o *Deletto* para soldados a cavalo. Essa seleção era feita entre os mais ricos pelos antigos, levando em consideração a idade e a qualidade dos homens, selecionando trezentos para cada legião: de modo que a cavalaria romana em cada exército consular não ultrapassava seiscentos.

**COSIMO:** Você organizaria os cavaleiros para treiná-los em casa e aproveitá-los no futuro?



**FABRIZIO:** Na verdade, é uma necessidade e não pode ser feita de outra forma, se você quiser que eles peguem em armas por você, e não quiser tirá-las daqueles que fazem dela uma arte.

**COSIMO:** Como você os selecionaria?

**FABRIZIO:** Eu imitaria os romanos: selecionaria os mais ricos e lhes daria líderes da mesma maneira que são dados aos outros hoje, e os armaria e treinaria.

**COSIMO:** Seria bom dar a esses homens alguma remuneração?

**FABRIZIO:** Sim, de fato: mas apenas o quanto for necessário para cuidar do cavalo; pois, como acarreta despesas para seus súditos, eles podem reclamar de você. Seria necessário, portanto, pagá-los pelo cavalo e pela sua manutenção.

**COSIMO:** Quantos você faria? Como você os armaria?

**FABRIZIO:** Você passa para outra discussão. Eu direi a você no momento oportuno, que será quando eu disser como a infantaria deve ser armada e como ela deve se preparar para um combate.



*“Muitas vezes  
ocorre que um  
homem corajoso  
está montado em  
um cavalo humilde,  
e um homem vil em  
um cavalo corajoso,  
e essa diferença  
de coragem causa  
transtornos.”*

MAQUIAVEL





Gravura de Fabrizio Colonna (século XVI), grande condestável do Reino de Nápoles. Autor desconhecido.



# Livro Segundo

**A** credito que seja necessário, uma vez que os homens sejam selecionados, armá-los; e, ao fazer isso, e então examinar quais armas os antigos usavam e delas selecionar as melhores. Os romanos dividiram sua infantaria em pesadamente e levemente armadas. As levemente armadas deram o nome de vélites<sup>[1]</sup>. Sob esse nome, incluíam todos os que operavam com funda, besta e dardos; e a maior parte deles carregava um capacete e um escudo no braço para sua defesa. Esses homens lutavam fora das fileiras regulares, e além da armadura pesada, que era uma barbuda que ia até os ombros, eles também carregavam uma couraça que descia até os joelhos, e seus braços e pernas eram cobertos por caneleiras e pulseiras; carregavam também abraçado um escudo de dois braços de comprimento e um de largura, que tinha um aro de ferro para sustentar um golpe, e outro por baixo, para que ao esfregar no solo não fosse desgastado. Para atacar, eles amarravam no lado esquerdo uma espada de um braço e meio de comprimento e uma adaga no lado direito. Carregavam uma lança, que chamavam de pilo, e que atiravam contra o inimigo no início da batalha. Estas foram as importantes armas romanas, com as quais conquistaram o mundo.

---

<sup>1</sup> Vélite era um soldado de infantaria provido de armas leves entre os antigos romanos.



E embora alguns dos escritores antigos também lhes tenham dado, além das armas acima mencionadas, uma lança na mão semelhante a um dardo, não sei como uma lança pode ser usada por quem segura um escudo, para administrar com as duas mãos é impedido pelo escudo, e ele não pode fazer nada de útil com uma mão por causa de seu peso. Além disso, o combate nas fileiras com a lança é inútil, exceto na primeira fila onde há amplo espaço para estender completamente a lança, o que não pode ser feito nas fileiras internas, devido à natureza dos batalhões; de modo que todas as lanças que excedem dois braços de comprimento são inúteis em lugares apertados; pois se você tem uma lança e quer usá-la com ambas as mãos, e manuseado de forma que o escudo não o incomode, você não pode atacar um inimigo que está próximo a você. Se você a pegar com uma das mãos para servir-se do escudo, não poderá pegá-lo senão no meio, e fica tanto da lança na parte de trás, que os que estão atrás o impedem de usá-la. E é verdade que os romanos não tinham lanças, ou, tendo-as, pouco valorizavam, você vai ler em todos os relatos de Tito Lívio em sua história, onde verá que muito raramente são mencionadas as lanças, ao contrário, ele sempre diz que, depois de arremessar os pilos, eles colocam as mãos na espada. Portanto, quero deixar esta lança, e relatar o quanto os romanos usavam a espada para o ataque, e para a defesa, o escudo junto com as outras armas mencionadas acima.

Os gregos não se armavam tão fortemente para a defesa como os romanos, mas no ataque confiavam mais nessa lança do que na espada, e especialmente as falanges da Macedônia, que carregavam lanças que chamavam de sarissas, com bons dez braços de comprimento, com as quais eles abriram as fileiras inimigas e mantiveram a ordem nas falanges. E embora outros escritores digam que eles também tinham um escudo, não sei, pelas razões apresentadas acima, como a sarissa e os escudos poderiam coexistir. Além disso, no confronto que Paulus Emilius teve com Perseu, rei da Macedônia, não me lembro de ter mencionado os escudos, mas apenas as sarissas e da dificuldade que os romanos tiveram em vencê-los. De modo que conjecturo que uma falange macedônia nada mais era do que um batalhão de suíços hoje, que tem toda sua força e poder em suas lanças. Os romanos, além das armas, ornamentaram a infantaria com plumas; coisas que tornam a visão de um exército bela para os amigos e terrível para os inimigos. As armas para homens a cavalo no antigo exército romano original eram um escudo redondo, e eles tinham a cabeça coberta, mas o resto do corpo sem armadura. Eles tinham uma espada e uma lança com ponta de ferro, longa e fina; e não conseguiam segurar o escudo com firmeza e só faziam movimentos fracos com a lança, por não possuírem armadura, ficavam expostos a ferimentos.



Depois, com o tempo, foram armados como a infantaria, mas o escudo era muito menor e quadrado, e a lança mais sólida e com duas pontas de ferro, para que se um lado estivesse avariado, eles pudessem aproveitar o outro. Com estas armas, tanto de infantaria como de cavalaria, os meus romanos ocuparam todo o mundo, e deve-se acreditar, pelos frutos que se observam, que foram os melhores exércitos armados que alguma vez existiram. E Titus Livius, em suas histórias, dá muitas provas, onde, ao chegar à comparação com os exércitos inimigos, ele diz: “os romanos eram superiores em *virtù*, tipos de armas e disciplina”. E, portanto, discuti mais em particular as armas dos vencedores do que as dos perdedores. Parece-me apropriado discutir apenas os métodos atuais de armamento. A infantaria tem como defesa uma placa peitoral de ferro e, para o ataque, uma lança de nove braços de comprimento que eles chamam de pique, e uma espada ao lado, mais arredondada na ponta do que afiada. Este é o armamento comum da infantaria hoje, pois poucos têm seus braços e canelas protegidos por armadura, e ninguém a cabeça; e aqueles poucos carregam uma alabarda no lugar do pique, a lança, como você sabe, tem o comprimento de três braços e tem o ferro preso como um machado. Há entre seus escopeteiros aqueles que com seus disparos produzem os mesmos efeitos que os fundidores e os besteiros. Este método de armamento foi instituído pelos alemães, e especialmente pelos suíços, que, sendo pobres e querendo viver em liberdade, foram, e são obrigados a combater as ambições dos príncipes da Alemanha, que eram ricos e podiam criar cavalos, que aquele povo não podia fazer devido à pobreza; daí que, estando a pé e querendo se defender dos inimigos que estavam a cavalo, cabia a eles buscar as ordens antigas e encontrar armas que os defendessem da fúria dos cavalos. Esta necessidade fez com que mantivessem ou redescobrissem as antigas ordens, sem as quais, como afirma todo homem prudente, a infantaria é inteiramente inútil. Eles, portanto, pegam lanças como armas, que são muito úteis não apenas para sustentar os ataques dos cavalos, mas também para vencê-los. E por causa da virtude dessas armas e ordens antigas, os alemães assumiram tanta audácia, que quinze ou vinte mil deles atacariam qualquer número de cavalos, e tem havido muitos exemplos disso vistos nos últimos vinte e cinco anos. E este exemplo de sua *virtù* fundada por eles nessas armas e nessas ordens foi tão poderosa, que depois que o rei Carlos VIII passou pela Itália, todas as nações os imitaram; incluindo os exércitos espanhóis que ganharam uma grande reputação.

**COSIMO:** Que método de armas você elogia mais, o alemão ou o romano antigo?

**FABRIZIO:** O romano, sem dúvida, e eu direi a você o bem e o mal de um e de outro. A infantaria alemã pode sustentar e vencer a cavalaria. São



mais ágeis na marcha e na organização, porque não carregam o fardo de armas. Por outro lado, estão expostos a golpes de perto e de longe por estarem sem armaduras. São inúteis para atacar fortificações e lutas em que existe uma forte resistência. Os romanos enfrentaram e venceram a cavalaria, como os alemães fizeram. Estavam protegidos de golpes próximos e distantes porque estavam cobertos com armaduras. Eles foram capazes de atacar e enfrentar ataques com os escudos. Podiam mais ativamente em lugares apertados aproveitar-se da espada do que os alemães com o pique; e mesmo que este último tivesse a espada, estando sem escudo, tornam-se, em tal caso, inúteis. Os romanos podiam assaltar cidades com segurança, tendo o corpo coberto e podendo cobri-lo ainda melhor com o escudo. Para que não tivessem outro inconveniente senão o peso das armaduras e o aborrecimento de ter de carregá-las; eles superaram essas inconveniências acostumando o corpo às adversidades e induzindo-o a suportar trabalho árduo. E sabemos que não sofremos com as coisas a que estamos acostumados. E você deve entender que a infantaria deve ser capaz de lutar contra os infantas e a cavalaria, e são sempre inúteis aqueles que não podem enfrentar os ataques da cavalaria, ou se são capazes de enfrentá-los, no entanto, têm medo de infantaria melhor armada e organizada do que a deles. Agora, se você considerar a infantaria alemã e a romana, encontrará na Alemanha, como já dissemos, a aptidão de vencer a cavalaria, mas há grandes desvantagens ao lutar com uma infantaria organizada como a deles e armada como a romana. Percebemos que, apesar de ambos os lados terem vantagens, os romanos podem vencer tanto a infantaria quanto a cavalaria, e os alemães apenas a cavalaria.

**COSIMO:** Gostaria que você desse algum exemplo mais específico, para que possamos entendê-lo melhor.

**FABRIZIO:** Digo então que, na nossa história você encontrará diversos casos que a infantaria romana derrotou incontáveis cavalarias, mas nunca os encontrará derrotados por homens a pé, seja pela incapacidade de seus soldados ou pela superioridade inimiga. Pois se sua maneira de armar tivesse sido defeituosa, era necessário que seguissem um de dois caminhos; ou quando encontrassem alguém que estivesse mais bem armado do que eles, desistiriam da conquista, ou que adotassem a maneira do estrangeiro, e abandonassem a sua própria; e uma vez que nada disso ocorreu, segue-se, o que pode ser facilmente conjecturado, que este método de armar dos romanos era melhor do que o de qualquer outro. Isso não ocorreu com a infantaria alemã; pois sempre que tiveram de combater com homens organizados e obstinados como eles, tiveram uma péssima exibição. Quando Filippo Visconti, duque de Milão, foi atacado por dezoito mil suíços, ele enviou contra eles o conde Carminuola,



que era seu capitão na época. Este homem com seis mil cavaleiros e alguns soldados de infantaria foi ao encontro deles e, ficando cara a cara com eles, foi repellido resultando em muitas perdas. Carmingnuola, como um homem prudente, rapidamente reconheceu o poder das armas inimigas e o quanto elas prevaleciam contra a cavalaria; e reagrupando suas forças, novamente foi ao encontro dos suíços, e quando eles se aproximaram, ele fez seus homens de armas descenderem de seus cavalos e, dessa maneira, lutou com eles e matou a maioria, restando apenas três mil, que, vendo-se derrotados sem ter remédio, depuseram as armas e renderam-se.

**COSIMO:** De onde surge essa desvantagem?

**FABRIZIO:** Já te disse há pouco, mas como você não entendeu, vou repetir. A infantaria alemã, como foi dito há pouco, quase não tem armadura para se defender e usa lanças e espadas para o ataque. Eles vêm com essas armas e ordem de batalha para enfrentar o inimigo, que está bem equipado com armadura para se defender, como estavam os homens de Carmingnuola, que os fizeram descer com sua espada para enfrentá-lo, e não tem outra dificuldade a não ser aproximar-se dos suíços o suficiente para atingi-los com a espada; porque, como estão aglomerados, os combate de forma segura, já que os alemães não podem dar com o pique no inimigo que está próximo a ele, por causa do comprimento da lança, então ele deve usar a espada, que é inútil, pois ele não tem armadura e precisa enfrentar um inimigo que é protegido totalmente por armadura. Porque as companhias, ao seguirem em sua marcha, você entenderá melhor quando eu demonstrar como eles se juntam, necessariamente se aproximam umas das outras e se pegam corpo a corpo; e, mesmo que alguns sejam mortos pelos piques ou jogados no chão, os que restam em pé são tantos que bastam para vencer. Disso resultou que Carmingnuola venceu com tal massacre os suíços, e com poucas perdas para si mesmo.

**COSIMO:** Vejo que os que estavam com Carmingnuola eram homens armados, embora estivessem a pé, estavam todos revestidos com armadura e, portanto, puderam fazer a tentativa que fizeram; de modo que acho que seria necessário armar a infantaria da mesma maneira se eles quisessem fazer uma tentativa semelhante.

**FABRIZIO:** Se você tivesse se lembrado de como eu disse que os romanos estavam armados, não pensaria assim. Pois um soldado de infantaria que tem a cabeça coberta com ferro, o peito protegido por uma couraça e um escudo, seus braços e pernas com armadura, é muito mais apto a se defender de lanças e entrar no meio das fileiras inimigas que um cavaleiro a pé. Eu quero dar a você um exemplo moderno. A infantaria espanhola havia descido da Sicília para o Reino de Nápoles, a fim de ir ao encontro de Consalvo, que foi sitiado



em Barletta pelos franceses. Eles foram para um confronto contra monsenhor D'Obigni com uma cavalaria, com cerca de quatro mil infantes alemães. Os alemães, com suas lanças baixas, penetraram nas fileiras da infantaria espanhola; mas estes últimos, auxiliados por suas esporas e pela agilidade de seus corpos, misturaram-se aos alemães, de modo que os alemães não puderam se aproximar deles com suas espadas; daí resultou a morte de quase todos eles, e a vitória dos espanhóis. É sabido quantos infantes alemães foram mortos no combate em Ravenna, que resultou das mesmas causas, pois a infantaria espanhola chegou tão perto quanto o alcance de suas espadas da infantaria alemã, e teria destruído todos eles, se os infantes alemães não fossem socorridos pela cavalaria francesa; não obstante, os espanhóis, pressionando-se uns aos outros, ficaram seguros naquele lugar. Concluo, portanto, que uma boa infantaria não só é capaz de sustentar o ataque da cavalaria, mas não tem medo da infantaria, que, como já disse muitas vezes, procede de suas armas (armadura) e ordenação (disciplina).

**COSIMO:** Diga-nos, portanto, como você os armaria.

**FABRIZIO:** Eu pegaria tanto as armas romanas quanto as alemãs, e gostaria que metade estivesse armada como os romanos e a outra metade como os alemães. Pois, se em seis mil infantes, como explicarei mais tarde, eu tivesse três mil infantes com escudos como os romanos, e dois mil com piques e mil artilheiros como os alemães, eles seriam suficientes para mim; pois colocaria as lanças nas linhas de frente da batalha ou onde mais temeria a cavalaria; e daqueles com o escudo e a espada, eu serviria a mim mesmo para apoiar as lanças e ganhar o combate, como vou mostrar a vocês. De modo que acredito que uma infantaria assim organizada deve superar qualquer outra infantaria hoje.

**COSIMO:** O que você nos disse é suficiente no que diz respeito à infantaria, mas quanto à cavalaria, desejamos aprender o que parece mais fortemente armado para você, o nosso ou o dos antigos?

**FABRIZIO:** Acredito que hoje em dia, no que diz respeito às selas e estribos, equipamentos que não eram usados pelos antigos, fica-se mais seguro no cavalo do que naquela época. Acredito que nos armamos com mais segurança; de modo que hoje um esquadrão de cavaleiros fortemente armados é barrado com muito mais dificuldade do que a antiga cavalaria. Com tudo isso, julgo, no entanto, que a cavalaria não deve ser mais levada em conta como antigamente; pois, como foi dito antes, muitas vezes em nossos tempos foram submetidos à desgraça por uma infantaria armada, disciplinada e organizada. Quando enfrentou Lúculo, capitão do exército romano, Tigranus, rei da Armênia, tinha cerca de cento e cinquenta mil homens sob seu comando, entre os quais muitos estavam armados como nossos homens de armas, a quem chamaram



de Catafratti. Os romanos não somavam mais de seis mil cavaleiros e quinze mil infantes; de modo que Tigranus, quando viu o exército do inimigo, disse: “Há cavaleiros suficientes para uma embaixada”. No entanto, quando foi para a batalha, seus homens foram derrotados; e alguns culpam os catafractos<sup>[2]</sup>, que teriam sido inúteis por terem os rostos cobertos, impedidos de enxergar os inimigos, e como estavam pesadamente sobrecarregados pela armadura, eles não podiam se levantar quando caíam, ficando impossibilitados de lutar. Digo, portanto, que aqueles povos ou reinos que estimam mais a cavalaria do que a infantaria, são sempre mais fracos e mais expostos à ruína completa, como foi observado na Itália em nossos tempos, que foi saqueada, arruinada e invadida por estrangeiros, não por qualquer outra falha senão porque eles prestaram pouca atenção aos soldados de infantaria e montaram todos os seus soldados em cavalos. A cavalaria deve ser usada, mas como um segundo e não o primeiro recurso de um exército; pois os cavaleiros são necessários e muito úteis para reconhecer a área, invadir e saquear o país inimigo, e para continuar assediando e perturbando o exército inimigo, de modo a mantê-lo continuamente sob armas e impedir suas provisões; mas quanto aos combates e batalhas no campo, que são importantes na guerra e o objetivo para o qual os exércitos são organizados, eles são mais úteis na perseguição do que na derrota do inimigo, e os cavaleiros são bem inferiores ao soldado de infantaria na guerra propriamente dita.

**COSIMO:** Mas duas dúvidas me ocorrem: uma, que eu sei que os partas não se envolveram na guerra, exceto com a cavalaria, mas eles dividiram o mundo com os romanos: a outra, que eu gostaria que você me dissesse como o ataque da cavalaria pode ser sustentada pela infantaria, e de onde surge a virtude desta e a fraqueza da primeira?

**FABRIZIO:** Ou eu lhe disse, ou pretendia dizer, que minha discussão sobre questões de guerra não vai além dos limites da Europa. Sendo assim, não sou obrigado a justificar o que é costume na Ásia. No entanto, tenho de dizer que o exército da Pártia era completamente oposto ao dos romanos, já que os partas lutavam inteiramente a cavalo, confusa e desorganizadamente, e era uma forma de luta instável e cheia de incertezas. Os romanos, deve-se lembrar, estavam quase todos a pé, e lutaram juntos, e em várias ocasiões um venceu o outro, conforme o local da batalha fosse aberto ou apertado; pois neste último os romanos eram superiores, mas no primeiro, os partas, que puderam defender regiões imensas com um litoral que tomava mil milhas de distância, rios separados um do outro por dois ou três dias de viagem, cidades distantes,

---

2 Catafracto era uma unidade da cavalaria pesada em que tanto o cavaleiro quanto o cavalo usavam armadura.



além de populações dispersas; enquanto um exército romano, pesado e lento por causa de suas armas e organização, não podia perseguir sem sofrer grande dano, porque aqueles que defendiam o país estavam a cavalo e muito rápidos, de modo que eles estariam em um lugar hoje e amanhã a cinquenta milhas de distância. Por causa disso, os partas conseguiram prevalecer apenas com a cavalaria, e assim resultou a ruína do exército de Crasso e os perigos para os homens de Marco Antonio. Mas, como já disse, não pretendia, nesta minha discussão, falar de exércitos fora da Europa; e, portanto, quero continuar naquilo que os romanos e gregos organizaram em seu tempo, e que os alemães fazem hoje.

Mas vamos chegar à outra questão, na qual você deseja saber que organização ou que *virtù* natural faz com que a infantaria seja superior à cavalaria. E eu te digo, primeiro, que os cavalos não podem ir a todos os lugares que a infantaria vai, porque eles precisam retroceder para, então, avançar, ou avançar para, então, retroceder; ainda ficar parado depois de mover. A cavalaria não pode fazer exatamente como a infantaria. Os cavalos não podem, depois de serem desordenados por algum ataque, retornar à ordem das fileiras, exceto com dificuldade, e mesmo se o ataque não ocorrer; a infantaria raramente faz isso. Além disso, muitas vezes ocorre que um homem corajoso está montado em um cavalo humilde, e um homem vil em um cavalo corajoso, e essa diferença de coragem causa transtornos. Nem se deve surpreender de que de infantaria sustente todos os ataques da cavalaria, pois o cavalo é um animal sensato e conhece os perigos, prosseguindo a contragosto. E se pensardes que forças fazem o cavalo avançar e o que o detém, sem dúvida perceberás que aquelas que o retêm são maiores do que as que o empurram; pois as esporas o fazem avançar e, por outro lado, a espada e a lança o retêm.

Assim, tanto por experiências antigas quanto modernas, foi visto que um pequeno grupo de infantaria pode ser muito seguro e até mesmo insuperável para a cavalaria. Se você sugerisse que o ímpeto com o qual o cavalo vem o torna mais furioso para o choque contra quem quisesse enfrentá-lo, considerando menos o pique que a espada, digo que, se o cavalo ao longe percebesse o perigo, decidiria interromper a marcha ou, fazendo o montador ir ao chão ou, junto com o cavaleiro, mudar seu curso à direita ou à esquerda. Quem quiser experimentar faça um cavalo correr de encontro a um muro, raramente acontecerá com o ímpeto que for, de se chocar nele. César, quando teve que combater os suíços na Gália, desmontou e fez todos desmontarem, e mandou tirar os cavalos das fileiras, pois eram mais hábeis em fugir do que em lutar.

Mas, apesar desses impedimentos naturais que os cavalos proporcionam, o capitão que lidera a infantaria deve selecionar estradas que tenham tantos obs-



táculos para cavalos quanto possível, e raramente acontecerá que os homens não sejam capazes de prover sua segurança independentemente do terreno. Se alguém marcha entre colinas, a localização da marcha deve ser tal que você possa se livrar daqueles ataques de que desconfia; e se você for para as planícies, raramente encontrará uma que não tenha plantações ou bosques que naturalmente irão lhe manter em segurança, pois cada arbusto e aterro, mesmo que pequeno, impedem que sejas surpreendido, e cada área cultivada onde há vinhas e outras árvores impedem a passagem dos cavaleiros. E se chegar ao local do embate, acontecerá a você o mesmo que ao marchar, porque cada pequeno obstáculo que o cavalo encontrar o faz perder a fúria. No entanto, embora os romanos valorizassem muito a sua própria disciplina e confiassem muito nas suas armas, se tivessem de escolher um local, que seja difícil de proteger-se de cavalos e onde não pudessem desdobrar suas forças, ou de um onde tivessem mais medo dos cavalos, mas onde pudessem se espalhar, eles sempre escolheriam o último.

Passemos para o treinamento dos homens. Tendo armado a infantaria de acordo com os costumes antigos e modernos, veremos que treinamento deram aos romanos antes que a infantaria fosse conduzida para a batalha. Embora bem selecionados e bem armados, foram treinados com a maior atenção, porque sem esse treinamento um soldado não sobrevive. Este treinamento consistiu em três partes. A primeira, para endurecer o corpo e acostumá-lo a suportar as adversidades, agir com mais rapidez e destreza. A segunda, para ensinar o uso das armas; a terceira, para ensinar aos jovens a observância das ordens tanto na marcha quanto na luta e no acampamento. Estas são as três ações principais que formam um exército, pois se algum exército marcha, acampa e luta, de maneira regular e prática, o capitão mantém sua honra, mesmo que o combate não tenha um bom final. Todas as antigas repúblicas, portanto, forneciam tal treinamento e, tanto pelo costume quanto pela lei, nenhuma parte foi deixada de fora. Eles, portanto, treinaram seus jovens de modo a torná-los rápidos na corrida, hábeis nos saltos, fortes na estaca e na luta livre. E essas três qualidades são quase necessárias em um soldado; pois a velocidade o torna hábil em ocupar lugares antes do inimigo, para atacá-lo inesperadamente e persegui-lo quando estiver derrotado. A destreza o torna hábil em evitar golpes, pular uma vala e escalar um aterro. A força o torna melhor para carregar armas, lançar-se contra um inimigo e sustentar um ataque. E, acima de tudo, para tornar o corpo mais acostumado às adversidades, eles o acostumam a carregar grandes pesos. Esse costume é necessário, pois em expedições difíceis muitas vezes acontece que o soldado, além de suas armas,



deve carregar mantimentos por muitos dias, e se não estivesse acostumado a esse trabalho árduo, não o poderia fazer, e, portanto, ele não poderia fugir de um perigo nem obter uma vitória.

Quanto ao ensino do uso de armas, eles foram treinados dessa forma. Eles colocaram os jovens em armaduras que pesavam mais do que o dobro das verdadeiras e, como uma espada, eles lhes deram uma clava de chumbo que era muito pesada. Eles faziam cada um deles cravar um mastro no chão de forma que restassem três braços acima do solo, e tão firmemente fixados que os golpes não o empurrariam para um lado ou o faria cair no chão; contra este poste, os jovens eram treinados com o escudo e a clava como contra um inimigo, e ora iam contra ele como se quisessem ferir a cabeça ou o rosto, ora como se quisessem furar o flanco, ora as pernas, ora recuavam, ora avançavam. E nesse treinamento, eles tinham em mente tornarem-se hábeis em se proteger e ferir o inimigo; e como utilizavam armas falsas muito pesadas, as verdadeiras depois pareciam leves. Os romanos queriam que seus soldados ferissem o inimigo dirigindo com a ponta da arma e não com o fio, porque tal golpe era mais fatal e menos defensável, tanto por descobrir-se menos quem feria quanto por ser mais fácil repetir o golpe assim do que com o fio. Você não se surpreende que os antigos pensassem nesses detalhes minuciosos, pois eles pensavam que onde os homens tinham de lutar, cada pequena vantagem era da maior importância. Os antigos consideravam que ter muitos de seus homens treinados em armas era a coisa mais estimada em uma república; pois não é o esplendor das joias e do ouro que faz o inimigo se submeter a você, mas apenas o medo das armas. Além disso, erros cometidos em outras coisas às vezes podem ser corrigidos depois, mas aqueles que são cometidos na guerra, já que a punição acontece imediatamente, não podem ser corrigidos. Além disso, saber lutar torna os homens mais audaciosos, pois ninguém tem medo de fazer o que lhe foi ensinado. Os antigos, portanto, queriam que seus cidadãos treinassem em todas as atividades bélicas; e até mandavam que atirassem dardos mais pesados do que os seus contra mastros; exercício esse que, além de tornar o homem hábil no arremesso, também deixa o braço mais ágil e forte. Eles também os ensinaram a puxar o arco e a funda, e nomearam mestres a cargo de fazer todas essas coisas; de modo que quando os homens foram selecionados para ir para a guerra, eles já eram soldados em espírito e disposição. Tampouco restaram estes para lhes ensinar outra coisa senão seguir as ordens e nelas se manterem marchando ou combatendo; o que facilmente aprendiam, misturando-se com aqueles que tinham experiência, sabiam comportar-se nas ordenações.

**COSIMO:** Quais exercícios você utilizaria para os treinamentos?



**FABRIZIO:** Muitos exercícios que foram mencionados, como corrida, luta livre, salto, fatigá-los debaixo de armas mais pesadas do que as normais, fazê-los sacar com a besta e a funda; eu acrescentaria a escopeta, um instrumento novo e necessário. E gostaria de acostumar todos os jovens do meu Estado a esta formação; mas aquela parte que alistei para lutar, treinaria com maior laboriosidade e mais solicitude, e os treinaria sempre nos dias de folga. Gostaria também que aprendessem a nadar, o que é muito útil, porque nem sempre há pontes nos rios, nem navios prontos; porque se o seu exército não souber nadar, será privado de muitas vantagens, e muitas oportunidades de lutar bem serão perdidas. Os romanos, portanto, providenciaram que os jovens fossem treinados no Campo de Marte, para que, tendo o rio Tibre próximo, eles pudessem depois de trabalhar arduamente em exercícios em terra se refrescarem na água, e exercitando o nado.

Eu também faria como os antigos e treinaria os que lutam a cavalo; o que é muito necessário, pois além de saberem montar, saberiam aproveitar-se do cavalo para manobrá-lo. No passado, os homens treinavam em cavalos de madeira sobre os quais montavam, e saltavam sobre eles armados e desarmados, sem qualquer ajuda e sem usar as mãos; o que tornou possível a um sinal do capitão, que a cavalaria se tornasse como soldados de infantaria, e a outro sinal, serem remontados. E como tais exercícios, tanto a pé como a cavalo, eram fáceis naquela época, então agora não deve ser difícil para a república ou para o príncipe colocá-los em prática, como se vê pela experiência das cidades ocidentais, onde esses métodos ainda são mantidos vivos.

Eles dividem todos os seus habitantes em várias partes e atribuem a cada parte um tipo de arma daqueles que usam na guerra. E como eles usavam lanças, alabardas, arcos e armas leves, eles os chamavam de piqueiros, alabardeiros, arqueiros e artilheiros. Portanto, cabia a todos os habitantes declarar em que ordem eles queriam ser alistados. E aqueles que, sejam pela idade ou outro impedimento não estavam aptos para a guerra, faziam uma seleção e os chamavam de giurati, que significa “sob juramento”. Em dias de folga eram obrigados a treinar o uso de armas, e aqueles que não treinavam, mas eram da ordem dos giurati, contribuía com dinheiro para as despesas de tais exercícios. O que eles faziam, portanto, nós podemos fazer, mas nossa pouca prudência não nos permite adotar tais procedimentos.

Destes exercícios, resultou uma boa infantaria, assim como hoje nos reinos do ocidente. Os antigos exercitavam tanto em casa como faziam as repúblicas, ou nos exércitos como exigiam os imperadores. Mas não queremos fazer exercícios em casa, e não podemos fazê-lo no campo, porque eles não são nossos súditos e não podemos obrigá-los a outros exercícios além do que eles



próprios desejam. Esta razão fez com que os exércitos morressem primeiro, e depois as instituições, de modo que os reinos e as repúblicas, especialmente a italiana, existem hoje em condições tão fracas.

Mas voltemos ao nosso assunto, e prosseguindo nessa questão do treinamento, digo, que não é suficiente, empreendendo um bom treinamento, tornar os homens duros, fortes, rápidos e hábeis, mas também é necessário ensiná-los a manter a disciplina, obedecer aos sinais, aos sons e à voz do capitão; saber quando se levantar, se retirar, avançar e quando combater, marchar e manter as fileiras; pois sem essa disciplina, apesar de toda diligência observada e praticada, um exército nunca é bom o suficiente. E, sem dúvida, os homens ousados, mas indisciplinados são mais fracos do que os tímidos, mas disciplinados; pois a disciplina afasta o medo dos homens, a falta de disciplina torna o ato ousado uma tolice. E para que você possa entender melhor o que será mencionado a seguir, você deve saber que cada nação tem feito seus homens treinarem na disciplina da guerra, ou melhor, seu exército como parte principal, que, se eles têm nomes variados, eles variaram pouco no número de homens envolvidos, já que todos compreendem de seis a oito mil homens. Esse número foi chamado de legião pelos romanos, falange pelos gregos, caterva pelos gauleses. Este mesmo número, pelos suíços, os únicos que conservam algo daquela antiga formação militar, é chamado em sua língua o que na nossa significa batalhão. É verdade que cada uma é subdividida em pequenas *Battaglia* (companhias), e organizadas de acordo com sua finalidade. Parece-me, portanto, mais adequado basear nossa conversa neste nome mais notável e, então, de acordo com os sistemas antigos e modernos, arranjá-los da melhor maneira possível.

E como as legiões romanas eram compostas por cinco ou seis mil homens, em dez coortes (unidades táticas da infantaria romana, dez coortes formavam uma legião.), quero dividir nosso batalhão em dez companhias e compô-lo com seis mil homens a pé; e designar quatrocentos e cinquenta homens para cada companhia, dos quais quatrocentos estão fortemente armados e cinquenta levemente armados; os fortemente armados incluem trezentos com escudos e espadas, e serão chamados de *Scudati* (portadores de escudos), e cem com lanças, e serão chamados de piqueiros; os levemente armados são cinquenta infantes armados com canhões leves, arcos, alabardas e broquéis, e estes, são chamados de vélites; portanto, um batalhão seria composto por dez companhias inteiras de três mil escudeiros; mil piqueiros comuns e cento e cinquenta vélites ordinários. E se queremos criar um batalhão com seis mil, como dissemos, é preciso acrescentar mais outros mil e quinhentos infantes, dos quais para mil daríamos os piques, que se chamariam piques extraordinários, e a quinhentos daríamos armas leves, que seriam os vélites extraordinários. Assim



viriam a ser as minhas infantarias, segundo o que disse faz pouco, compostas metade por escudos e metade entre piques e as demais armas. Nomearia para cada companhia um condestável, quatro centuriões e quarenta decuriões, e mais um chefe para os vélites ordinários, com cinco decuriões. Daria aos mil piques extraordinários três condestáveis, dez centuriões e cem decuriões; aos vélites extraordinários dois condestáveis, cinco centuriões e cinquenta decuriões. Ordenaria em seguida um general de todo o batalhão. Gostaria que cada condestável tivesse seu porta-estandarte e os instrumentistas.

Resumindo, portanto, um batalhão seria composto de dez companhias de três mil escudos, mil piqueiros comuns, mil piqueiros extraordinários, quinhentos vélites comuns e quinhentos vélites extraordinários; entre os quais haveriam mil e quinhentos decuriões e quinze condestáveis, com quinze corneteiros e quinze bandeiras, cinquenta e cinco centuriões, dez capitães de vélites comuns e um capitão para todo o batalhão com sua bandeira e corneteiro. E repetiria conscientemente esse arranjo muitas vezes, para que então, quando eu mostrar a vocês os métodos de organização das companhias e dos exércitos, vocês não se confundam.

Digo, portanto, que qualquer rei ou república que quisesse organizar seus súditos armados, daria a eles partidos e armas, e criaria tantos batalhões no país quanto fosse capaz; e se tivesse organizado de acordo com a divisão mencionada acima, e treiná-lo de acordo como sugerido, bastaria que cada companhia fosse dividida e treinada isoladamente. E embora o número de homens em cada uma deles não fosse suficiente para um exército, cada homem pode aprender a fazer o que se aplica a ele em particular, pois duas ordens são observadas nos exércitos; uma, o que os homens devem fazer em cada companhia e a outra, o que a companhia deve fazer quando está reunida com outras; e aqueles homens que observam a primeira, facilmente acostumam com a segunda, mas sem a primeira, nunca se pode chegar à disciplina da segunda. Cada uma dessas companhias, portanto, pode aprender a manter suas fileiras em todo tipo de local de atuação, reunir os homens, identificar os toques específicos, por meio do qual é comandado em batalha; saber reconhecer a partir do apito o que devem fazer, se ficar parados, ou avançar, ou voltar atrás, ou a hora e o lugar para usar as armas. Sabendo manter bem as fileiras e evitando que a ação ou a disposição as desestabilize, essas companhias então podem facilmente, quando muitas se reunirem, atender aos comandos de seus líderes. E como tal prática geral também não deve ser pouco valorizada, todos os batalhões podem ser reunidos uma ou duas vezes mesmo nos anos de paz, e dar-lhes



a forma de um exército completo, treinando-o por vários dias como se fosse engajar na batalha, colocando as linhas de frente, os flancos e os auxiliares em seus devidos lugares.

E como um capitão organiza seu exército para o combate levando em consideração o inimigo que ele vê, ou para aquele que ele não vê, mas está apreensivo, o exército deve ser treinado para ambas as contingências, e instruído para que possa marchar e lutar quando surgir a necessidade; mostrando aos seus soldados como eles deveriam se comportar se fossem atacados por este ou aquele bando. E quando você os instruir a lutar contra um inimigo que eles podem ver, mostre a eles como a batalha será ardente, onde eles devem se retirar antes mesmo de serem repelidos, quem deve tomar seus lugares, quais sinais, quais sons e que voz eles devem obedecer, e praticá-los assim com companhias e por meio de ataques simulados, para que eles tenham a ideia de uma batalha real. Pois um exército corajoso não é assim porque os homens são corajosos, mas porque as fileiras são bem disciplinadas; um soldado que esteja na linha de frente deve saber não apenas o momento de recuar, mas quem assumirá a sua posição quando for superado. Esse treinamento é mais necessário quando um novo exército é criado; mas onde o exército é veterano, também é necessário porque, como mostram os romanos, embora conhecessem a organização do seu exército desde a infância, estavam cientes que os capitães bem antes de se depararem com o inimigo, já exercitavam essas disciplinas. E Flávio Iosefo em sua história diz que o treinamento contínuo dos exércitos romanos fazia que a desordem que normalmente ocorria em um acampamento fosse útil em um combate, porque todos sabiam obedecer às ordens e lutar observando isso. Mas nos exércitos de novos homens reunidos no momento do embate ou para combates futuros, nada se faz sem este treino, pois as companhias são diferentes como num exército completo; por mais disciplina que seja necessária, ela deve ser ensinada com o dobro de esforço para aqueles que não a possuem, e ser mantida naqueles que a possuem, como se vê pelo fato de que excelentes capitães se esforçaram sem descanso.

**COSIMO:** E parece-me que esta discussão o deixou um pouco distante, pois embora você ainda não tenha mencionado os meios com os quais as companhias são treinadas, você discutiu os compromissos e o exército completo.

**FABRIZIO:** Você tem razão, e na verdade a razão é o carinho que tenho por essas ordens, e sinto tristeza por não serem postas em ação: no entanto, não tenham receio, pois voltarei ao assunto. Como já disse, o mais importante na formação da companhia é saber como se manter na hierarquia. Para isso, é necessário exercitá-los nessas ordens, que eles chamam de *Chioccirole* (Espiral).



E como eu disse a você que uma dessas companhias deveria consistir em quatrocentos soldados de infantaria fortemente armados, eu ficarei neste número. Devem, portanto, ser organizados em oitenta fileiras, com cinco por fileira. Em seguida, continuando forte ou lentamente, agrupando-os e dispersando-os; o que, quando feito, pode ser demonstrado melhor por atos do que por palavras: depois, torna-se menos necessário, pois quem é acostumado nesses exercícios sabe como essa ordem se processa, que não serve para nada além de habituar os soldados a manter as fileiras. Mas vamos reunir uma dessas companhias.

Eu digo que podem ser formados de três maneiras: a primeira e mais útil é torná-la completamente maciça e dar-lhe a forma de dois quadrados; o segundo é fazer o quadrado com uma frente com cume; o terceiro é fazê-lo com um espaço no centro, que eles chamam de *Piazza* (praça). O método de agrupar a primeira formação pode ser feito em duas etapas. O primeiro é ter as fileiras duplicadas, ou seja, que a segunda fileira entre na primeira, a quarta na terceira, e a sexta na quinta, e assim por diante, de modo que onde havia oitenta fileiras e cinco (homens) por fileira, eles se tornam quarenta fileiras e dez por fileira. Em seguida, faça-os dobrar outra vez da mesma maneira, colocando uma fileira dentro da outra, e assim se tornam vinte fileiras de vinte homens por fileira. Isso faz quase um quadrado, pois embora haja tantos homens de um lado da praça como do outro, no entanto, do lado da frente, eles se juntam de modo que o lado de um homem toque o próximo; mas do outro lado do quadrado os homens estão distantes pelo menos dois braços um do outro, de modo que o quadrado é mais longo de trás para frente do que de um lado a outro.

E como temos de falar muitas vezes hoje das partes posteriores, da anterior e das laterais desta companhia, e do exército completo, você entenderá que quando eu disser cabeça ou frente, quero dizer a parte da frente; quando disser costas, a parte de trás e quando disser flancos, as partes laterais.

Os cinquenta vélites ordinários da companhia não se misturam com as outras fileiras, mas quando a companhia se forma, estendem-se ao longo de seus flancos.

O outro método de montar a companhia é este; e por ser melhor que o primeiro, quero colocar em detalhes diante de seus olhos como deve ser organizado. Acredito que você se lembre do número de homens e das cabeças que o compõem, e com que armas estão armados. A forma, portanto, que essa companhia deve ter é, como eu disse, de vinte fileiras, vinte homens por fileira, cinco fileiras de piqueiros na frente e quinze fileiras de escudos atrás; dois centuriões na frente e dois atrás, que têm o cargo daqueles a quem os antigos chamavam de *Tergiduttori* (líderes de retaguarda); o condestável, com a ban-



deira e o instrumentista, está naquele espaço entre as cinco fileiras de piqueiros e os quinze dos escudos. Os decuriões devem ficar ao lado das fileiras, de modo que todos tenham próximos de si os seus homens, aqueles da esquerda ficarão à sua direita; os da direita, à sua esquerda. Os cinquenta vélites estão nos flancos e na retaguarda da companhia. Se se deseja que a infantaria regular seja empregada, esta companhia deve se organizar assim: faça a infantaria ser dividida em oitenta fileiras, cinco por fileira, como dissemos há pouco; deixando os vélites na cabeça e nas costas, embora estejam fora desse arranjo; e deve ser arranjado de forma que cada centurião tenha vinte fileiras atrás de si nas costas, e aquelas imediatamente atrás de cada centurião são colocadas cinco fileiras de piqueiros e os escudeiros restantes; o condestável, com sua bandeira, e o instrumentista estão naquele espaço que fica entre os piqueiros e os escudeiros do segundo centurião, e ocupam os lugares de três escudeiros; vinte estão nos flancos do primeiro centurião à esquerda e vinte estão nos flancos dos decuriões do último centurião à direita. E você tem de entender que aquele que deve liderar os piqueiros, o decurião, deve ter uma lança, e aqueles que guiam os escudeiros devem ter armas semelhantes.

As fileiras, portanto, dispostas dessa forma ao longo da marcha, formarão a cabeça da companhia; você tem de fazer com que o primeiro centurião pare com a primeira fileira dos vinte homens, para o segundo continuar a marchar; e virando para a direita, ele vai ao longo dos flancos das vinte fileiras paradas, de forma que ele fique cara a cara com o primeiro centurião, quando interromperá a sua marcha; e o terceiro centurião continua a marchar, também virando para a direita, e marcha ao longo dos flancos da fileira parada, de forma que ele fique cara a cara com os outros dois centuriões; e quando ele também para, o outro centurião segue com sua fileira, indo também para a direita ao longo dos flancos da fileira parada, de forma que ele chegue na frente com os outros, e então ele para; e os dois centuriões que estão sozinhos partem rapidamente da frente e vão para a retaguarda da companhia, que se forma daquela maneira e com aquelas ordens até o ponto que mostramos há pouco. Os vélites se estendem ao longo de seus flancos, conforme foram dispostos no primeiro método, que é chamado de duplicação em linha reta, e este último método é chamado de duplicação pelos flancos.

O primeiro método é mais fácil, enquanto este último é mais bem organizado e mais adaptável, podendo ser melhor controlado, pois deve-se obedecer a números exatos, que de cinco você faz dez; dez, vinte; vinte, quarenta; então dobrando sua direção, você não pode fazer uma frente de quinze, ou vinte e cinco, ou trinta, ou trinta e cinco. Mas em situações particulares é necessário fazer uma frente com seiscentos ou oitocentos infantes, de modo que a dupli-



cação pela linha reta se tornará desorganizada; ainda assim, este último método me agrada mais, e se surgir dificuldade, pode ser mais facilmente superado pelo exercício adequado.

Portanto, é mais importante ter soldados que saibam como se formar rapidamente, e é necessário mantê-los nestas companhias, treiná-los a fundo e fazê-los avançar bravamente para a frente ou recuar, para passar por lugares difíceis sem perturbar a ordem, pois os soldados que sabem fazer isso bem são soldados experientes e, embora possam nunca ter se encontrado cara a cara com o inimigo, podem ser considerados soldados experientes; e, ao contrário, aqueles que não sabem como manter essa ordem, mesmo que tenham estado em mil guerras, devem sempre ser considerados inexperientes. Isso se aplica na sua formação quando estão marchando em pequenas fileiras, mas se eles se formam, e depois se rompem por causa de algum acidente que resulte tanto da localização quanto do inimigo, reorganizar-se imediatamente é importante e difícil, de modo que muito treinamento e prática são necessários, nos quais os antigos colocavam muita ênfase. É necessário, portanto, fazer duas coisas: primeiro, ter um bom número de sinais que possam ser facilmente compreendidos; a outra, sempre manter a disposição da fileira, de modo que a mesma infantaria fique sempre na mesma fila. Por exemplo, se alguém é comandado para estar na segunda fileira, ele ficará sempre lá, e na mesma posição, observe-se, como já disse quão necessária é a grande quantidade de sinais, para que, vindo junto com outras companhias, seja reconhecido por seus próprios homens. Em segundo lugar, que o condestável e o centurião tenham tufo de penas em seus capacetes diferentes e reconhecíveis, e o que é mais importante, fazer com que os decuriões sejam reconhecidos.

Os antigos prestavam muita atenção nisso, a ponto de escreverem números em seus broquéis, chamando então o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto etc. E eles não estavam nada satisfeitos com isso, mas cada soldado tinha de escrever em seu escudo o número de sua fileira e o número do lugar que lhe foi atribuído nessa fileira. Os homens, portanto, sendo assim designados, e acostumados a ficar dentro desses limites, se fossem desorganizados, seriam rapidamente reorganizados, desde que a bandeira ficasse fixa, os centuriões e os decuriões podiam visualizar suas posições, movendo-se da esquerda para a direita, ou a direita para a esquerda, mantendo as devidas distâncias; a infantaria guiada por suas regras e pelos próprios sinais poderia rapidamente tomar seus devidos lugares. Este sistema, com diligência e prática, pode ser ensinado e aprendido rapidamente; e uma vez aprendido, é dificilmente esquecido; pois os novos são guiados pelos antigos e, com o tempo, uma província com tal treinamento se tornaria inteiramente espe-



cialista em guerra. Também é necessário ensiná-los a girar, e ensiná-los a se voltarem ao mesmo tempo e fazer com que passem dos flancos e das costas à cabeça, e da cabeça aos flancos e às costas. Pois basta que cada homem gire seu corpo em direção ao lugar que lhe é comandado, e para onde voltam o rosto, aí vem a ser a cabeça. É verdade que, para quando se voltam pelo flanco, as ordens excedem de sua proporção, porque o peitoral é mais estreito do que os ombros, ao passo que de um flanco a outro há muita distância, o que é totalmente contrário à originalmente adotada pelas companhias. No entanto, convém que a prática e a perspicácia sejam observadas. Mas essa é desordem pequena, uma vez que é remediada facilmente por eles mesmos. O que importa mais, e onde é preciso mais prática, é quando uma companhia deseja virar-se toda como se ela fosse um bloco. Aqui convém ter grande prática e perspicácia, porque ao girá-la, por exemplo, para a esquerda, é preciso que a ala esquerda pare, e aqueles que estão mais próximos aos que se mantêm parados marchem tão devagar que os que estão à direita não tenham de correr; de outra forma, todos se confundiriam.

Mas, porque isso ocorre sempre, quando um exército marcha de lugar a lugar, as companhias que não são postas na frente têm de combater não pela frente, mas pelas laterais ou pelas costas, então uma companhia deve fazer do flanco ou das costas a cabeça (e querendo que companhias semelhantes nesse caso mantenham a sua proporção, é necessário manter os piques, os decuriões, os centuriões e os condestáveis em seus lugares no flanco em que devem virar a cabeça). Portanto, se quiser fazer isso, ao formá-los é necessário organizar as oitenta fileiras de cinco por fileira, colocando todos os piqueiros nas primeiras vinte fileiras, cinco decuriões na frente e cinco na retaguarda; as outras sessenta fileiras situadas atrás compostas de escudeiros, totalizando trezentos. Deve, portanto, ser organizado de forma que a primeira e a última fileira de cada centena permaneça com os decuriões; o condestável com sua bandeira e corneta esteja em meados da primeira centena de escudeiros; e os centuriões no início de cada centena. Assim arranjado, quando os piqueiros estiverem no flanco esquerdo, você tem de dobrá-los, centena por centena, a partir do flanco direito; se você quiser que eles fiquem no flanco direito, você tem de dobrá-los do lado esquerdo; mantendo os piqueiros no flanco, com os decuriões na frente e atrás, os centuriões na frente deles e o condestável no meio. Tal formação se mantém ao avançar; mas quando o inimigo se aproxima chega a hora de as companhias se moverem dos flancos para a frente, isso não pode ser feito a menos que todos os soldados estejam voltados para o flanco onde os piqueiros estão, e então a companhia é virada com suas fileiras e cabeças da maneira descrita anteriormente; pois os centuriões,



estando do lado de fora, e todos os homens em seus lugares, os centuriões rapidamente entram nas fileiras sem dificuldade. Mas quando estão marchando na frente e têm de combater na retaguarda, devem organizar as fileiras de modo que, na formação da companhia, os piques fiquem na retaguarda; e para fazer isso, nenhuma outra ordem deve ser mantida, exceto a de que, na formação ordinária, cada um dos cinco piqueiros na frente de cada centena de homens seja trazido para atrás, mas em todas as outras partes, observe a ordem que eu mencionei.

**COSIMO:** Você disse, se bem me lembro, que este método de treinamento é para capacitá-los a formar um exército, e que serve para torná-los organizados dentro dele. Mas se acontecer que esses quatrocentos e cinquenta soldados de infantaria tenham que combater como um grupo separado, como você os arranjaria?

**FABRIZIO:** Vou agora guiá-lo no julgamento de onde devem colocar as lanças, e quem deve carregá-las, o que não é de forma alguma contrário ao arranjo mencionado acima, pois embora possa ser o método que é observado quando, em conjunto com outras companhias, trata-se de um confronto, no entanto, é uma regra que serve para todos aqueles métodos, e que deve ser considerada quando um exército precisar embrenhar-se num confronto. Mas, ao mostrar-lhe os outros dois métodos de organização das companhias por mim propostos, também responderei melhor à sua pergunta; pois ou eles nunca são usados, ou são usados quando uma companhia está isolada de outras.

E para chegar ao método de formá-lo com duas alas, eu digo que você deve organizar as oitenta fileiras em cinco por fileira, desta forma: coloque um centurião no meio, e atrás dele vinte e cinco fileiras que tenham dois piqueiros no lado esquerdo, três escudeiros à direita, depois dos primeiros cinco soldados e vinte decuriões, todos entre os piqueiros e escudeiros, exceto aqueles decuriões que carregam piques que ficam juntos com os piqueiros. Atrás dessas vinte e cinco fileiras assim organizadas, outro centurião é colocado, com quinze fileiras de escudeiros atrás dele. Depois disso, o condestável entre a bandeira e o instrumentista, que também tem atrás de si outras quinze fileiras de escudeiros. O terceiro centurião é colocado atrás deles, e ele tem vinte e cinco fileiras atrás dele em cada uma das quais há três escudeiros à esquerda e dois piqueiros à direita, e depois das primeiras cinco fileiras, vinte decuriões são colocados entre os piqueiros e os escudeiros. Depois dessas fileiras, vem o quarto centurião. Se se deseja, portanto, organizar essas fileiras para formar uma companhia com duas alas, o primeiro centurião deve ser detido com as vinte e cinco fileiras que estão atrás dele. O segundo centurião então tem de



ser movido com os quinze escudeiros que estão em sua retaguarda, e virando à direita, e no flanco direito das vinte e cinco fileiras para prosseguir tão longe que ele chegue às quinze fileiras, e aqui ele para.

Depois, o condestável deve ser movido com as quinze fileiras de escudeiros que estão atrás, e virando para a direita até o flanco direito das quinze fileiras que foram movidas primeiro, então marcha até a frente desses homens e para. Depois, mova o terceiro centurião com as vinte e cinco fileiras e com o quarto centurião que está atrás deles, e virando à direita, marcha pelo flanco esquerdo das últimas quinze fileiras de escudos, e ele não para até que esteja à frente deles, mas continua marchando até que as últimas fileiras de vinte e cinco estejam alinhadas com as fileiras de trás. E, tendo feito isso, o centurião que foi chefe das primeiras quinze fileiras de escudos sai do lugar onde estava, e vai para lá pelo ângulo esquerdo. E assim ele virará uma companhia de vinte e cinco fileiras sólidas, de vinte infantes por fileira, com duas alas de cada lado de sua frente, e restará um espaço entre elas, que seria ocupado por dez homens lado a lado. O capitão estará entre as duas asas, e um centurião em cada canto da asa. Haverá duas fileiras de piqueiros e vinte decuriões em cada flanco. Essas duas asas servem para manter entre elas aquela artilharia, sempre que a companhia tiver alguma com ela, assim como as carruagens. O vélite tem de ficar ao longo dos flancos sob proteção dos piqueiros. Mas, se a intenção for reagrupar para formar a praça, nada mais precisa ser feito do que pegar oito das quinze fileiras de vinte por fileira e colocá-las entre as pontas das duas asas, que então das asas se tornam a parte traseira da praça. As carruagens são mantidas nesta praça, e o capitão e a bandeira lá, mas não a artilharia, que é colocada na frente ou ao longo dos flancos. São estes os métodos que uma companhia pode utilizar quando tem de passar por locais suspeitos. No entanto, a companhia compacta, sem asas e sem praça, é a melhor. Mas em querer proteger os desarmados, esse alado é necessário.

Os suíços também têm muitas formas de companhias, entre as quais está disposta em cruz, pois nos espaços entre os braços, mantêm seus artilheiros a salvo dos ataques do inimigo. Mas como essas companhias são hábeis em lutar por si mesmas, e minha intenção é mostrar como várias companhias unidas lutam contra o inimigo, não quero demorar-me nelas.

**COSIMO:** E me parece que compreendi muito bem o método que deveria ser empregado no treinamento dos homens dessas companhias, mas, se me lembro bem, você disse que além das dez companhias de um batalhão, você soma mil piqueiros extraordinários e quatrocentos vélites extraordinários. Você não descreveria como treiná-los?



**FABRIZIO:** Com muito prazer. Treinaria os piqueiros, grupo a grupo, pelo menos nas formações das companhias, como os outros; pois eu serviria a mim mesmo mais dessas do que das companhias comuns, em todas as ações particulares, como escoltar, atacar e coisas assim. Mas os vélites eu treinaria em casa sem reuni-los com os outros, pois como é seu ofício combater separadamente ao ar livre, não é tão necessário que venham junto com os outros ou treinem exercícios em comum, melhor treiná-los em exercícios particulares. Devem, portanto, como foi dito no início, e agora me parece trabalhoso repeti-lo, treinar seus próprios homens nessas companhias para que saibam como se manter em suas fileiras, saber seus lugares, voltar lá rapidamente quando a noite ou qualquer outra razão que os disturbe; pois quando isso for feito, eles podem ser facilmente ensinados sobre o lugar que a companhia deve ocupar e qual deve ser seu cargo nos exércitos. E se um príncipe ou uma república trabalhar muito e se empenhar nessas formações e nesse treinamento, sempre acontecerá que haverá bons soldados naquele país, e eles serão superiores aos seus vizinhos, e serão aqueles que darão, e não receberão, leis de outros homens. Mas, como eu disse a vocês, a desordem em que um existe os faz desconsiderar e não estimar essas coisas, e, portanto, nosso treinamento não é bom, e mesmo que houvesse alguns chefes ou membros naturalmente virtuosos, eles são incapazes de demonstrá-lo.

**COSIMO:** Que carruagens você gostaria que cada uma dessas companhias tivesse?

**FABRIZIO:** A primeira coisa que eu gostaria é que os centuriões ou os decuriões não andassem a cavalo, e se os condestáveis querem cavalgar, eu gostaria que eles tivessem uma mula e nenhum cavalo. Eu permitiria a eles duas carruagens, e uma para cada centurião, e duas para cada três decuriões, pois eles teriam um quarto de tantas em cada acampamento, como narraremos em seu devido lugar. Para que cada companhia tivesse trinta e seis carruagens, as quais eu teria para transportar as tendas necessárias.

**COSIMO:** Acredito que os chefes designados por você em cada uma das companhias são necessários, não obstante, um número tão grande de comandantes não poderia gerar confusão?

**FABRIZIO:** Com certeza poderia gerar confusão se todos se reportassem a somente um homem – na verdade, por serem vários chefes, a ordem é mantida; pois uma parede que se inclina de todos os lados precisa de muitos e frequentes apoios, mesmo que não sejam tão fortes, mas se poucos, devem ser fortes, pois a *virtù* de apenas um, apesar de seu espaçamento, impedirá qualquer ruína. E assim deve ser que nos exércitos e entre cada dez homens haja um com mais vida, com mais coração, ou pelo menos com mais autoridade, que



com sua coragem, com palavras e com o exemplo mantenha os outros firmes e dispostos a lutar. E essas coisas por mim mencionadas, como as cabeças, as bandeiras, os instrumentistas, são necessárias em um exército, e é visto que temos tudo isso em nossos exércitos, nos dias atuais, mas ninguém cumpre o seu dever. Primeiro, os decuriões, ao desejarem que tudo se mantenha ordenado, consideram necessário permanecer ao lado de cada um deles, alojar-se com eles, entrar em ação com eles, permanecer nas fileiras com eles, pois quando eles estão em seus lugares, eles têm mente e temperamento para manter suas fileiras retas e firmes, e é impossível para eles serem desorganizados, ou se forem desorganizados, na sua presença rapidamente retornam às posições. Mas hoje, eles não nos servem para outra coisa senão para receber um pagamento mais alto do que os outros, e para que façam alguma coisa em particular. O mesmo acontece com as bandeiras, pois são mantidas mais para fazer uma bela apresentação, do que para qualquer uso militar. Mas os antigos serviram-se dela como guia e para se reorganizarem, pois todos, quando a bandeira estava firme, sabiam o lugar que devia estar perto dela, e sempre voltavam para lá. Ele também sabia que se estivesse se movendo ou parada, ele teria que se mover ou parar. É necessário em um exército, portanto, que haja grupos de soldados, e que cada grupo tenha sua própria bandeira e seu próprio guia; pois se eles têm isso, é necessário que tenham muita coragem e, conseqüentemente, sejam mais ativos. A infantaria, portanto, deve marchar de acordo com a bandeira, e a bandeira mover-se de acordo com o chamado, que se bem dado, comanda o exército, que procedendo em sintonia com aqueles, vem a cumprir as ordens com facilidade. Onde os antigos, tendo apitos, pífaros e clarins, os controlavam perfeitamente; pois, como aquele que dança procede no tempo com a música, e mantendo-se com ela não dá um passo em falso, então um exército obediente em seu movimento a esse chamado não ficará desorganizado. E, portanto, eles variavam os chamados de acordo com que queriam inflamar ou aquietar, ou firmar os espíritos dos homens. E como os sons eram vários, eles os nomearam de maneiras diferentes. O chamado som dórico trouxe constância, frígio, fúria; contam que Alexandre, estando à mesa, e alguém tocando um instrumento frígio, animou tanto seu espírito que empunhou suas armas. Seria necessário redescobrir todos esses métodos, e se isso é difícil, não deveria ser posto de lado por aqueles que ensinam o soldado a obedecer; cada um pode variar e organizar a seu modo, portanto, contanto que com a prática acostume os ouvidos de seus soldados a reconhecê-los. Mas hoje, nenhum benefício é obtido principalmente desses sons, a não ser fazer barulho.



**COSIMO:** Eu gostaria de saber de você, se você já refletiu sobre isso, de onde surge tal baixaza e desorganização, e tal negligência deste treinamento em nossos tempos?

**FABRIZIO:** Direi de bom grado o que penso. Você conhece os homens excelentes na guerra; houve muitos famosos na Europa, poucos na África e menos na Ásia. Isso resulta do fato de que essas duas últimas partes do mundo tiveram um ou dois principados e poucas repúblicas; mas só a Europa teve alguns reinos e inúmeras repúblicas. Os homens se tornam excelentes e mostram sua *virtù*, conforme são empregados e reconhecidos por seu príncipe, república ou rei, qualquer que seja. Acontece, portanto, que onde há muito poder surgem muitos homens valentes, onde há pouco, eles são poucos. Na Ásia, encontramos Ninus, Cyrus, Artafersus, Mithradates e muito poucos outros que poderiam lhes fazer companhia. Na África, são notados, omitindo os faraós do antigo Egito, Maximinius, Jugurtha e aqueles capitães que foram criados pela República Cartaginesa, e estes são poucos comparados aos da Europa, onde existem inúmeros homens excelentes, e haveria muitos mais, se fossem nomeados junto com eles aqueles outros que foram esquecidos pela crueldade do tempo, uma vez que o mundo foi mais virtuoso quando houve muitos Estados que favoreceram a *virtù*, seja por necessidade ou por outra paixão humana. Poucos homens, portanto, surgem na Ásia, porque, como aquela província estava inteiramente sujeita a um reino, no qual por sua grandeza havia indolência em sua maior parte, não poderia dar origem a excelentes homens. O mesmo aconteceu na África: no entanto, vários, no que diz respeito à República Cartaginesa, surgiram. Mais homens excelentes saem de repúblicas do que de reinos, porque no primeiro a *virtù* é honrada na maior parte do tempo, no reino é temida; daí resulta que no primeiro, os homens *virtù* são elevados, no último eles são extintos. Portanto, quem quer que considere a parte da Europa, descobrirá que está repleta de repúblicas e principados, que pelo medo uns dos outros foram constrangidos a manter vivas as suas organizações militares e a honrar os que nelas prevaleceram. Pois na Grécia, além do reino da Macedônia, havia muitas repúblicas, e muitos homens excelentes surgiram em cada uma delas. Na Itália havia os romanos, os samnitas, os toscanos, os gauleses cisalpinos. A França e a Alemanha estavam cheias de repúblicas e príncipes. Na Espanha, exatamente o mesmo. E embora em comparação com os romanos, poucos foram notados, isso resultou da maldade dos escritores, que buscavam fortuna e para quem muitas vezes era suficiente homenagear os vencedores. Pois não é razoável



que entre os samnitas e toscanos, que lutaram cinquenta anos com o povo romano antes de serem derrotados, muitos homens excelentes não tivessem surgido. E assim também na França e na Espanha.

Mas aquela virtude que os escritores não comemoram em homens particulares, eles comemoram geralmente nos povos, em que eles exaltam às estrelas por obstinação que existia neles em defender sua liberdade. É verdade, portanto, que onde há muitos impérios, surgem homens mais valentes, e segue-se, necessariamente, que aqueles que se extinguem, pouco a pouco, se extingue também a *virtù*, pois há menos razão que faz com que os homens se tornem virtuosos. E como o Império Romano depois continuou crescendo, e tendo extinguido todas as repúblicas e principados da Europa e África, e em grande parte os de Ásia, nenhum outro caminho para a *virtù* foi deixado, exceto Roma. Daí resultou que os homens *virtù* começaram a ser poucos na Europa como na Ásia, o que a *virtù* acabou por declinar; pois toda a *virtù* foi trazida para Roma, e como foi corrompida, quase todo o mundo veio a ser corrompido, e os citas foram capazes de saquear aquele Império, que havia extinguido a *virtù* de outros, mas não sabia como manter o seu próprio. E embora depois esse Império, por causa da inundação daqueles bárbaros, tenha se dividido em várias partes, essa virtude não foi renovada; primeiro, porque se paga um preço para recuperar as instituições quando elas se deterioram; outra, porque o modo de viver hoje, no que diz respeito à religião cristã, não impõe aquela necessidade de defendê-la que outrora existiu, na qual os homens, derrotados na guerra, ou eram mortos ou permaneciam escravos para sempre, onde levaram uma vida de miséria; as terras conquistadas ou foram desoladas ou os habitantes expulsos, seus bens levados, e eles foram enviados para várias partes do mundo, de modo que os vencidos na guerra sofreram até a última miséria. Os homens ficaram apavorados, e mantiveram seus exercícios militares vivos, honrando aqueles que eram excelentes neles. Mas hoje, esse medo em grande parte se perdeu, e poucos dos derrotados são condenados à morte e ninguém é mantido prisioneiro por muito tempo, pois são facilmente libertados. Os cidadãos, embora devam se rebelar mil vezes, não são destruídos, os bens são deixados ao seu povo, para que o maior mal que se tema seja a imposição de taxas e impostos; hoje os homens não se sujeitam às ordenações militares. Posteriormente, essas províncias da Europa passaram a existir sob o comando de poucos chefes em comparação com o passado, pois toda a França obedece a um rei, toda a Espanha, a outro, e a Itália por sua vez, dividiu-se em algumas partes; as cidades fracas se defendem aliando-se aos vencedores, e os Estados fortes, pelas razões mencionadas, não temem a ruína final.



**COSIMO:** E nos últimos vinte e cinco anos, muitas cidades foram saqueadas e perderam seus reinos; cujos exemplos deveriam ensinar outros a viver e reassumir algumas das ordens antigas.

**FABRIZIO:** Isso é o que você diz, mas se você observar as cidades saqueadas, vai descobrir que não são as mais fortes dos Estados, mas apenas membros: como se vê no saque de Tortona e não de Milão, Cápua e não Nápoles, Brescia e não Veneza, Ravenna e não Roma. Tais exemplos não mudam o pensamento atual de quem os governa, mas sim que permaneçam nessa opinião de poderem se recuperar com impostos e taxas: e por isso, não querem se sujeitar ao incômodo do treinamento militar, pois parece-lhes em parte desnecessário, um emaranhado que eles não entendem. Aqueles que são escravos, de quem tais exemplos deveriam causar medo, não têm o poder para resolver a questão; e aqueles príncipes, por terem perdido seus reinos, não dispõem de tempo, e aqueles que o têm não sabem e não querem, pois desejam permanecer no poder sem qualquer dificuldade por meio da fortuna, não por meio de sua própria virtude, e veem que, porque há tão pouca *virtù*, a fortuna governa tudo, e eles querem que ela os domine, não que eles a dominem. E o que falei é verdade, considere a Alemanha, na qual há muitos principados e repúblicas, há muita *virtù*, e tudo o que é bom em nosso exército atual, depende do exemplo dessas pessoas, que, sendo completamente ciumentas de seu Estado, porque temem a servidão, que em outro lugar não amedronta, mantêm-se honradas. Quero que isso seja suficiente para mostrar as razões do presente negócio, de acordo com minha opinião. Não sei se parece o mesmo para você, ou se alguma outra apreensão deveria ter surgido desta discussão.

**COSIMO:** Nenhuma dúvida, pelo contrário, estou muito satisfeito com tudo. Desejo, voltando ao nosso assunto principal, aprender com você como organizaria a cavalaria nessas companhias, quantas e como seriam comandadas e armadas.

**FABRIZIO:** Talvez pareça a você que eu omiti esse assunto, o que não é de surpreender, pois falo pouco delas por duas razões: uma, porque esta parte do exército é menos corrupta do que a da infantaria, por isso não é mais forte do que a antiga está no mesmo nível. Porém, há pouco o método de treiná-las foi mencionado. E quanto ao modo que eu as armaria, seria como agora é feito, tanto para a cavalaria ligeira quanto a pesada. Mas eu gostaria que a cavalaria leve fosse composta de todos os arqueiros, com alguns artilheiros leves entre eles, que, embora de pouca utilidade em ações de guerra, são muito úteis para aterrorizar os camponeses, pois um atirador causa mais medo para o inimigo do que vinte outros homens armados. E quanto aos números, digo que, partindo da imitação do exército romano, eu teria não menos que trezentas cava-



larias efetivas para cada batalhão, dos quais eu gostaria que cento e cinquenta compusesse a cavalaria pesada e cento e cinquenta, a cavalaria leve; e eu daria um líder para cada uma dessas partes, criando entre elas quinze decuriões, e daria a cada uma delas uma bandeira e um corneteiro. Eu gostaria que cada dez soldados da cavalaria pesada tivessem cinco carruagens e cada dez cavaleiros leves, duas, que, como os da infantaria, deveriam carregar as tendas, utensílios de cozinha, engates, postes e, além dos outros instrumentos, suas ferramentas. E não pense que isso seja inadequado, visto que a cavalaria pesada hoje tem quatro cavalos a seu serviço, e que tal prática corrompe; pois na Alemanha é visto que tais cavaleiros estão sozinhos com seus cavalos, e apenas cada vinte têm uma carroça. Os cavaleiros dos romanos também estavam sozinhos; é verdade que os triários<sup>[3]</sup> acampavam perto da cavalaria e eram obrigados a ajudar no manejo dos cavalos; isso pode ser facilmente imitado por nós, como se verá na distribuição dos alojamentos. Portanto, o que os romanos fizeram, e o que os alemães fazem, nós também podemos fazer; e ao não fazer isso, cometemos um erro. Esses cavaleiros ordenados e alistados juntos com o batalhão poderiam ser reunidos algumas vezes quando se juntassem as companhias, fazendo com eles algumas manobras de combate, mais para se reconhecerem uns aos outros do que por qualquer outra necessidade. Mas eu já disse o suficiente sobre este assunto por enquanto, e vamos começar a formar um exército que seja capaz de oferecer batalha ao inimigo e esperar vencê-la; que é o fim para o qual um exército é organizado, e tanto estudo investido nele.

---

3 Triário era um soldado da antiga legião romana e que combatia na 3ª fileira e que só intervinha para apoiar as duas primeiras.



*"(...) é mais importante para alguém se proteger contra o tiro do que atirar no inimigo."*

MAQUIAVEL





*Soldados vélites, por Grasset de Saint-Sauveur*



# Livro Terceiro

**C**OSIMO: Já que estamos mudando a discussão, gostaria que o questionador fosse mudado, para que eu não seja considerado um presunçoso, o que sempre censurei nos outros. Eu, portanto, renuncio ao meu poder e ofereço a qualquer um dos nossos amigos.

**ZANOBI:** Seria muito gratificante de sua parte continuar; mas, como não quer, pelo menos deveria nos dizer qual de nós deveria suceder em seu lugar.

**COSIMO:** Gostaria de passar este encargo para o Senhor Fabrizioio.

**FABRIZIO:** Estou satisfeito em aceitar, e gostaria de seguir o costume veneziano, de que o mais jovem fala primeiro; por ser um exercício para os jovens, estou convencido de que os jovens são mais hábeis no raciocínio.

**COSIMO:** Portanto, cabe a você, Luigi, e estou satisfeito com tal sucessor, desde que você esteja satisfeito com tal questionador. Mas peço que retomemos o assunto.

**FABRIZIO:** Tenho certeza de que, ao querer mostrar como um exército está bem organizado para empreender um combate, seria necessário narrar como os gregos e os romanos organizaram as fileiras em seus exércitos. No entanto, como vocês são capazes de ler e considerar essas coisas, por meio de escritores antigos, omitirei muitos detalhes e citarei apenas os fatos que me parecerem necessários para imitar nossos mestres gregos e romanos e



prover nosso exército com a perfeição dos antigos. Isso será feito e, com o tempo, mostrarei como um exército está preparado para um combate, como enfrenta uma batalha real, como pode ser treinado em batalhas simuladas. O maior erro que cometem os homens que organizam um exército para um combate é dar-lhe apenas uma frente e comprometê-lo com apenas uma investida e uma tentativa. Isso resulta da perda do método dos antigos, que faziam suas fileiras assimilarem umas às outras; pois sem este método, não se pode ajudar os soldados da fileira da frente, ou defendê-los, ou mudá-los por rotação em batalha, uma prática realizada pelos romanos. Ao explicar esse método, portanto, quero contar como os romanos dividiram cada legião em três partes, a saber, hastatos, príncipes e triários; dos quais os hastatos eram colocados na primeira linha do exército em fileiras sólidas e compactas, atrás deles estavam os príncipes, mas colocados com suas fileiras mais abertas; e atrás destes eles colocavam os triários, com fileiras esparsas, para poder, se necessário, receber os príncipes e os hastatos entre eles. Além destes, possuíam arremessadores, arqueiros e outros soldados armados levemente, que não estavam nessas fileiras, mas estavam situados à frente do exército entre a cavalaria e a infantaria.

Esses homens levemente armados, portanto, inflamavam a batalha, e se vencessem, o que raramente acontecia, marchavam para a vitória; se fossem repelidos, retiravam-se pelos flancos do exército, ou para os espaços deixados para tal propósito, e se posicionavam entre os que não estavam armados; então os hastatos se depararam com o inimigo e, se fossem vencidos, retiravam-se aos poucos pelos espaços abertos das fileiras dos príncipes, e, junto com eles, renovavam a luta. Se estes também eram forçados a recuar, todos se retiravam para as fileiras dos triários e juntos, em massa, recomeçavam a batalha; e se eles fossem derrotados, não havia outro remédio, pois não havia meio de se reformarem.

A cavalaria ficava nos flancos do exército, posicionada como duas alas em um corpo, ora lutavam a cavalo, ora ajudavam a infantaria, conforme a necessidade. Este método de se reformar três vezes é quase impossível de superar, pois é necessário que a sorte o abandone três vezes, e que o inimigo tenha tanta *virtù* que o vença três vezes. Os gregos, com suas falanges, não tinham esse método de reformar a si mesmos e, embora tivessem muitas categorias e líderes dentro deles, não obstante, constituíam um corpo, ou melhor, uma frente. De modo que, para se ajudarem uns aos outros, não se retiravam de uma fileira a outra, como os romanos, mas um homem tomava o lugar do outro, do seguinte modo: suas falanges eram constituídas de fileiras, e supondo que eles tivessem colocado cinquenta homens por fileira, quando a frente se aproxima-



va do inimigo, apenas as seis primeiras fileiras de todas elas eram capazes de lutar, porque suas lanças, que eles chamavam de sarissas, eram tão longas, que a sexta fileira ultrapassava com a ponta da lança a primeira.

Quando eles lutavam, portanto, se alguém da primeira linha caía morto ou ferido, quem estava atrás dele na segunda linha imediatamente entrava em seu lugar, e quem estava atrás dele na terceira linha entrava imediatamente, e assim sucessivamente todas de uma vez as fileiras atrás restauravam as deficiências das que estavam na frente, de modo que as fileiras permaneciam sempre completas, e nenhuma posição dos combatentes ficava vaga, exceto na última fileira, porque não havia ninguém em sua retaguarda para restaurá-la. De modo que os ferimentos sofridos pelo primeiro escalão esgotavam o último, e o primeiro permanecia sempre completo; e assim as falanges, por causa de seu arranjo, eram capazes de ficar mais esgotadas do que quebradas, uma vez que o grande tamanho de seu corpo o tornava mais imóvel. Os romanos, no início, também empregavam falanges e instruíam suas legiões de maneira semelhante. Posteriormente, não satisfeitos com esse arranjo, dividiram a legião em vários grupos; isto é, em tropas e esquadrões; pois eles julgaram, como foi dito há pouco, que aquele corpo armado deveria ser mais ativo e ter mais espírito, e que deveria ser composto de várias partes, e cada uma se autorregularia. Os batalhões da Suíça, nessa época, empregavam todos os métodos das falanges, tanto no tamanho e totalidade de sua organização, quanto na forma de se ajudarem, e ao chegarem a um confronto colocavam os batalhões lateralmente ou um atrás do outro, e para se ajudarem, colocavam outro batalhão à frente e outro atrás à direita, para que se o primeiro precisasse de ajuda, o segundo poderia ir em frente e socorrê-lo.

O terceiro batalhão atrás deles podia seguir em frente e os outros teriam espaço para se retirarem, evitando chocar-se nos que estavam avançando; pois uma multidão compacta não pode ser recebida como um pequeno número. Portanto, os pequenos e separados grupos que existiam em uma legião romana poderiam ser colocados juntos de forma a poderem ajudar uns aos outros facilmente. Essa disposição dos suíços não era tão boa quanto a dos antigos romanos, isso é demonstrado pelos muitos exemplos das legiões romanas quando se engajaram na batalha com as falanges gregas, e as últimas sempre foram destruídas pelas primeiras, porque os tipos de armas, como mencionei antes, e esse método de reposição, não foram capazes de manter a solidez da falange. Com esses exemplos, portanto, se eu tivesse de organizar um exército, preferiria manter as armas e os métodos, parte das falanges gregas, parte das legiões romanas; e, portanto, mencionei a falta de um batalhão de duas mil lanças, que são as armas das falanges macedônias, e três mil espadas e escudos,



que são as armas dos romanos. Dividiria o batalhão em dez companhias, como os romanos dividiram a legião em dez tropas. Contaria com os vélites, que é a luz armada, para acender a batalha, como os romanos fizeram. E assim, como as armas são misturadas, sendo compartilhadas por ambas as nações e também as organizações são compartilhadas, providenciaria que cada companhia tivesse cinco fileiras de lanças, piqueiros, na frente, e os escudeiros restantes, a fim de poder com esta frente resistir à cavalaria, e facilmente penetrar nas companhias inimigas a pé, e o inimigo no primeiro encontro encontraria as lanças, que eu acredito que seriam suficientes para resistir, e então os escudeiros iriam derrotá-los.

E se você observar a virtude desse método, verá que todas essas armas executarão seu ofício completamente. Primeiro porque os piqueiros são úteis contra a cavalaria e, quando vêm contra a infantaria, cumprem seu dever bem antes de a batalha se encerrar, pois, quando são pressionados, tornam-se inúteis. Os suíços evitavam essa desvantagem, a cada três filas de piqueiros colocavam uma fila de alabardas, o que, embora não seja suficiente, dá aos piqueiros espaço para manobra. Colocando, portanto, os piqueiros na frente e os escudeiros atrás, eles conseguiam proteger a cavalaria e, ao inflamar a batalha, atacavam a infantaria, mas quando a batalha se aproximava, eles se tornavam inúteis, frente aos escudos e espadas.

**LUIGI:** Desejamos saber como você organizaria o exército para a batalha com essas armas e com essas ordenações.

**FABRIZIO:** Não quero mostrar a você outra coisa senão isso. Você tem de entender que em um exército romano regular, que eles chamavam de exército consular, não havia mais do que duas legiões de cidadãos romanos, que consistiam em seiscentos homens de cavalaria e cerca de onze mil na infantaria. Eles também tinham outros infantes e cavaleiros que foram enviados a eles por seus amigos e confederados, que eles dividiram em duas partes, e chamaram uma de ala direita e a outra de ala esquerda, sem que jamais os romanos permitissem que tais infantes auxiliares ultrapassassem o número de infantes de suas legiões, mas admitiam de bom grado que o número de cavaleiros fosse maior. Com este exército, que consistia em vinte e dois mil infantes e cerca de dois mil efetivos de cavalaria, um cônsul executava todas as ações e empreendimentos. E quando era necessário enfrentar uma força maior, eles reuniam dois cônsules com dois exércitos. Você também deve notar que normalmente em todas as três atividades principais nas quais os exércitos se envolviam, isto é, marchar, acampar e lutar, eles colocavam a legião no meio, porque queriam que aquela *virtù* na qual confiavam mais deveria ser mais unida. Essa infantaria auxiliar, por causa do treinamento que tiveram com a infantaria da legião,



era tão eficaz quanto os últimos, e também disciplinados e, portanto, eles se organizavam de maneira semelhante no combate. Todos sabiam a disposição do exército. Portanto, tendo contado a vocês como eles dividiram uma legião em três linhas e como uma linha receberia a outra, vou contar como todo o exército foi organizado para um combate.

Se eu quisesse, portanto, organizar um exército para um combate à imitação dos romanos, assim como eles tinham duas legiões, eu pegaria dois batalhões, e estes tendo sido implantados, a disposição de um exército inteiro seria conhecida; pois ao adicionar mais homens, nada mais é preciso do que ampliar a organização. Não creio que seja necessário lembrar a vocês quantos infantes formam um batalhão, e que ele tem dez companhias, e quem são os líderes, e quais armas eles têm, e quem são os piqueiros e os vélites, já mencionei todos esses detalhes, e recomendei que guardassem na memória como algo necessário se quiserem compreender todos os outros arranjos: e, portanto, irei à demonstração do arranjo, sem repeti-los novamente. E me parece que dez companhias de um batalhão deveriam ser colocadas no flanco esquerdo; e as outras dez, no direito. Os da esquerda devem ser organizados desta forma. As cinco companhias deveriam ser colocadas uma ao lado da outra na frente, de modo que entre uma e a outra houvesse um espaço de quatro braços que passariam a ocupar uma área de cento e quarenta e um braços de comprimento e quarenta de largura. Atrás dessas cinco companhias eu colocaria três outras, distantes em linha reta das primeiras por quarenta braços, duas das quais deveriam vir atrás em linha reta nas pontas das cinco, e a outra deveria ocupar o espaço no meio. Assim, essas três viriam a ocupar em comprimento e largura o mesmo espaço que as cinco; onde as cinco teriam uma distância de quatro braços de comprimento entre si, esse teria trinta e três. Atrás delas eu colocaria as duas últimas companhias, também em linha reta atrás das três, e distantes daquelas três de quarenta braços, e colocaria cada uma delas atrás das pontas das três, de modo que o espaço entre elas fosse de noventa braços de comprimento.

Todas essas companhias dispostas dessa maneira cobririam, portanto, uma área de cento e quarenta e um braços de comprimento e duzentos de largura. Os piqueiros extraordinários se estenderiam ao longo dos flancos dessas companhias no lado esquerdo, distantes vinte braços dele, criando cento e quarenta e três fileiras de sete por fileira, de modo que deveriam cobrir toda a extensão das dez companhias dispostas, como já descrito; e restariam quarenta fileiras para proteger as carroças e as pessoas desarmadas nas costas do exército, e designaria os centuriões aos seus devidos lugares, e, dos três condestáveis, eu colocaria um à frente, outro no meio e o terceiro na última fila, que deveria ocupar o cargo de *tergiduttore*, como os antigos chamavam o encarregado da



retaguarda do exército. Mas voltando ao chefe do exército, digo que colocaria o vélite extraordinário ao lado dos piqueiros extraordinários, que, como você sabe, são quinhentos, e os colocaria a uma distância de quarenta braços. Do lado deles, também do lado esquerdo, eu colocaria os homens armados e os designaria a uma distância de cento e cinquenta braços de distância. Atrás deles, a cavalaria leve, a quem eu atribuiria o mesmo espaço que os soldados. Os vélites comuns eu deixaria em torno de suas companhias, que ocupariam aqueles espaços que entre uma companhia e outra, que agiriam para ministrar àquelas companhias, a menos que eu já os tivesse colocado sob os piqueiros extraordinários; o que eu faria de acordo com o que deveria beneficiar meus planos. O chefe geral de todos os batalhões que eu colocaria naquele espaço que existe entre a primeira e a segunda ordem de companhias, ou melhor, à frente, e naquele espaço que existe entre a última das cinco primeiras companhias e os piqueiros extraordinários, em segundo, pois deveria beneficiar meus planos, cercado por trinta ou sessenta homens escolhidos, que deveriam saber como executar uma comissão com prudência e resistir firmemente a um ataque, e também deveriam estar no meio dos corneteiros e porta-bandeiras. Essa é a ordem na qual eu implantaria um batalhão do lado esquerdo, o que seria o desdobramento de metade do exército, e cobriria uma área de quinhentos e onze braços de comprimento e tanto quanto mencionado acima em largura, sem incluir o espaço que deveria ocupar aquela parte dos piqueiros extraordinários que atuam como escudo para os homens desarmados, que teria cerca de cem braços.

Quanto aos outros batalhões, eu desdobraria do lado direito exatamente da mesma forma que desdobrei os da esquerda, tendo um espaço de trinta braços entre nossos batalhões e o outro, em cuja frente colocaria algumas peças de artilharia; atrás, que seria o capitão-general de todo o exército, que deveria ter ao seu redor, além dos corneteiros e porta-bandeiras, pelo menos duzentos homens escolhidos, a maior parte a pé, entre os quais dez ou mais adeptos da execução de cada comando, e deveria ser munido de armas e um cavalo de modo a poder andar a cavalo ou a pé conforme as necessidades. Dez canhões da artilharia do exército bastam para a destruição das cidades, que não devem ultrapassar a carga máxima de cinquenta libras, das quais no campo eu empregaria mais na defesa do acampamento do que em travar uma batalha, e a outra artilharia deveria ultrapassar mais do que quinze libras por carga. Eu colocaria isso na frente de todo o exército, a menos que o país fosse tal que eu pudesse situá-lo no flanco em um lugar seguro, onde não pudesse ser atacado pelo inimigo.

Esta formação de exército assim organizada, em combate, pode manter a ordem tanto das falanges quanto das legiões romanas, pois os piqueiros estão



na frente e toda a infantaria disposta em fileiras, que diante do confronto eles resistiriam bravamente, eles deveriam ser capazes de reorganizar as primeiras fileiras daqueles que estavam atrás de acordo com o uso das falanges. Por outro lado, se forem atacados de forma a serem compelidos a romper fileiras e retirar-se, podem entrar nos espaços da segunda companhia atrás deles, e unindo-se aos soldados para resistir e combater os inimigos novamente; e se isso não bastasse, eles poderiam se retirar uma segunda vez, e combater uma terceira vez, de modo quanto ao combate, eles poderiam se reorganizar tanto de acordo com o método grego, quanto com o romano. Quanto à força do exército, não pode ser arranjado mais forte, pois ambas as alas são amplamente providas de líderes e armas, e nenhuma parte é deixada fraca, exceto aquela parte atrás da qual está desarmada, e mesmo aquela parte tem seus flancos protegidos por piqueiros extraordinários. O inimigo não pode atacá-lo em qualquer parte onde não os encontre organizados, e a retaguarda não pode ser atacada, porque não pode haver um inimigo que tenha tanto poder que possa atacar todos os lados igualmente.

Mas se ele for um terço maior do que você, e tão organizado quanto você, e se enfraquecer se for atacado por todos os lados, assim que você derrotar uma parte, poderá vencê-lo. Se a cavalaria dele for maior do que a sua, fique tranquilo, pois as fileiras de piqueiros que o cingem o defenderão de cada investida deles, mesmo que sua cavalaria seja repelida. Além disso, os chefes são colocados nas laterais para que possam comandar e obedecer facilmente. E os espaços que existem entre uma companhia e outra, e entre um posto e outro, não só servem para permitir um receber o outro, mas também para dar lugar aos mensageiros que vão e vêm por ordem do capitão. E como eu disse a você antes, como os romanos tinham cerca de vinte mil homens em um exército, também este deveria ter; e como outros soldados tomaram emprestado seu modo de luta e a formação de seu exército das legiões, assim também aqueles soldados que se reuniram em dois batalhões teriam que emprestar sua formação e organização. Tendo dado um exemplo tudo se torna fácil; pois acrescentando dois outros batalhões ao exército ou tantos soldados quanto os que já possui, não há o que fazer a não ser duplicar as ordenações; em vez de dez companhias no lado esquerdo terás vinte, ou engrossando ou estendendo as ordenações segundo o lugar ou o inimigo que lhe impusessem.

**LUIGI:** De verdade, meu senhor, imaginei tanto este exército, que o vejo agora, e desejo vê-lo combater, e por nada no mundo eu desejaria que você se tornasse Fábio Máximo, pensando em manter o inimigo encurralado e atrasando o combate, pois eu diria sobre você coisas piores do que as que o povo romano disse dele.



**FABRIZIO:** Não fique apreensivo. Você não ouve a artilharia? Nossos homens disparam, mas prejudicam pouco o inimigo; e os vélites extraordinários saem de seus lugares juntamente com a cavalaria ligeira e se espalham, e com tanta fúria e os gritos mais altos de que são capazes, atacam o inimigo; a artilharia disparou uma vez e passou por cima das cabeças de nossa infantaria sem feri-los. E como não pôde disparar uma segunda vez, nossos vélites e a cavalaria já conseguiram dominar o oponente, que foram obrigados a seguir adiante para se defender e evitar que ambos os lados pudessem cumprir seu ofício. Você vê com que *virtù* nossos homens lutam, e com que disciplina eles se acostumaram por causa do treinamento que receberam e da confiança que têm no exército; tal confiança pode ser vista nos passos firmes com que os homens de armas marcham, reacendendo a batalha com o adversário. Vejam, nossa artilharia, que para dar lugar a eles e deixar o espaço livre, retirou-se para o lugar de onde o vélite partiu. Você vê o capitão que os encoraja e lhes indica a vitória certa. Você vê que o vélite e a cavalaria ligeira se espalharam e voltaram para os flancos do exército, a fim de ver se eles podem causar algum dano ao inimigo pelos flancos. Veja, os exércitos se enfrentam; observe com que *virtù* eles resistiram à investida do inimigo, e com que silêncio, e como o capitão ordena aos homens de armas que resistam e não ataquem, e não se desprendam eles próprios das fileiras da infantaria. Você vê como nossa cavalaria ligeira foi atacar um bando de artilheiros inimigos que queriam atacar pelo flanco, como a cavalaria inimiga os socorreu, de modo que, presos entre a cavalaria de um e do outro, eles não podem atirar. Você vê com que fúria nossos piqueiros os atacam, e como a infantaria já está tão perto uma da outra que não conseguem mais manejar suas lanças, para que, de acordo com a disciplina por nós ensinada, nossos piqueiros se retirem aos poucos entre os escudeiros. Observe como neste encontro, um bando de homens de armas empurrou para trás nossos homens do lado esquerdo e como os nossos, de acordo com a disciplina, se retiraram sob os piqueiros extraordinários, e se reformaram à frente com sua ajuda, repeliram o adversário e mataram uma boa parte deles. Na verdade, todos os piqueiros comuns da primeira companhia se esconderam entre as fileiras dos escudeiros e deixaram a batalha para os lanceiros, que, vejam com que *virtù*, segurança e lazer, mataram o inimigo.

Não vê que, durante a luta, as fileiras ficam tão estreitas que só conseguem manejar as espadas com muito esforço? Veja com que pressa o inimigo se move; pois, armados com a lança e suas espadas inúteis (uma porque é muito longa, a outra porque encontram o inimigo muito armado), em parte eles caem mortos ou feridos, em parte eles fogem. Veja-os fugir do lado direito. Eles também fogem pela esquerda. A vitória é nossa. Não ganhamos uma ba-



talha com muita satisfação? Mas teria sido ganho com maior felicidade se eu tivesse permissão para colocá-los em ação. E veja que não era necessário valer-nos nem do segundo nem do terceiro escalão, que a nossa primeira linha bastava para vencê-los. Nesta parte, não tenho mais nada a dizer, exceto para dissipar quaisquer dúvidas que possam surgir.

**LUIGI:** Você venceu essa batalha com tanta fúria que estou espantado, na verdade estupefato; não acredito que ainda me resta alguma dúvida. No entanto, confiando na sua prudência, tomarei coragem para dizer o que eu pretendo. Diga-me primeiro, por que você não deixou sua artilharia disparar mais de uma vez? Por que você os fez se retirarem rapidamente dentro do exército, nem fez depois qualquer outra menção a eles? Parece-me também que você apontou a artilharia inimiga para o alto e a arranjou de forma que fosse de muito benefício para você. No entanto, se acontecer, e eu acredito que aconteça com frequência, que as linhas são perfuradas, que solução você sugere? E desde que comecei na artilharia, quero levantar todas essas questões para não ter de discutir mais. Já ouvi muitos desacreditarem as armas e a organização dos antigos exércitos, argumentando que hoje eles pouco poderiam fazer, ou melhor, quão inúteis seriam contra a fúria da artilharia, pois essas são superiores às suas armas e rompem as fileiras, de modo que parece-lhes uma loucura criar um arranjo que não pode ser sustentado e suportar as adversidades carregando uma arma que não pode defendê-lo.

**FABRIZIO:** Esta sua pergunta necessita de uma resposta longa. É verdade que não dispus o fogo de artilharia mais de uma vez, e por isso ainda resta dúvida. A razão é que é mais importante para alguém se proteger contra o tiro do que atirar no inimigo. Você deve entender que, se não quiser que a artilharia o machuque, é necessário ficar onde ela não pode alcançá-lo, ou colocar-se atrás de uma parede ou dique. Nada mais o impedirá; mas é necessário que sejam muito fortes. Os capitães que devem entrar em combate não podem permanecer atrás de paredes ou diques, nem podem permanecer onde possam alcançá-los. Eles devem, portanto, uma vez que não têm um meio de se proteger, encontrar um pelo qual sejam menos feridos; nem podem fazer outra coisa senão empreender rapidamente. Os ataques devem ser rápidos e espalhados; pois a velocidade não permite que os inimigos atirem novamente e, como os homens estão espalhados, eles podem ferir apenas alguns deles. Se o ataque for feito por um bando de homens organizados, mas que se dispersem ao longo da marcha, eles se desorganizam, e se espalham, eles não dão ao inimigo o trabalho de rompê-las, pois elas se rompem sozinhas. E, portanto, eu organizaria o exército de forma que ele pudesse fazer as duas coisas; colocar mil vélites nas asas da artilharia, eu providenciaria para que, depois que nossa



artilharia tivesse disparado partiriam junto com a cavalaria leve para capturar a artilharia inimiga. E, portanto, não faria a artilharia disparar para não dar tempo ao inimigo, pois você não pode me dar tempo e tirá-lo dos outros. E, por isso, o motivo pelo qual não mandei disparar uma segunda vez foi para não permitir que o inimigo tivesse tempo de atirar contra nós, porque, para inutilizar a artilharia inimiga, não há outra solução senão atacá-la; que, se o inimigo abandona a sua posição, você o pega. Acredito que, mesmo sem exemplos, esta discussão deva ser suficiente para você, mas, podendo dar-lhe alguns dos antigos, eu o farei. Ventidius, vindo para a batalha com os partas, cuja *virtù* em grande parte consistia em seus arcos e dardos, permitiu-lhes que quase chegassem em seus acampamentos antes de liderar o exército, o que ele só fez para ser capaz de dominá-los rapidamente e não lhes dar tempo para disparar. César na Gália conta que, ao vir para a batalha com o inimigo, foi atacado por eles com tal fúria que seus homens não tiveram tempo de sacar os dardos de acordo com o costume romano. Vê-se, portanto, que estando no campo, se não quiser que algo disparado à distância lhe faça mal, não há outra solução senão dominá-lo o mais rapidamente possível.

Outra razão também me fez dispensar o disparo da artilharia, da qual você talvez possa rir, mas não julgo que deva ser menosprezado. E não há nada que cause maior confusão em um exército do que obstruir sua visão, de onde a maioria dos exércitos robustos foi derrotada por ter sua visão obstruída pela poeira ou pelo sol. Também não há nada que impeça mais a visão do que a fumaça que a artilharia faz quando disparada; eu pensaria, portanto, que seria mais prudente deixar o inimigo cegar a si mesmo, do que você ir às cegas para encontrá-lo. Eu, portanto, não atiraria, colocaria nas alas do exército, para que, ao disparar, sua fumaça não cegasse a frente que é mais a importante de nossas forças. Obstruir a visão do inimigo é algo útil, pode-se citar a partir do exemplo de Epaminondas, que, para cegar o exército inimigo que se aproximava para enfrentá-lo, fez correr a sua cavalaria ligeira à frente do inimigo para que levantassem a poeira alta obstruindo a visão do inimigo, o que lhe deu a vitória no combate. Quanto a lhe parecer que mirei os disparos da artilharia à minha maneira, fazendo-os passar por cima das cabeças da infantaria, respondo que na maioria das vezes a artilharia pesada não penetra na infantaria, porque a infantaria está abaixo da linha de fogo. Além disso, o desnível do terreno os salva, pois cada pequeno monte ou altura que existe entre a infantaria e a artilharia o impede. E quanto à cavalaria, e principalmente aos homens de armas, por serem mais altos e mais facilmente atingidos, podem ser mantidos na retaguarda do exército até o momento em que a artilharia tenha disparado. É verdade que muitas vezes ferem a artilharia menor e os artilheiros mais que a cavalaria,



para o qual a melhor solução é atacá-los rapidamente; e se no primeiro assalto alguns são mortos, um bom capitão e um bom exército não devem temer um dano particular, mas geral; e a imitar os suíços, que nunca se esquivam de um embate, mesmo que aterrorizados pela artilharia, punem com a pena de morte aqueles que, por medo, rompem as fileiras ou dão o sinal do medo. Eu as faço retirar-se depois de atirarem para que deixem espaço livre às companhias. Não as mencionei mais, pois são inúteis uma vez iniciados os conflitos. Você disse ainda que, em relação à rapidez desse instrumento, muitos creem que os armamentos e as ordenações antigas sejam inúteis; pela forma que disse, parece que os modernos encontraram ordenações e armas eficientes contra a artilharia.

Se você sabe disso, terei o prazer de lhe mostrar, pois até agora não conheço nenhum que tenha sido observado, nem acredito que possa ser encontrado. De modo que gostaria de saber daqueles homens por que motivos os soldados a pé de nossos tempos usam a couraça ou o espartilho de ferro, e os que estão a cavalo vão totalmente revestidos de armadura, visto que, condenando a antiga armadura como inútil em relação à artilharia, eles também deveriam evitá-las. Eu também gostaria de entender por que razão os suíços, em imitação dos sistemas antigos, utilizavam uma companhia de seis ou oito mil infantes, e por que razão todos os outros os imitaram, trazendo os mesmos perigos para este sistema. Acredito que eles não saberiam o que responder; mas se você perguntasse aos soldados se deveriam ter alguma experiência, eles responderiam, primeiro que eles vão armados porque, mesmo que aquela armadura não os proteja da artilharia, ela protege contra outros ferimentos infligidos por um inimigo, e eles também responderiam que eles vão juntos como suíços a fim de serem capazes de atacar a infantaria, resistir à cavalaria e dar ao inimigo mais dificuldade para derrotá-los. De modo que se observa que os soldados devem temer muitas outras coisas além da artilharia, da qual se defendem com armadura e organização. Disso se segue que, tanto quanto um exército está melhor armado, e quanto mais suas fileiras são serradas e poderosas, tanto mais ele está seguro. Portanto, quem quer que seja da opinião que você mencionou deve ser de pouca prudência, ou pensou muito pouco sobre este assunto; pois se virmos a menor parte da antiga forma de armar em uso hoje, que é a lança, e a menor parte desses sistemas, que são os batalhões dos suíços, que nos fazem tanto bem e nos emprestam tanto poder para nossos exércitos, por que não deveríamos acreditar que as outras armas e outros sistemas que eles nos deixaram também são úteis? Além disso, se não temos qualquer consideração pela artilharia quando nos colocamos juntos, como os suíços, que outro sistema além desse pode nos assustar? Visto que não há outro sistema que pode nos deixar com mais medo do que sermos pressionados uns contra os outros.



Além disso, se a artilharia inimiga não me assusta quando eu sitiar uma cidade, onde ela pode me ferir com grande segurança para si mesma, e onde eu não posso capturá-la porque é defendida das muralhas, mas posso detê-la apenas com o tempo com minha artilharia, para que ela possa redobrar seus tiros como quiser, por que tenho de ter medo dela no campo, onde posso combatê-la rapidamente? Para que eu conclua isso, a artilharia, em minha opinião, não impede ninguém de usar os métodos dos antigos e demonstrar a antiga *virtù*. E se eu não tivesse falado com você sobre este instrumento, eu me estenderia ainda mais, mas quero voltar ao que disse há pouco.

**LUIGI:** Podemos ter um entendimento muito bom já que o senhor tanto discorreu sobre artilharia e, em suma, parece-me que você mostrou que a melhor solução que se tem contra ela quando está em campo e tendo um exército em um encontro, é capturá-la rapidamente. Diante disso, uma dúvida surge, pois me parece que o inimigo pode localizá-la em um lado de seu exército do qual ele pode ferir você, e estaria tão protegido pelos outros lados, que não seria capturado. Você, se lembra, na ordem de batalha de seu exército, que criou intervalos de quatro braços entre uma companhia e outra, e colocou vinte dos piqueiros extraordinários da companhia ali. Se o inimigo organizasse seu exército da mesma forma que o seu, e posicionasse sua artilharia bem dentro desses intervalos, acredito que ele seria capaz de feri-lo com a maior segurança, pois não seria possível entrar forças inimigas para capturá-las.

**FABRIZIO:** Você duvida com muita prudência, e eu me esforçarei para resolver a dúvida ou remediá-la. Eu disse a você que essas companhias estão continuamente em movimento, e por natureza sempre acabam juntas, de modo que se você fizer pequenos intervalos, nos quais você colocaria a artilharia, em pouco tempo, estariam tão fechadas que a artilharia não poderia mais cumprir sua função; se você os aumentasse para evitar esse perigo, você incorreria em um perigo maior, de modo que, por causa desses intervalos, você não só daria ao inimigo a oportunidade de capturar sua artilharia, mas de derrotá-la. Mas é preciso saber que é impossível manter a artilharia entre as fileiras, especialmente aquelas que estão montadas em carruagens, pois a artilharia viaja em uma direção, e é disparada na outra, para que se desejem disparar enquanto estão viajando, é necessário antes de serem disparadas que sejam viradas, e quando estão sendo viradas precisam de tanto espaço que cinquenta carruagens de artilharia perturbariam qualquer exército. É necessário, portanto, mantê-las fora das fileiras onde possam ser operadas da maneira que mostramos há pouco. Mas vamos supor que elas possam ser mantidas lá, e que um meio-termo possa ser encontrado, e de um tipo que, quando fechado, não deve impedir a artilharia, embora não seja tão aberto a ponto de fornecer um



caminho para o inimigo, eu digo que isso é facilmente remediado na hora do encontro, criando intervalos em seu exército que dão um caminho livre para seus tiros, e assim a fúria dele será inútil.

O que pode ser facilmente feito, pois o inimigo querendo que sua artilharia fique segura, deve colocá-la nas porções finais dos intervalos, de modo que seus disparos, se não ferirem seus próprios homens, devem passar em linha reta, e sempre na mesma linha, e, portanto, dando-lhes espaço, podem ser facilmente evitados. Porque esta é uma regra geral, que você deve ceder às coisas que não podem ser resistidas, como os antigos faziam com os elefantes e carruagens com foices. Acredito que deve parecer a você que preparei e ganhei uma batalha à minha maneira; no entanto, vou repetir, se o que disse até agora é suficiente, que seria impossível para um exército assim organizado e armado não vencer, no primeiro encontro, todos os outros exércitos organizados assim como os exércitos modernos, que muitas vezes, a menos que tenham escudeiros não formam uma frente, e são do tipo desarmado, que não podem se defender de um inimigo próximo; e tão organizados que, se colocarem suas companhias nos flancos, lado a lado, não tendo como se receber, façam com que seja confundida e passível de ser facilmente perturbada. E embora deem a seus exércitos três nomes, e os divida em três fileiras, a vanguarda, a companhia (corpo principal) e a retaguarda, no entanto, eles não servem para nada mais do que os distinguir na marcha e em seus alojamentos; mas em uma batalha, eles estão todos comprometidos com o primeiro ataque e uma primeira fortuna.

**LUIGI:** Também observei que, ao fazer seu combate, sua cavalaria foi repelida pela cavalaria inimiga e se retirou entre os piqueiros extraordinários, de onde aconteceu que, com a ajuda deles, resistiram e repeliram o inimigo pela retaguarda. Acredito que os piqueiros podem resistir à cavalaria, como você disse, mas não um batalhão grande e forte, como fazem os suíços, que, em seu exército, têm cinco fileiras de piqueiros na frente e sete no flanco, eu não sei como eles são capazes de resistir a eles.

**FABRIZIO:** Embora eu tenha lhe dito que seis patentes foram empregadas nas falanges da Macedônia ao mesmo tempo, no entanto, você deve saber que um batalhão suíço, se fosse composto por milhares de tanques, não poderiam empregar senão quatro, ou no máximo cinco, porque as lanças têm nove braços de comprimento e um comprimento de braço e meio é ocupado pelas mãos; de onde apenas sete braços e meio de comprimento da lança permanecem para a primeira fila. A segunda fileira, além do que a mão ocupa, usa o comprimento de um braço do espaço que existe entre uma fileira e a próxima; de modo que nem mesmo seis braços de lança permanecem em uso. Pelas



mesmas razões, eles permanecem com quatro braços de comprimento e meio para a terceira fila, três para a quarta e um comprimento e meio para a quinta. As outras fileiras são inúteis para infligir ferimentos; mas servem para substituir as primeiras fileiras, como dissemos, e serve como reforços para aquelas primeiras cinco fileiras. Se, portanto, cinco de suas fileiras podem controlar a cavalaria, por que cinco de nossas não podem, aos quais também não faltam cinco fileiras atrás deles para sustentá-las e dar o mesmo apoio, mesmo que não tenham piqueiros como aquelas? E se as fileiras de piqueiros extraordinários que são colocados ao longo dos flancos parecem estreitas para você, elas podem ser formadas em um quadrado e colocá-las ao lado das duas companhias que coloco na última fileira do exército, de cuja posição poderiam facilmente todos juntos auxiliar a cabeça e as costas do exército e prestar socorro à cavalaria, caso houvesse necessidade.

**LUIGI:** Você sempre usaria essa forma de ordenação, quando precisasse entrar em uma batalha?

**FABRIZIO:** Não em todos os casos, pois você tem de variar a formação do exército de acordo com a adequação do local, o tipo e a quantidade do inimigo, o que será mostrado antes que esta discussão termine. Mas esta formação que aqui se dá, não tanto porque é mais importante que outras, que na verdade é muito importante, quanto porque dela se obtém uma regra e um sistema, para saber reconhecer o modo de organização dos outros; pois toda ciência tem suas generalizações, nas quais, em boa parte, ela se baseia. Só uma coisa, recordo-lhe: nunca organize um exército para que quem luta na frente não possa ser socorrido pelos que ficam atrás, porque quem comete este erro inutiliza grande parte do exército, e se alguma virtude é eliminada, ele não pode vencer.

**LUIGI:** E nesta parte, uma dúvida surgiu. Tenho visto que na disposição das companhias você forma a frente com cinco de cada lado, o centro com três e a traseira com duas; e eu acreditaria que deveria ser melhor organizá-las de forma oposta, porque acho que um exército pode ser derrotado com mais dificuldade, pois quem o atacar, quanto mais penetrar nele, tanto mais difícil o encontrará; mas o arranjo feito por você me parece o resultado que, quanto mais alguém entra nele, mais ele o acha fraco.

**FABRIZIO:** Se lembrar que aos triários, que eram a terceira fila das legiões romanas, não foram atribuídos mais de seiscentos homens, terá menos dúvida, ao partir, que foram colocados nas últimas fileiras, porque verá que eu (motivado por este exemplo) coloquei duas companhias nas últimas fileiras, que compreendem novecentos infantes; de maneira que, de acordo com a ordenação do povo romano, erro muito mais por ter tirado muitos, do que



poucos. E embora este exemplo deva bastar, quero dizer-lhe os motivos. A primeira fileira de frente do exército é tornada sólida e densa porque tem de resistir ao ataque do inimigo, e não tem de receber amigos nela, e por isso, deve abundar em homens, de modo que poucos homens a tornariam fraca, tanto por sua escassez quanto por seu número. Mas a segunda fileira, porque tem de dispensar da primeira os amigos que resistiram ao inimigo, deve ter grandes intervalos e, portanto, deve ter um número menor que a primeira; pois se fosse em um número maior ou igual, resultaria em não deixar nenhum intervalo, o que causaria desordem, ou se algum fosse deixado, se estenderia além das extremidades daqueles na frente, o que tornaria a formação do exército incompleto. E o que você diz não é verdade, que quanto mais o inimigo entrar nos batalhões, mais fraco ele os encontrará; pois o inimigo nunca pode lutar com a segunda fileira, se a primeira não se aliar a ela; para que ele venha a encontrar o centro do batalhão mais forte e não mais fraco, tendo que lutar com a primeira e a segunda fileiras juntas. O mesmo acontece se o inimigo chegar à terceira fileira, porque aqui ele terá que lutar não só com duas novas companhias, mas com todo o batalhão. E como esta última parte deve receber mais homens, seus espaços devem ser maiores; e aqueles que os recebem devem estar em menor número.

**LUIGI:** Eu gosto do que você disse; mas também me responda isto: se as cinco primeiras companhias se retiram entre as três da segunda fileira e, depois, as oito entre as duas da terceira fileira, não parece possível que, ao se reunirem as oito e depois as dez, todas caibam no mesmo espaço em que cabiam as cinco?

**FABRIZIO:** A primeira coisa que respondo é que não é o mesmo espaço; pois as cinco têm quatro espaços entre elas, que ocupam ao se retirarem entre um batalhão e o seguinte, e o que existe entre as três ou as duas; resta também aquele espaço que existe entre as companhias e os piqueiros extraordinários, espaços esses que são ampliados. A isso se acrescenta qualquer outro espaço que as companhias tenham quando estão nas fileiras sem serem alteradas, pois, quando são alteradas, as fileiras são comprimidas ou ampliadas. Aumentam quando têm tanto medo, que se põem em fuga; ficam comprimidas quando ficam amedrontadas, que procuram salvar-se, não pela fuga, mas pela defesa; para que, neste caso, elas o fizessem comprimir, e não se espalhar. Acrescenta-se a isso que as cinco fileiras de piqueiros que estão na frente, uma vez iniciada a batalha, devem se retirar entre suas companhias na retaguarda do exército para dar lugar aos escudeiros que sabem lutar; e quando vão para a cauda do exército podem servir a quem o capitão julgar empregá-los bem, enquanto na frente, uma vez que a luta se misture, eles seriam completamente



inúteis. E, portanto, os espaços organizados chegam a ser muito amplos para as forças restantes. Mas mesmo que esses espaços não sejam suficientes, os flancos laterais são constituídos por homens e não por paredes, que, ao cederem e se espalharem, são capazes de criar um espaço de tal capacidade, que deve ser suficiente para recebê-los.

**LUIGI:** As fileiras dos piqueiros extraordinários, que você coloca no flanco do exército quando a primeira companhia se retira para a segunda, você deseja que permaneçam firmes e se tornem como duas alas do exército ou também deseja que se retirem com a companhia? O que, quando tiver de ser feito, eu não vejo como eles irão fazer, porque não terão companhias por trás com grandes intervalos que os recebam.

**FABRIZIO:** Se o inimigo não enfrenta as companhias que se retiram, eles podem se manter firmes em suas fileiras e ferir o inimigo pelo flanco, já que as primeiras companhias se retiraram; mas também devem combatê-las, como parece razoável, sendo tão poderosos a ponto de forçar os demais a se retirarem, deveriam fazer com que eles também se retirassem. O que eles podem fazer muito bem, embora não tenham ninguém por trás que os receba, pois do meio em diante eles podem dobrar à direita, uma fileira entrando na outra da maneira que discutimos quando falamos sobre o arranjo para se duplicar. É verdade que, ao dobrarem, devem querer retirar-se para trás, devem ser encontrados outros meios além dos que mostrei, visto que disse que a segunda fileira deve entrar entre a primeira, a quarta entre a terceira, e assim por diante, aos poucos, e neste caso, não seria iniciado pela frente, mas pela retaguarda, de modo que dobrando as fileiras, eles deveriam vir se retirar para a retaguarda, e não girar pela frente. Mas para responder a tudo isso, em relação a essa batalha, como mostrado por mim, deveria ser repetido que eu organizei esse exército, e irei novamente explicar essa batalha por dois motivos; um, para mostrar como o exército está organizado; o outro, para mostrar como ele é treinado. Quanto aos sistemas, acredito que todos vocês são experientes. Quanto ao exército, digo-lhe que muitas vezes pode ser organizado desta forma, pois os chefes são ensinados a manter suas companhias nesta ordem; e porque é dever de cada soldado individualmente manter o arranjo de cada companhia, e é dever de cada chefe manter os de cada parte do exército, e saber obedecer aos comandos do capitão-geral. Devem saber, portanto, como unir uma companhia a outra, e como assumir seus lugares instantaneamente, portanto, a bandeira de cada companhia deve ter seu número exposto claramente, para que possam ser comandadas, e o capitão e os soldados reconheçam facilmente esse número. Os batalhões também devem ser numerados e ter seu número na bandeira principal. É preciso saber, portanto, qual é o número do batalhão colocado na



ala esquerda ou direita, o número daqueles colocados na frente e no centro, e logo para os demais. Gostaria também que esses números refletissem os graus de posições no exército. Por exemplo, o primeiro grau é o decurião, o segundo é o chefe de cinquenta vélites ordinários, o terceiro é o centurião, o quarto é o chefe da primeira companhia, o quinto é o da segunda, o sexto da terceira, e assim por diante, até a décima companhia, que deveria ficar em segundo lugar ao lado do capitão-geral do batalhão; nem deve ninguém chegar a essa liderança, a menos que ele tenha passado por todos esses graus. E, como além desses chefes, há os três condestáveis no comando dos piqueiros extraordinários, e os dois dos vélites extraordinários, gostaria que fossem do grau de condestável da primeira companhia, nem mesmo se fossem homens de igual categoria, desde que cada um deles competisse para ser promovido à segunda companhia. Cada um desses capitães, portanto, sabendo onde deveria estar sua companhia, necessariamente se seguirá que, ao som da trombeta, uma vez hasteada a bandeira do capitão, todo o exército estaria em seus devidos lugares. E este é o primeiro exercício a que um exército deve se acostumar, isto é, montar-se rapidamente, e para fazer isso, você deve frequentemente a cada dia organizá-los e desorganizá-los.

**LUIGI:** Que sinais você gostaria que as bandeiras do exército tivessem, além do número?

**FABRIZIO:** Gostaria que a do capitão-geral tivesse o emblema do exército: todas as demais deveriam ter também o mesmo emblema, mas variando com os campos, ou como parecesse melhor ao senhor do exército, mas isso pouco importa, desde que seu efeito resulte no reconhecimento mútuo.

Mas passemos a outro exercício em que um exército deve ser treinado, que é colocá-lo em movimento, marchar com um passo conveniente e ver que, enquanto em movimento, ele mantém a ordem. O terceiro exercício é que eles sejam ensinados a se comportarem como fariam depois em uma batalha; para disparar a artilharia e retirá-la, deve fazer com que as primeiras companhias, como se fossem rechaçadas, se dispersem entre as segundas, e depois todas nas terceiras, e daí retornar cada uma delas aos seus lugares; e assim habituá-las nesse exercício, a ponto de tornar-se uma coisa notória e familiar, o que é alcançado com a prática. O quarto exercício é aquele em que aprendem a conhecer, por meio dos instrumentos e das bandeiras, em virtude do comando de seu capitão, porque o que for pronunciado em alto e bom som, eles, sem qualquer outro comando, o entenderão. Como a importância desse comando deve vir dos instrumentos, eu direi agora quais instrumentos eram usados pelos antigos.

Segundo afirma Tucídides, os apitos eram usados no exército dos lacedemônios, pois julgavam que seu tom era mais apto para fazer o exército prosseguir



com seriedade e não com fúria. Pelo mesmo motivo, os cartagineses, em seu primeiro assalto, utilizaram o cistre. Alliatu, rei dos lídios, usava cistres e apitos na guerra; mas Alexandre, o Grande, e os romanos usavam chifres e trombetas, como aqueles que pensavam que a coragem dos soldados poderia ser aumentada em virtude de tais instrumentos, e fazê-los combater com mais bravura. Mas, assim como pegamos emprestado os métodos gregos e romanos para equipar nosso exército, também devemos nos servir aos costumes de ambas as nações para escolher os sons. Eu colocaria, portanto, as trombetas ao lado do capitão-geral, pois seu som é eficiente não apenas para inflamar o exército, mas para ser ouvido sobre cada barulho mais do que qualquer outro som. Eu gostaria que os outros sons existentes em torno dos condestáveis e chefes de companhias fossem feitos por pequenos tambores e apitos, não soando como são atualmente, mas como costumam soar em banquetes. Gostaria, portanto, que o capitão usasse as trombetas para indicar quando eles deveriam parar, avançar ou voltar, quando deveriam disparar a artilharia, quando mover o vélite extraordinário, e pelas mudanças nestes sons apontar ao exército todos aqueles movimentos que geralmente são apontados; e aquelas trombetas, seguidas de tambores. E, como o treinamento nesses assuntos é de grande importância, eu os seguiria muito no treinamento de seu exército. Quanto à cavalaria, gostaria de usar as mesmas trombetas, mas de volume mais baixo e tom diferente do capitão. Isso é tudo o que me ocorre a respeito da organização e do treinamento do exército.

**LUIGI:** Peço-lhe que não seja tão sério ao esclarecer outra questão, por que você fez a cavalaria leve e o extraordinário vélite moverem-se com gritos, barulho e fúria quando eles atacaram, mas ao se juntarem ao exército você indicou que o assunto estava resolvido com grande silêncio; e como não entendo a razão deste fato, desejo que me esclareça.

**FABRIZIO:** Ao iniciar uma batalha, houve várias opiniões sustentadas pelos antigos capitães, se eles deveriam ou acelerar o passo dos soldados por sons, ou fazê-los caminhar lentamente em silêncio. Esta última maneira serve para manter as fileiras mais firmes e fazer com que entendam melhor as ordens do capitão; a primeira serve para encorajar mais os homens. E, como acredito que deve ser dada consideração a ambos os métodos, fiz o primeiro mover-se com som, e o último em silêncio. E não me parece que em nenhum caso os sons sejam planejados para serem contínuos, pois impediriam os comandos, o que é uma coisa perniciosa. Nem é razoável que os romanos, após o primeiro ataque, devam seguir com tais sons, pois é frequentemente visto em suas histórias que os soldados que estavam fugindo foram parados pelas palavras e conselhos dos capitães, e mudaram as ordens de várias maneiras por seu comando, o que não teria ocorrido se os sons tivessem superado sua voz.



*“(...) a maior  
indicação de  
derrota é quando  
alguém acredita  
que não pode  
vencer.”*

MAQUIAVEL





*Detalhe de mosaico encontrado em Pompeia, representando Alexandre Magno e seu cavalo Bucéfalo na Batalha de Issus. Hoje no Museu Arqueológico Nacional, em Nápoles.*



# Livro Quarto

**L**UIGI: Uma vez que uma batalha foi conquistada de forma tão honrosa sob meu comando, acho que é bom não tentar a sorte ainda mais, sabendo como é mutável e instável. E, por isso, desejo renunciar ao meu mandato, e que, querendo seguir a ordem que pertence aos mais novos, Zanobi agora assuma este ofício de indagar. E sei que não recusará esta honra, ou melhor, este árduo trabalho, tanto para dar prazer, como também porque é naturalmente mais corajoso do que eu; não deve ter medo de entrar nestes labores, em que pode tanto ser vencido como pode vencer.

**ZANOBI:** Pretendo ficar onde você me colocou, embora eu estivesse mais disposto a ouvir, porque até agora estou mais satisfeito com suas perguntas do que aquelas que me ocorreram ao ouvir suas discussões. Mas eu acredito que está bem, senhores, que já que vocês têm tempo e paciência, não os incomodemos com essas nossas cerimônias.

**FABRIZIO:** Em vez disso, você me dá prazer, porque essa mudança de questionadores me faz conhecer os vários gênios e seus vários desejos. Há algo remanescente do assunto discutido que você acha que deveria ser acrescentado?

**ZANOBI:** Há duas coisas que desejo antes de passar para a outra parte: uma é que você me mostre se há outra forma de organizar o exército, a outra, que considerações um capitão deve ter antes de ir para a batalha, e se algum acidente ocorrer a respeito dela, quais medidas podem ser tomadas.



**FABRIZIO:** Farei um esforço para satisfazê-lo, não responderei detalhadamente às suas perguntas, pois, quando eu respondo uma, muitas vezes responderá a outra. Já disse que propus uma formação para o exército que deve preencher todos os requisitos de acordo com a natureza do inimigo e do local, porque, neste caso, procede-se de acordo com o local e o inimigo. Mas note que não há perigo maior do que estender demais a frente de seu exército, a menos que você tenha um exército muito grande e corajoso, caso contrário, você terá que torná-lo menos largo e mais compacto. Pois quando você tem pouca força em comparação com o inimigo, deve buscar outros meios; por exemplo, organize seu exército de modo que você esteja cercado de um lado por rios ou pântanos, assim você não será cercado ou cingido pelos flancos com fossos, como César fez na Gália. Nesse caso, você tem de ter a flexibilidade de ampliar ou comprimir sua frente, de acordo com o número do inimigo; e se o inimigo for em menor número, você deve buscar lugares largos, principalmente se tiver suas forças tão disciplinadas. Assim, não só conseguirá cercar o inimigo, mas também alargar as suas fileiras, pois em locais acidentados e difíceis, não tem a vantagem de poder valer-se de todas as suas fileiras. Por isso, os romanos quase sempre procuraram campos abertos e evitaram os difíceis. Por outro lado, como eu disse, você deve, se tiver pouca força ou que esta seja mal disciplinada, procurar lugares onde um pequeno número possa defendê-lo ou onde a inexperiência não possa causar-lhe dano. Além disso, lugares mais altos devem ser procurados para poder atacar mais facilmente o inimigo.

No entanto, deve-se estar atento para não organizar seu exército em uma praia ou em um local próximo às colinas adjacentes, onde o exército inimigo possa vir; porque, neste caso, no que diz respeito à artilharia, o lugar mais alto seria desvantajoso para você, pois poderia contínua e convenientemente ser prejudicado pela artilharia inimiga, sem poder empreender qualquer solução; e, da mesma forma, impedido por seus próprios homens, você não poderia atacá-la convenientemente. Quem organiza um exército para a batalha deve também ter em consideração tanto o sol como o vento, para que um e outro não atinjam a frente, pois ambos impedem a sua visão, um com os seus raios, o outro com o pó. Além disso, o vento não auxilia as armas que são atiradas contra o inimigo e torna seus golpes mais fracos. E quanto ao sol, não basta você cuidar para que não esteja na sua cara no momento, mas você deve pensar que ele não vai lhe fazer mal quando nascer. E por isso, ao organizar o exército, eu teria o sol atrás dele, para que muito tempo passasse antes que chegasse à sua frente. Este método foi observado por Aníbal, em Canas, e por Marius contra os cimbros. Se você for muito inferior na cavalaria, organize seu exército entre vinhas e árvores, como os espanhóis fizeram em nossos tempos



quando derrotaram os franceses no Reino de Nápoles, no Cirignuola. E tem sido frequentemente visto que os mesmos soldados, quando mudaram apenas sua disposição e local, tornaram-se vitoriosos, como aconteceu com os cartagineses, que, depois de muitas vezes derrotados por Marius Regulus, foram posteriormente vitoriosos, por meio do conselho de Xântipe, o lacedemônio, que os fez descer à planície, onde, pela virtude de sua cavalaria e elefantes, eles foram capazes de vencer os romanos.

E me parece, de acordo com os exemplos dos antigos, que quase todos os excelentes capitães, quando souberam que o inimigo havia fortalecido um lado da companhia, não atacaram o lado mais forte, mas o mais fraco; então, ao iniciar uma batalha, eles encurralavam a parte mais forte, que apenas resistia ao inimigo, e não a empurravam para trás, e atacavam a parte mais fraca, que se deixava vencer, e se retirava para a retaguarda do exército. Isso causa duas grandes desordens ao inimigo: a primeira, que encontra cercada sua parte mais forte que, ao considerar a batalha ganha, desorganizava; a segunda é que, ao que parece, Cornélio Cipião, quando esteve na Espanha lutando contra Asdrúbal, o cartaginês, e sabendo que este foi notado, que ao organizar o exército, colocou suas legiões no centro, que constituíam a parte mais forte de seu exército e, portanto, quando Asdrúbal deveria proceder dessa maneira, e chegou ao combate, mudou o arranjo e colocou suas legiões nas asas do exército, e suas forças mais fracas, no centro. Então, quando eles chegaram ao corpo a corpo, ele rapidamente teve aquelas forças no centro para seguir lentamente, e as asas para avançar rapidamente, de modo que apenas as asas de ambos os exércitos lutaram, e as fileiras no centro, estando distantes umas das outras, não se juntavam na batalha; e, assim, a parte mais forte do exército de Cipião veio lutar contra a parte mais fraca, aquela de Asdrúbal, e a derrotou. Esse método na época era útil, mas hoje, por causa da artilharia, não poderia ser empregado, porque aquele espaço que existia entre um e outro exército dá-lhes tempo para disparar, o que é mais pernicioso, como dissemos anteriormente. Este método, portanto, deve ser posto de lado e utilizado, como foi dito há pouco tempo, quando todo o exército está engajado e a parte mais fraca feita para ceder. Quando um capitão descobre que tem um exército maior que o do inimigo, e não quer ser impedido de cercá-lo, organiza seu exército com frentes iguais às do inimigo; então, quando a batalha começa, sua frente se retira e os flancos vão se estendendo aos poucos, o inimigo se encontrará cercado sem se dar conta disso.

Quando um capitão quer lutar seguro de não ser derrotado, ele organiza seu exército em um lugar onde tenha um refúgio seguro próximo, seja em meio a pântanos ou montanhas ou em uma cidade poderosa; pois, dessa ma-



neira, ele não pode ser perseguido pelo inimigo, mas o inimigo pode ser perseguido por ele. Esse meio foi empregado por Aníbal quando a sorte começou a se tornar adversa, e ele estava apreensivo com o poder de Marco Marcelo. Vários, a fim de desorganizar as fileiras do inimigo, ordenaram aos que estavam levemente armados que comessem a luta e, tendo começado, retirassem-se entre as fileiras; e quando os exércitos posteriormente juntaram frentes, e cada frente estava ocupada na luta, eles permitiram que eles saíssem dos flancos das companhias, e os desorganizaram e derrotaram. Se alguém se achar inferior na cavalaria, pode, além dos métodos mencionados, colocar uma companhia de piqueiros atrás de sua cavalaria e, na luta, fazer com que deem passagem aos piqueiros, e sempre permanecerá superior. Muitos acostumaram parte da infantaria levemente armada a se habituar a combater no meio da cavalaria, e isso tem sido de grande ajuda para a cavalaria. De todos aqueles que organizaram exércitos para a batalha, os mais louváveis foram Aníbal e Cipião quando estavam lutando na África; e como Aníbal tinha seu exército composto de cartagineses e auxiliares de vários tipos, ele colocou na linha de frente oitenta elefantes, então colocou os auxiliares, depois disso colocou os cartagineses e, na retaguarda, os italianos, em quem pouco confiava. Arranjou assim as coisas, porque os auxiliares, tendo o inimigo na frente e a retaguarda fechada por seus homens, não podiam fugir; para que, sendo compelidos a lutar, vencessem ou cansassem os romanos, pensando depois com suas forças recuperadas, ele poderia facilmente superar os já cansados romanos. No encontro com este arranjo, Cipião colocou os hastados, os príncipes e os triários da maneira usual para um poder receber o outro e um ajudar o outro. Ele fez as linhas de frente do exército cheias de intervalos; e para que não fossem vistos, mas antes parecessem unidos, ele os encheu de vélites, a quem ordenou que, assim que os elefantes chegassem, eles deveriam ceder, e entrar pelos espaços regulares entre as legiões, e deixar o caminho aberto para os elefantes, e assim vir a tornar vão seu ataque, tanto que, iniciado o combate, ele foi superior.

**ZANOBI:** Você me fez lembrar, ao me contar sobre esta batalha, que Cipião, durante a luta, não fez com que os hastados se retirassem para as fileiras dos príncipes, mas os dividiu e os fez recuar para as alas do exército, a fim de fazer espaço para os príncipes, quando os quis empurrá-los para a frente. Gostaria, portanto, que você me dissesse o que o motivou a não observar a ordenação de costume.

**FABRIZIO:** Eu vou lhe contar. Aníbal havia colocado toda a *virtù* de seu exército na segunda linha; de onde Cipião, para opor-se a uma *virtù* semelhante, reuniu os príncipes e os triários; de forma que os intervalos dos príncipes, sendo ocupados pelos triários, não tivessem lugar para receber os hastados e,



portanto, ele fez com que os hastados fossem divididos e entrassem nas alas do exército, e não os trouxe entre os príncipes. Mas note que este método de abrir as primeiras linhas para dar lugar à segunda não pode ser empregado exceto quando as outras são superiores, porque então existe a conveniência de poder fazê-lo, como Cipião era capaz. Mas sendo inferior e repelido, isso não pode ser feito, exceto com sua ruína manifesta; e, portanto, você deve ter fileiras na retaguarda que irão recebê-lo. Mas voltemos à nossa discussão. Os antigos asiáticos, entre outras coisas pensadas por eles para ferir o inimigo, usavam carruagens que tinham foices em seus lados, de modo que não só serviam para abrir as linhas com seu ataque, mas também matar o adversário com essas foices. As provisões contra esses ataques foram feitas de três maneiras. Foi resistido pela densidade das fileiras, ou foram recebidos dentro das fileiras como o foram os elefantes, ou uma forte resistência foi feita com alguns estratagemas, como fez Sulla, o romano, contra Arquelau, que tinha muitas daquelas carruagens que eles chamavam de *falcati*; Sulla, para resistir a eles, fixou muitos postes no chão atrás das primeiras fileiras, pelos quais as carruagens, sendo resistidas, perderam o ímpeto. E deve-se notar o novo método que Sulla usou contra este homem para organizar o exército, já que ele colocou os vélites e a cavalaria na retaguarda, e todos os fortemente armados na frente, deixando muitos intervalos para poder mandar os que estavam na retaguarda para a frente, se necessário; quando a batalha foi iniciada, com a ajuda da cavalaria, a quem cedeu, obtendo a vitória. Para preocupar o inimigo durante a batalha, deve acontecer algo que o desanime, seja anunciando uma nova ajuda que está chegando, seja mostrando coisas que se parecem com ela, para que o inimigo, sendo enganado por aquela visão, se torne assustado; e quando ele está assustado, pode ser facilmente vencido. Esses métodos foram usados pelos cônsules romanos Minucius Rufus e Accilius Glabrius, Caius e Sulpicius também colocaram muitos auxiliares de soldados em mulas e outros animais inúteis na guerra, mas de uma maneira que pareciam homens de armas, e ordenou que aparecessem em uma colina enquanto eles estavam corpo a corpo com os gauleses; obteve, então, a vitória. Marius fez o mesmo quando estava lutando contra os alemães. Assaltos fingidos, portanto, foram de grande valor enquanto durava a batalha. Acontece que muitos também se beneficiavam de assaltos reais, principalmente se, improvisado no meio da batalha, é capaz de atacar o inimigo por trás ou sobre os lados.

O que só pode ser feito com dificuldade, a menos que a natureza do país o ajude; pois se estiver descampado, parte de suas forças não pode ser acelerada, como deve ser feito em tais empreendimentos; mas em lugares arborizados ou montanhosos e, portanto, capazes de emboscada, parte de suas forças pode ser



bem escondida, de modo que o inimigo possa ser agredido repentinamente, e isso sempre lhe dará a vitória. E às vezes tem sido muito importante, enquanto a batalha continua, disseminar boatos que anunciam a morte do capitão inimigo, ou que tenha derrotado alguma outra parte do exército; e isso, muitas vezes, deu a vitória a quem o utilizou. A cavalaria inimiga pode ser facilmente perturbada por visões ou ruídos incomuns; assim como Creso, que opôs os camelos à cavalaria de seus adversários, e Pirro, que opôs os elefantes à cavalaria romana, cuja visão a perturbou e a desorganizou. Em nossos tempos, os turcos derrotaram o xá na Pérsia e os soldados na Síria com nada mais do que o barulho dos canhões, que afetou tanto sua cavalaria com seus ruídos incomuns, que os turcos foram capazes de derrotá-los facilmente. Os espanhóis, para vencer o exército de Amílcar, colocaram em suas primeiras carruagens cheias de reboque puxado por bois, e quando eles vieram para a batalha, atearam fogo neles, de modo que os bois, querendo fugir do fogo, se lançaram sobre o exército de Amílcar, e o dispersou. Como mencionamos, onde o país é adequado, é comum enganar o inimigo em combate arrastando-o para emboscadas; mas quando é aberto e espaçoso, muitos se ocupam de cavar fossos e, em seguida, cobri-los levemente com terra e galhos, mas deixando vários espaços sólidos para poder se retirar entre eles; então, quando a batalha começar, retire-se por meio deles, e o inimigo que os persegue virá à ruína. Se, durante a batalha, lhe acontecer algum acidente que desanime os seus soldados, o mais prudente é saber disfarçá-los e desviá-los para algo bom, como o fez Lúcio Sila, que, durante a luta, vendo que grande parte de suas forças passou para o lado do inimigo, e que isso desanimou seus homens, rapidamente fez com que fosse compreendido por todo o exército que tudo estava acontecendo por sua ordem; isso não só não perturbou o exército, mas aumentou tanto sua coragem que saiu vitorioso. Aconteceu também com Sila, que tendo enviado certos soldados para realizar certos negócios, e tendo eles sido mortos, a fim de que seu exército não se espantasse, disse que, por tê-los considerado infiéis, astuciosamente os enviou nas mãos do inimigo.

Sertório, ao empreender um combate na Espanha, matou aquele que lhe havia apontado o assassinato de um de seus capitães, por medo de que, contando o mesmo aos outros, os desanimasse. É difícil parar um exército que já está em fuga e devolvê-lo à batalha. E você tem de fazer esta distinção, ou eles estão inteiramente em movimento, e aqui é impossível devolvê-los; ou apenas uma parte está em movimento, e aí há alguma solução.

Muitos capitães romanos, ao passarem à frente dos que fugiam, os detiveram, envergonhando-os da fuga, como fez Lúcio Sila, que, quando uma parte de suas legiões já havia se transformado, impulsionado pelas forças de Mithra-



dates, com sua espada na mão, colocou-se à frente deles e gritou: “Se alguém perguntar onde você deixou seu capitão, diga a eles: ‘nós o deixamos lutando na Boetia.’” O cônsul Attilius opôs-se aos que fugiram com os que não fugiram e fez-lhes compreender que, se não voltassem, seriam mortos tanto pelos amigos como pelos inimigos. Filipe da Macedônia, quando soube que seus homens tinham medo dos soldados citas, colocou parte de sua cavalaria de maior confiança para trás de seu exército e os encarregou de matar qualquer um que fugisse; de modo que seus homens, preferindo morrer lutando em vez de fugir, venceram. Muitos romanos, não tanto para impedir uma fuga, mas para dar aos seus homens uma oportunidade de exibirem maior destreza enquanto eles estavam lutando, tomaram um estandarte de suas mãos e, atirando-o no meio do inimigo, ofereceram recompensas a quem o recuperasse.

Não creio que seja impróprio acrescentar a esta discussão as coisas que acontecem depois de uma batalha, especialmente porque são breves; não devem ser omitidas, pois são afins a essa discussão. Direi, portanto, como as batalhas são perdidas ou ganhas. Quando alguém vence, ele deve seguir a vitória com toda a rapidez e imitar César neste caso, e não Aníbal, que, por ter parado depois de derrotar os romanos em Canas, perdeu o Império de Roma. César nunca descansou após uma vitória, mas perseguiu o inimigo derrotado com grande ímpeto e fúria, até que ele o venceu completamente. Mas quando alguém perde, o capitão deve ver se algo útil pode resultar dessa perda, especialmente se algum resíduo do exército permanecer para ele. Uma oportunidade pode surgir da falta de consciência do inimigo, que frequentemente fica obscurecido após uma vitória, e dá a você a oportunidade de atacá-lo; como Martius, o romano, atacou o exército cartaginês, que, tendo matado os dois cipios e derrotado seus exércitos, pouco pensou naqueles remanescentes das forças que, com Martius, permaneceram vivas; e foi, por sua vez, atacado e derrotado por ele. Vê-se, portanto, que não há nada tão capaz de sucesso quanto aquilo que o inimigo acredita que você não pode tentar, porque os homens, muitas vezes, se ferem mais quando estão menos apreensivos. Um capitão deve, portanto, quando ele não pode fazer isso, pelo menos se esforçar com a companhia para restringir o dano causado pela derrota. E para fazer isso, é necessário tomar providências para que o inimigo não consiga segui-lo facilmente, ou que lhe dê motivo para atrasos. No primeiro caso, alguns, ao perceberem que estão perdendo, mandam seus líderes fugirem por caminhos diferentes, tendo primeiro dado uma ordem para onde eles deveriam ir depois se recompor, para que o inimigo, temendo dividir suas forças, pudesse deixar todos ou grande parte deles em segurança. No segundo caso, muitos lançaram seus bens mais preciosos na frente do inimigo, de modo que, sendo retardado pelo saque, isso



lhes deu mais tempo para fugir. Tito Dimius usou de muita astúcia para esconder o dano sofrido na batalha; pois, depois de ter lutado até o anoitecer, com a perda de muitos de seus homens, fez com que muitos deles fossem enterrados durante a noite; de modo que, pela manhã, o inimigo, vendo tantos mortos e tão poucos romanos, acreditando que eles estavam em desvantagem, fugiram.

Creio ter assim, de forma confusa, satisfeito em boa parte a sua pergunta; é verdade que quanto à forma do exército, às vezes é costume que alguns capitães façam a frente em forma de cunha, julgando assim poder prontamente penetrar o exército do inimigo. Em oposição a esta forma, eles costumavam usar uma forma de tesoura, de modo a poder receber aquela cunha naquele espaço, cercá-la e combatê-la de todos os lados. Sobre isso, eu gostaria que você aprendesse esta regra geral: o maior remédio usado contra o desígnio do inimigo é fazer de boa vontade o que ele designou que você fizesse pela força, porque, de boa vontade, você o faz, vantajosamente, com ordem, mas se o fizesse à força, seria, ao contrário, sua ruína. Quanto ao fortalecimento disso, não me importaria de repetir o que já foi dito: o adversário faz uma cunha para abrir suas fileiras? Se você continua com o seu exército aberto, você o desorganiza, e ele não. Aníbal colocou elefantes na frente de seu exército para abrir o do Cipião; este marchou com as fileiras abertas, razão pela qual teve a vitória e trouxe a ruína de Aníbal. Asdrúbal posicionou suas forças mais vigorosas no centro da linha de frente de seu exército para repelir as forças de Cipião; este, por sua vez, ordenou que se retirassem, e derrotou aquele. Tais planos, quando apresentados, resultam na vitória daquele contra quem foram organizados. Resta-me ainda, se bem me lembro, dizer-lhe quais considerações um capitão deve levar em conta antes de ir para a batalha; devo dizer-lhe primeiro que um capitão nunca precisa se comprometer, se não estiver em vantagem, ou se ele não for obrigado a isso. As vantagens surgem da localização, da organização e de ter forças maiores ou melhores. A necessidade surge quando você vê que, por não lutar, deve perder em um evento; por exemplo, quando você vê que está prestes a ficar sem dinheiro e, portanto, seu exército deve ser dissolvido de qualquer maneira; quando a fome está prestes a atacá-lo, ou quando espera que o inimigo seja reforçado novamente.

Nesses casos, deve-se sempre lutar, mesmo com desvantagem; pois é muito melhor tentar a fortuna onde ela possa favorecê-lo do que, por não tentar, ver como certa a sua ruína; e, em tal caso, é um erro tão sério para um capitão não lutar quanto é deixar passar uma oportunidade de vencer, seja por ignorância ou covardia. O inimigo às vezes lhe dá vantagem, mas às vezes isso deriva de sua prudência. Muitos foram derrotados durante a travessia de um rio por um inimigo, que esperou até que os soldados estivessem no meio do rio, e então os



atacou por todos os lados; como César fez com os suíços: destruiu uma quarta parte deles depois de terem sido divididos pelo rio. Algum dia, você pode achar que seu inimigo está cansado de tê-lo perseguido tão sem consideração, de modo que, encontrando-se renovado e descansado, você não deve perder essa oportunidade. Além disso, se um inimigo aparece de manhã bem cedo para uma batalha, pode atrasar muitas horas a saída do seu acampamento, e se ele está armado há muito tempo e já perdeu aquele primeiro ardor com que começou, você pode lutar com ele. Cipião e Metelo empregaram esse método na Espanha, o primeiro contra Asdrúbal e o outro contra Sertório. Se o inimigo diminuiu em força, seja por ter dividido os exércitos, como os cipiões fizeram na Espanha, seja por alguma outra causa, você deve tentar a sorte. A maior parte dos capitães prudentes prefere receber a investida do inimigo, que impetuosamente vai atacá-los, pois sua fúria é facilmente resistida por homens firmes e decididos; e aquela fúria que foi resistida facilmente se converte em covardia. Fábio agiu dessa maneira contra os samnitas e contra os gauleses, e saiu vitorioso, mas seu colega Décio foi morto. Alguns que temiam a *virtù* de seu inimigo começaram a batalha em um momento perto do anoitecer, para que, se seus homens fossem derrotados, poderiam ser protegidos pela escuridão, e se salvar.

Alguns, sabendo que o exército inimigo, por causa de certas superstições, não queria empreender combates naquela época, escolheram exatamente aquele momento para a batalha, e venceram; o que César fez na Gália contra Ariovisto, e Vespaciano na Síria contra os judeus. A maior e mais importante consciência que um capitão deve ter é que ele tenha sob seu comando homens leais, experientes e prudentes, com quem ele se aconselha continuamente e discute suas forças, bem como as do inimigo; os que são em maior número, os que estão mais bem armados ou melhor treinados, os que estão mais aptos a sofrer privações, a que confiar mais, seja a infantaria ou a cavalaria. Além disso, consideram a localização em que se encontram e se é mais adequada para o inimigo do que para eles; qual deles tem a melhor conveniência de abastecimento; se é melhor atrasar a batalha ou empreendê-la, e que benefício o tempo pode dar a você ou tirar; pois, muitas vezes, quando os soldados veem a guerra se tornando demorada, eles ficam irritados e cansados do trabalho árduo e do tédio e o abandonam. Acima de tudo, é importante para o capitão conhecer o inimigo e quem ele tem ao seu redor, se é temerário, cauteloso, tímido ou audacioso. Veja se você pode confiar nos soldados auxiliares. Mas, principalmente, você deve se precaver de liderar um exército que tem medo, ou desconfia de qualquer forma de vitória, pois a maior indicação de derrota é quando alguém acredita que não pode vencer. E, portanto, neste caso, você



deve evitar um confronto, como Fábio Máximo fez, que, por acampar em lugares fortes, não encorajou Aníbal a ir ao seu encontro; ou, quando acreditar que o inimigo, também em lugares fortificados, deve vir ao seu encontro, você deve sair do campo e dividir suas forças entre suas cidades, de modo que o tédio da conquista o canse.

**ZANOBI:** Não teria outro modo de evitar o confronto a não ser dividindo o exército em várias partes e colocando-as nas cidades?

**FABRIZIO:** Acredito que em outro momento já discuti com alguns de vocês que quem está em campo não pode evitar um confronto se tiver um inimigo que queira lutar de qualquer maneira; e ele tem apenas uma solução, que é colocar-se com seu exército a pelo menos cinquenta milhas de distância de seu adversário, a fim de ter tempo de sair de seu caminho se ele vier ao seu encontro. E Fábio Máximo nunca evitou uma batalha com Aníbal, mas desejou travá-la levando vantagem; Aníbal não presumiu ser capaz de vencê-lo indo ao seu encontro nos lugares onde estava acampado. Mas se ele presumia que poderia derrotá-lo, era necessário que Fábio se comprometesse com ele de qualquer maneira, ou fugisse. Filipe, rei da Macedônia, aquele que era o pai de Perseu, vindo para a guerra com os romanos, colocou seu acampamento em uma montanha muito alta para não ter um confronto com eles; mas os romanos foram ao seu encontro naquela montanha e o derrotaram. Vercingetórix, um capitão dos gauleses, para evitar um confronto com César, que inesperadamente cruzara o rio, colocou-se a milhas de distância com suas forças. Os venezianos de nossos tempos, se não queriam se comprometer com o rei da França, não deveriam ter esperado até que o exército francês cruzasse o Adda, mas deveriam ter se colocado distantes dele, como fez Vercingetorix; que tendo esperado por ele, não souberam aproveitar a oportunidade de se comprometer durante a travessia, nem como evitá-lo, pois os franceses estavam perto deles; enquanto os venezianos fugiam, atacavam e derrotavam. E assim é: um combate não pode ser evitado se o inimigo, em todos os eventos, quiser empreendê-lo. Ninguém cita Fábio, pois ele evitou um combate em casos como aquele, tanto quanto Aníbal. Muitas vezes acontece que seus soldados não estão dispostos a lutar, e você sabe que por causa do número deles ou da localização, ou por alguma outra razão, você está em desvantagem e deseja que eles mudem de ideia. Acontece também que a necessidade ou oportunidade o constrange a chegar a um combate, e que seus soldados estão descontentes e pouco dispostos a lutar, por isso é necessário que você, de uma maneira, os amedronte e, de outra, os excite. Em primeiro lugar, se a persuasão não funcionar, não há melhor maneira de estimular todos a lutar, até os que não acreditam em você, do que entregar alguns deles ao inimigo como pilhagem. Também pode ser



bom agir com astúcia, o que aconteceu com Fábio Máximo em seu próprio território. O Exército de Fábio desejava, como você sabe, lutar com o exército de Aníbal; seu comandante da cavalaria tinha o mesmo desejo. Não parecia adequado a Fábio tentar a batalha, de modo que, para dissipar tais desejos, ele teve que dividir o exército. Ele manteve seus homens nos acampamentos e enviou o comandante da cavalaria; esse grupo teria sido derrotado, se Fábio não o tivesse socorrido. Com esse exemplo, o comandante da cavalaria, junto com todo o exército, percebeu que era uma atitude sábia obedecer a Fábio. Quanto a estimular os soldados a lutar, é bom deixá-los com raiva do inimigo, convencendo-os que ele (o inimigo) diz coisas caluniosas deles, e mostrando que devem ter sua inteligência no campo inimigo e persuadindo a acampar do lado onde eles veem seus inimigos, e empreender algumas batalhas leves; porque coisas que são vistas diariamente são mais facilmente menosprezadas. Ao mostrar-se indignado e ao fazer um discurso em que os censura por sua preguiça, você os envergonha ao dizer que só quer lutar se eles não o acompanharem. E acima de tudo, ter essa consciência, se você quiser tornar os soldados obstinados na batalha, não permita que eles mandem para casa qualquer um de seus bens, ou se instalem em qualquer lugar, até que termine a guerra, para que eles entendam que se a fuga lhes salva a vida, não salva os seus bens; o amor deste, não menos do que o primeiro, torna os homens mais belicosos.

**ZANOBI:** Você disse como fazer os soldados retornarem ao combate falando com eles. Você acredita que os soldados precisam falar com todo o exército ou com apenas os capitães?

**FABRIZIO:** Persuadir ou dissuadir alguns de algo é muito fácil; pois se as palavras não bastam, você pode usar a autoridade e a força: mas a dificuldade é tirar uma ideia sinistra de uma multidão, seja ela de acordo ou contrária à sua própria opinião; nessa situação, em que apenas palavras podem ser usadas, se você quer persuadir a todos, deve ser ouvido por todos. Os capitães, portanto, devem ser excelentes oradores, pois sem saber falar com todo o exército, as coisas boas só podem ser feitas com dificuldade, o que, nestes nossos tempos, acabou completamente. Leia a biografia de Alexandre, o Grande, e veja quantas vezes foi necessário falar publicamente ao exército; caso contrário, ele nunca poderia tê-los conduzido através dos desertos da Arábia e para a Índia com tantas dificuldades e problemas; pois podem surgir inúmeras coisas pelas quais um exército é arruinado se um capitão não sabe como ou não está acostumado a falar com ele; pois falar tira o medo, incita a coragem, aumenta a obstinação e varre decepções, promete recompensas, aponta perigos e as maneiras de evitá-los, repreende, implora, ameaça, enche de esperança, elogios, calúnias e faz todas essas coisas pelas quais a paixão humana é extinta ou acesa.



Por essa razão, o príncipe ou a república que planeja formar um novo exército, e dar fama a ele, deve acostumar os soldados a ouvir o capitão e este, por sua vez, saber como falar com eles. A religião era, também, valiosa em preservar os antigos soldados bem-dispostos, de modo que um juramento era feito por eles quando entravam no exército; pois sempre que cometiam um erro, eram ameaçados não apenas por aqueles males que podem ser temidos pelos homens, mas também por aqueles que podem ser esperados da Divindade. Essa prática, combinada com outros meios religiosos, muitas vezes tornava um empreendimento fácil para os antigos capitães, e sempre seria assim se a religião fosse temida e observada. Sertório aproveitou-se disso quando fingiu que conversou com uma cerva, que lhe prometeu a vitória. Dizem que Sila conversou com uma estátua que ele havia tirado do Templo de Apolo.

Muitos contaram que Deus apareceu a eles durante o sono e os animou a lutar. Nos tempos de nossos pais, Carlos VII, rei da França, na guerra que travou contra os ingleses, dizia aconselhar-se com uma jovem enviada por Deus, que se chamava Donzela da França, e que foi a causa de vitória. Você também pode utilizar meios para fazer seus soldados valorizarem pouco o inimigo, como o espartano Agesilau, que mostrou aos seus soldados alguns persas nus, para que, vendo seus membros delicados, não tivessem motivo para temê-los. Alguns os obrigaram a lutar por necessidade, removendo de seus caminhos toda esperança de se salvarem, exceto por meio da vitória. Esta é a provisão mais forte e melhor que pode ser tomada quando você quer tornar seus soldados obstinados. Essa obstinação é aumentada pela confiança e pelo amor do capitão ou da pátria. A confiança é inspirada pela organização de armas, novas vitórias e o conhecimento do capitão. O amor ao país nasce da natureza; o do capitão, da sua *virtù*, mais do que qualquer outro bom acontecimento. As necessidades podem ser muitas, mas essa é a mais forte, o que o limita a vencer ou a morrer.



*“Quanto mais fraco  
e cauteloso parecer  
o inimigo, tanto  
mais você deve  
estimar ter cuidado  
com ele.”*

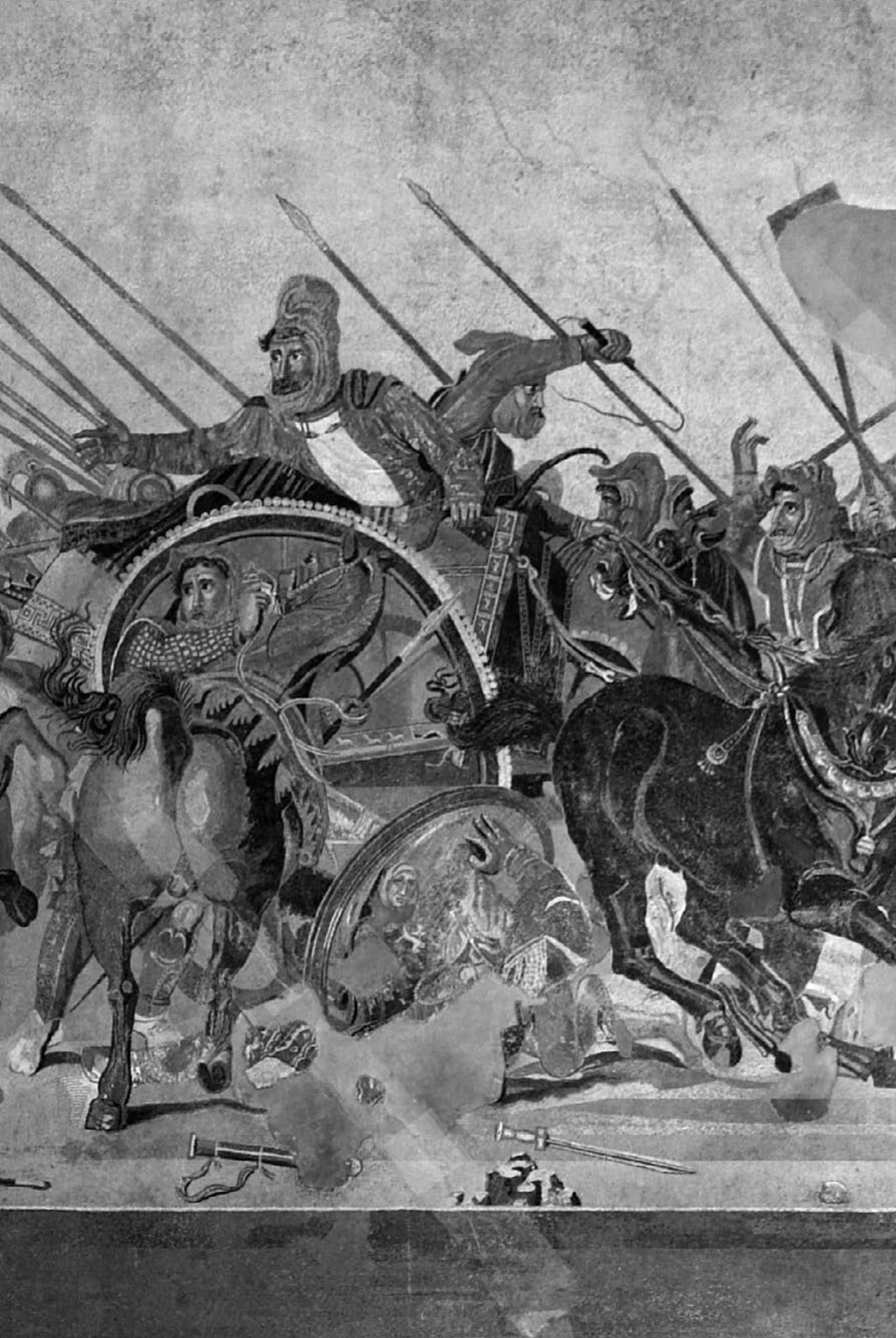
MAQUIAVEL





*Mosaico da Batalha de Issus, no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles.*









*Busto de Marco Antônio, no Museu do Vaticano, Roma.*



# Livro Quinto

**F**ABRIZIO: Eu mostrei como organizar um exército de modo que possa combater outro que se ponha à sua frente; disse a você como isso é superado, e também das muitas circunstâncias que podem ocorrer por causa dos vários incidentes que o cercam, de modo que me parece agora ser o momento de mostrar-lhe como organizar um exército contra um inimigo que não pode ser visto, mas que você teme continuamente que o ataque. Isso acontece ao marchar por um país hostil, ou que há suspeita de sê-lo. E primeiro você tem de entender que um exército romano normalmente envia alguns grupos de cavalaria como observadores para a marcha. Em seguida, as várias partes do exército; depois todas as carruagens que pertenciam a essa ala. Depois disso, outra legião, e suas carruagens. Então vem a ala esquerda com sua carruagem na retaguarda, e o restante da cavalaria o segue na última parte. Essa era, de fato, a maneira pela qual se marchava normalmente. E se o exército fosse assaltado em marcha pela frente ou pela retaguarda, eles rapidamente fariam com que todas as carruagens fossem retiradas, seja pela direita ou pela esquerda, da melhor maneira que pudessem dependendo da localização; e todas as forças juntas, livres de suas bagagens, montavam uma frente daquele lado de onde o inimigo estava vindo. Se fossem atacados pelo flanco, retirariam as carruagens para o lado seguro e estabeleceriam uma frente do outro. Este método, sendo



bom e conduzido com prudência, parece-me que deve ser imitado, enviando a cavalaria à frente para observar o país, então com quatro batalhões, fazendo-os marchar em linha, e cada um com suas carruagens na retaguarda. E como as carruagens são de dois tipos, ou seja, aquelas pertencentes a soldados individuais e os públicos para uso de todo o acampamento, eu dividiria as carruagens públicas em quatro partes, e atribuiria uma parte a cada batalhão, também dividindo a da artilharia e todos os homens desarmados, de modo que cada um dos armados tenha sua cota igual de dificuldade. Mas como às vezes acontece de alguém marchar em um país não apenas suspeito, mas hostil de fato, no qual você tem medo de ser atacado de hora em hora, e para continuar com mais segurança, você é obrigado a mudar a formação da marcha, e partir na forma regular, para que em algum lugar imprevisto, nem os habitantes nem o exército possam feri-lo. Nesse caso, os antigos capitães costumavam seguir com a formação em praça, assim denominada não porque fosse totalmente quadrada, mas porque era capaz de lutar nos quatro lados, e diziam que iam preparados seja para marchar ou para a batalha. Não quero me afastar muito desse método e quero organizar dessa maneira meus dois batalhões, que considere como um exército. Se você deseja, portanto, caminhar com segurança pelo país inimigo e no caso de um ataque surpresa, ser capaz de atacar pelos quatro lados e querendo, de acordo com os antigos, colocá-lo em um quadrado, planejaria fazer um quadrado cuja cavidade tivesse duzentos braços de cada lado dessa maneira:

Eu colocaria primeiro os flancos, cada um distante do outro por duzentos e doze braços de comprimento, e cinco companhias em cada flanco em uma fileira ao longo de seu comprimento, e distantes um do outro por três braços de comprimento; estes ocupariam seu próprio espaço, cada companhia ocupando um espaço de quarenta braços por duzentos e doze braços de comprimento. Entre a frente e a retaguarda desses dois flancos, colocaria outras dez companhias, cinco de cada lado, arranjando-as de forma que quatro ficassem próximas à frente do flanco direito e cinco na retaguarda do flanco esquerdo, deixando entre cada uma um intervalo de quatro braços de comprimento; um dos quais deve ser próximo à frente do flanco esquerdo, e um na parte traseira do flanco direito. E como o espaço existente entre um flanco e o outro é de duzentos e doze braços de comprimento, e essas companhias colocadas lado a lado por sua largura e não por comprimento, passariam a ocupar, com os intervalos, cento e trinta e quatro braços de comprimento, haveria entre as quatro companhias colocadas à frente do flanco direito e uma colocada à esquerda, um espaço remanescente de setenta e oito braços, sendo deixado um espaço semelhante entre as companhias colocadas nas



partes traseiras; e não haveria outra diferença, exceto que um espaço estaria no lado traseiro em direção à asa direita, o outro estaria no lado frontal em direção à asa esquerda. No espaço de setenta e oito braços à frente, eu colocaria todos os vélites ordinários, e naquele atrás os vélites extraordinários, que chegariam a ser mil por espaço. E se você quiser que o espaço ocupado pelo exército seja de duzentos e doze braços de cada lado, eu veria que cinco companhias são colocadas na frente, e as que ficam atrás, não devem ocupar nenhum espaço já ocupado pelos flancos, e, portanto, eu diria que as cinco companhias na retaguarda deveriam ter sua frente tocando a parte traseira de seus flancos, e aquelas na frente deveriam ter suas costas tocando a frente de seus flancos, de modo que em cada lado desse exército sobraria espaço para receber outra companhia. E como são quatro vagas, eu tiraria quatro bandeiras dos piqueiros extraordinários e colocaria uma em cada esquina; e as duas bandeiras dos citados piqueiros deixadas para mim, eu colocaria no espaço vazio de seu exército formado em uma praça de companhias, sob o comando do capitão-geral, rodeado pelos próprios homens.

E como essas companhias assim organizadas marcham todas em uma mesma direção, mas nem todas lutam juntas de um só lado, ao colocá-las dessa maneira, é preciso decidir quais lados não serão guardados por outras companhias durante a batalha. E, portanto, deve-se considerar que as cinco companhias da frente protejam todos os outros lados, exceto a frente; e, portanto, elas devem ser montadas de maneira ordenada com os piqueiros na frente. As cinco companhias atrás protegem todos os lados, exceto o lado nas costas; e, portanto, deve ser montado de forma que os piqueiros fiquem na retaguarda. As cinco companhias do flanco direito protegem todos os lados, do flanco direito para fora. As cinco da esquerda cercam todos os lados, do flanco esquerdo para fora; e, portanto, no arranjo das companhias, os piqueiros devem ser colocados de forma que girem por aquele flanco que está descoberto. E os decuriões são colocados na frente e na retaguarda, de modo que, quando eles têm de lutar, todo o exército e seus membros estão em seus devidos lugares. A maneira de fazer isso foi contada quando discutimos os métodos de organizar as companhias. Eu dividiria a artilharia, colocando uma parte fora do flanco direito; e a outra, no esquerdo. Enviaria a cavalaria leve à frente para fazer o reconhecimento do país. Dos homens de armas, eu colocaria parte na retaguarda na asa direita, e parte na esquerda, distante quarenta braços de comprimento das companhias. E não importa como você organize seu exército, quanto à cavalaria, você tem de assumir esta regra geral, e colocá-la sempre na retaguarda ou nos flancos.



Quem quer que coloque as cavalarias à frente do exército deve fazer uma de duas coisas: ou as coloca tão à frente que, quando forem repelidas, terão tanto espaço que dê tempo para esquivar-se da infantaria e não se chocar com ela; ou organizar a infantaria com tantos intervalos que, por meio deles, a cavalaria possa entrar entre eles sem os desorganizar. Que ninguém pense pouco nesta instrução, porque muitos, não estando cientes disso, foram arruinados e desorganizados por si próprios. As carruagens e os homens desarmados são colocados na praça que existe dentro do exército, e assim compartimentados, que facilmente abrem caminho para quem quiser ir de um lado para o outro, ou de uma frente do exército para a outra. Essas companhias, sem artilharia e cavalaria, ocupam duzentos e oitenta e dois braços de espaço do lado de fora em todas as direções. E como esta praça é composta por dois batalhões, deve-se definir as partes que cada um deles faz. E como os batalhões são chamados por número, e cada um deles tem, como você sabe, dez companhias e um chefe geral, eu faria com que o primeiro batalhão posicionasse suas primeiras cinco companhias na frente; as outras cinco, no flanco esquerdo; e a cabeça, no ângulo esquerdo da frente. As cinco primeiras companhias do segundo batalhão então deveriam ser colocadas no flanco direito, e as outras cinco, na retaguarda; o capitão deverá estar no ângulo reto, assumindo o cargo de *tergiduttore*.

O exército organizado desta maneira está pronto para se mover, e, quando o fizer, deve observar completamente este arranjo, protegendo-se, sem dúvida, de todos os tumultos dos habitantes locais. O capitão não deve tomar providências contra esses ataques tumultuosos, a não ser encarregar alguma cavalaria ou bando de vélites para colocá-los em seu lugar. Tampouco acontecerá que essas pessoas tumultuadas venham ao seu encontro com o puxão de uma espada ou de uma lança, porque as pessoas desordeiras têm medo da ordem; e sempre se verá que elas fazem um grande assalto com gritos e ruídos, sem se aproximar de você de outra forma como cães uivando ao redor de um mastim. Aníbal, quando sofreu o dano dos romanos na Itália, passou por toda a França e sempre deu pouca importância aos tumultos dos franceses. Quando quiser marchar, você deve ter niveladores e homens com picaretas à frente para limpar a estrada para você, e que estejam bem protegidos por aquela cavalaria enviada à frente para fazer reconhecimento. Um exército marchará nesta ordem dezesseis milhas por dia, sobrando luz suficiente para eles jantarem e acamparem, já que normalmente um exército marcha vinte milhas. Se for atacado por um exército organizado, esse ataque não poderá ocorrer repentinamente, porque um exército organizado viaja ao mesmo passo que o seu, de forma que você está sempre a tempo de se



reorganizar para a batalha, e rapidamente chegar àquela formação, ou semelhante àquela formação do exército que apresentei acima. Se for atacado pela frente, você não poderá agir, exceto fazer com que a artilharia nos flancos e a cavalaria atrás avancem e tomem esses lugares com aquelas distâncias antes mencionadas. Os mil vélites que estão à frente vêm de suas posições, dividem-se em grupos de cem e entram em seus lugares entre a cavalaria e as alas do exército.

Então, nos vazios deixados por eles, entram as duas unidades de piqueiros extraordinários colocados na praça do exército. Os mil vélites que estão posicionados na retaguarda partem dali e se distribuem entre os flancos das companhias para fortalecê-los; no espaço aberto, eles deixam todas as carruagens, e os homens desarmados saem e se colocam na retaguarda das companhias. A praça, portanto, permanece vazia, pois todos foram para seus lugares; as cinco companhias que estão na retaguarda do exército avançam pelo vazio que existe entre um e outro flanco e marcham em direção à companhia da frente; os três se aproximam deles com quarenta braços de comprimentos com intervalos iguais entre si; dois permanecem distantes com outros quarenta braços de comprimento. Esta formação pode ser organizada rapidamente, e chega a ser quase igual à primeira disposição do exército que descrevemos antes; e se torna mais estreita na frente, ficando maior nos flancos, o que não a enfraquece. Mas como as cinco companhias na retaguarda têm seus piqueiros pelos motivos mencionados antes, é necessário que eles venham para a dianteira, se quiser que protejam por trás a frente do exército; e, portanto, deve-se fazê-los virar companhia por companhia, como um corpo sólido, ou fazê-los entrar rapidamente entre as fileiras dos escudeiros e trazê-los para frente; sendo o método mais rápido e menos desordenado do que fazê-los girar. E assim você deve fazer com todos aqueles que estão na retaguarda em todo tipo de assalto, como vou mostrar-lhe. Se acontecer de o inimigo vir pela retaguarda, a primeira coisa que deve ser feita é que todos se voltem para enfrentar o inimigo, de modo que imediatamente à frente do exército se torne a retaguarda, e a retaguarda original, a dianteira. Então, todos os métodos de organização da frente devem ser seguidos, como já mencionei. Se o inimigo ataca pelo flanco direito, todo o exército deve estar voltado naquela direção, e então essas coisas devem ser feitas para fortalecer a nova frente que foi mencionada, para que a cavalaria, os vélites e a artilharia fiquem na posição atribuída nesta frente. Só tem esta diferença: na troca de frentes de quem se desloca, uns têm que ir mais longe, outros menos. É verdade que quando uma frente é feita pelo flanco direito, os vélites teriam que entrar nos intervalos que existem entre as alas do exército, e a cavala-



ria seria aquela mais próxima ao flanco esquerdo, na posição daqueles que teriam que entrar nas duas bandas de piqueiros extraordinários colocados no centro. Mas antes de entrarem, as carruagens e os homens desarmados estacionados nas aberturas devem limpar a praça e retirar-se para trás do flanco esquerdo, que então se torna a retaguarda do exército. E o outro vélite que deveria ser colocado na retaguarda conforme a disposição original, não deveria ser trocado, pois aquele lugar não deveria permanecer aberto, que, por ser de trás, passaria a ser um flanco. Todas as outras coisas devem ser feitas como foi dito a respeito da primeira frente.

O que foi dito sobre transformar um flanco direito em frente, visa também fazer pelo flanco esquerdo, visto que as mesmas disposições devem ser observadas. Se por acaso o exército do inimigo for grande e organizado para atacá-lo pelos dois lados, estes devem ser fortalecidos pelos dois lados que não são atacados, dobrando as fileiras em cada um e distribuindo a artilharia, posicionando os vélites e a cavalaria entre cada lado. Se o inimigo vem de três ou quatro lados, isso ocorreria por imprudência sua ou do adversário, pois se você fosse sábio, nunca se colocaria do lado onde o inimigo poderia atacá-lo de três ou quatro lados com forças organizadas; e se ele quisesse prendê-lo em segurança, deveria ser tão poderoso e atacá-lo de cada lado com uma força proporcional à de seu exército. Se você é imprudente e se coloca no meio do território e das forças de um inimigo que tem três vezes mais forças organizadas que a de seu exército, não pode reclamar a ninguém se lhe acontecer o pior, a não ser a si mesmo. Já se o mal ocorrer por alguma desventura, mas não por sua culpa, o dano não lhe trará vergonha, e sucederá com você o mesmo que aconteceu aos cipiões, na Espanha, e Asdrúbal, na Itália. Mas se o inimigo tem uma força muito maior do que a de seu exército, e pretende desorganizá-lo atacando por vários de seus lados, será uma aposta tola dele; pois, para fazer isso, ele deve se espalhar e se diluir, de modo que você pode sempre atacar de um lado e resistir do outro; isso irá arruiná-lo rapidamente. Este método de organizar um exército que não é visto, mas que é temido, é necessário, e é muito útil acostumar seus soldados a se reunir e marchar nessa ordem, se organizando para lutar de acordo com a primeira frente planejada; depois, retornar à formação da marcha e, a partir disso, fazer uma frente pela retaguarda, depois pelo flanco; por fim, retornar à formação original. Esses exercícios e hábitos são questões necessárias se você deseja um exército disciplinado e treinado. Capitães e príncipes têm de trabalhar arduamente nesses assuntos; a disciplina militar não é outra coisa senão saber como comandar e como executar essas manobras; um exército disciplinado é aquele bem treinado nessas formações; não seria possível que



alguém, hoje em dia, que empregar bem tal disciplina, fosse derrotado. E se esta formação quadrada que descrevi é um tanto difícil, tal dificuldade é necessária, se você a tomar como exercício; sabendo se organizar e se manter bem nisso, saberá depois administrar com mais facilidade aquelas que não são tão difíceis.

**ZANOBI:** Acredito, como você diz, que esses arranjos são necessários e, por mim, não saberia o que acrescentar ou omitir. É verdade que desejo saber de ti duas coisas: uma, se quando quiser fazer uma frente por trás ou por um flanco, e fazê-los voltar, se isso se ordena com a voz ou com os instrumentos; a outra, se aqueles que enviou à frente para limpar as estradas e abrir caminho ao exército devem ser os próprios soldados das suas companhias ou outras pessoas humildes designadas para tais práticas.

**FABRIZIO:** Sua primeira pergunta é muito importante, pois muitas vezes os comandos do capitão que não são muito bem compreendidos ou mal interpretados, desorganizam seu exército; portanto, as vozes com as quais eles comandam em tempos de perigo devem ser altas e claras. E se você comanda com sons de corneta, deve ser feito de forma que sejam tão diferentes entre si que um não possa ser confundido com o outro; e se você comanda por voz, você deve estar alerta para evitar palavras gerais, e usar palavras específicas, que não possam ser interpretadas incorretamente. Muitas vezes dizer “volte, volte”, já causou a ruína de um exército: portanto, esta expressão deve ser evitada, e em seu lugar usar “recuar”. Se você quiser que eles girem para mudar a frente, seja por trás ou pelo flanco, nunca use “virar”, mas diga, “para a esquerda”, “para a direita”, “para a retaguarda”, “para frente”. Da mesma forma, todas as outras palavras devem ser simples e claras, como “rápido”, “fique quieto”, “avançar”, “voltar”. E todas as coisas que podem ser realizadas por palavras devem fazê-lo; o restante, com o uso de instrumentos. Quanto aos limpadores de estradas, que é a sua segunda pergunta, eu teria esse trabalho feito pelos meus próprios soldados, tanto porque os antigos militares o fizeram, como também porque haveria menos homens desarmados e menos complicações no exército; retiraria o número necessário de cada companhia, faria com que pegassem as ferramentas adequadas para limpar e deixassem suas armas nas fileiras que estão mais próximas a eles, para que se o inimigo viesse, eles nada teriam a fazer a não ser tomá-las de volta e retornar às suas fileiras.

**ZANOBI:** Quem carregaria o equipamento para aplainar as estradas?

**FABRIZIO:** As carruagens designadas para transportar esse equipamento.

**ZANOBI:** Acredito que você nunca fez seus soldados cavarem.





*Chefe gaulês Vercingetórix rende-se a César. Pintura de Lionel Royer, no Museu Crozatier, em Le Puy-en-Velay.*







**FABRIZIO:** Tudo será discutido a seu tempo. Por ora, quero deixar essas partes de lado e discutir o modo de vida do exército, pois me parece que, tendo trabalhado tanto, é hora de renová-lo e restaurá-lo com comida. Você tem de entender que um príncipe deve organizar seu exército o mais rapidamente possível, tirando dele todas as coisas que tornam o empreendimento difícil e pesado. Entre os problemas que causam mais dificuldades é ter de manter o exército provido de vinho e pão. Os antigos não pensavam em vinho, por falta dele bebiam água tingida com um pouco de vinagre. Não cozinhavam pão em fornos, como é costume nas cidades; mas eles forneciam farinha, e cada soldado se contentava com isso à sua maneira, tendo banha e gordura como condimento, que davam sabor ao pão que faziam. De modo que as provisões nutricionais para o exército se resumiam a farinha, vinagre, banha e cevada – esta última para os cavalos. Normalmente, eles tinham rebanhos de animais grandes e pequenos que seguiam o exército; esses, como não precisavam ser carregados, não representavam uma dificuldade. Este arranjo permitiu que um antigo exército marchasse, às vezes por muitos dias, por lugares solitários e difíceis, sem sofrer com as privações de falta de provisões. O contrário acontece com os exércitos modernos, que, como não querem ter falta de vinho e pão assado, como fazem em casa, e dos quais não podem prover por muito tempo, muitas vezes passam fome; ou mesmo que essas coisas sejam fornecidas, são tidas com dificuldade e com grandes despesas. Eu, portanto, devolveria meu exército a essa forma de vida e não os faria comer outro pão além do que deveriam cozinhar para si mesmos. Quanto ao vinho, eu não proibiria seu consumo, nem que fosse para o exército, mas não usaria nem a indústria nem o trabalho árduo para obtê-lo; já quanto a outras provisões, faria inteiramente como os antigos. Se você considerar bem este assunto, verá quanta dificuldade é removida e quantos problemas e dificuldades um exército e um capitão evitam; verá, ainda, que grande vantagem isso trará para qualquer empreendimento.

**ZANOBI:** Vencemos o inimigo no campo e depois marchamos sobre seu país. A razoabilidade quer que não haja saque, resgate de cidades, prisioneiros feitos. Mesmo assim, gostaria de saber como os antigos se governavam nessas questões.

**FABRIZIO:** Aqui, vou satisfazê-lo. Acredito que você tenha considerado, já que em outra ocasião discuti isso com alguns de vocês, que as guerras modernas empobrecem tanto os senhores que ganham quanto os que perdem; pois se um perde o Estado, o outro perde seu dinheiro e suas posses. Antigamente, isso não acontecia, pois o vencedor de uma guerra enriquecia. Isso acontece porque, hoje, não se controla a pilhagem, como antigamen-



te se fazia, mas deixam tudo ao discernimento dos soldados. Isso provoca duas situações graves: uma, essa a que já me referi; a outra, que o soldado se torna mais ávido para pilhar e menos atento às ordenações; muitas vezes se viu como a avidez para pilhar fez perder quem seria vitorioso. Os romanos, entretanto, que eram príncipes neste assunto, providenciaram esses dois inconvenientes, ordenando que todo o espólio pertencesse ao público, e que, portanto, o público deveria distribuí-lo como bem entendesse. E assim eles contavam com os questores, magistrados encarregados das funções financeiras, que eram responsáveis pelos resgates e espólios dos quais o cônsul se servia para dar aos soldados seu pagamento regular, para ajudar os feridos e enfermos e para prover as outras necessidades do exército. O cônsul podia, de fato, e frequentemente o fazia, conceder um saque aos soldados, mas essa concessão não causou distúrbios; pois quando o exército inimigo foi derrotado, todo o butim foi distribuído a cada pessoa, de acordo com os méritos de cada um. Este método fez com que os soldados atendessem à vitória e não roubassem, de tal modo que as legiões romanas derrotassem o inimigo, mas não o perseguissem, pois eles nunca fugiam de suas ordens; apenas a cavalaria e os homens levemente armados o perseguiam, a menos que houvesse outros soldados além dos legionários, que, se o saque tivesse sido mantido por quem o adquiriu, não seria nem possível nem razoável esperar manter a legião firme, o que traria muitos perigos. Disso resultou, portanto, que o público foi enriquecido, e cada cônsul trouxe, com seus triunfos, muito tesouro para o erário, que consistia inteiramente em resgates e saques. Outra coisa bem considerada pelos antigos era o pagamento que davam a cada soldado; queriam que uma terça parte fosse colocada ao lado daquele que carregava a bandeira da companhia, a quem nunca foi dada senão quando terminava a guerra. Fizeram isso por duas razões: a primeira para que o soldado economizasse o seu salário, sendo a maior parte deles jovens e irresponsáveis; quanto mais tinham, mais gastavam sem necessidade. A outra parte porque, sabendo que seus bens móveis estavam ao lado da bandeira, seriam obrigados a ter mais cuidado, e defendê-la com maior obstinação; assim, esse método os tornava poupadores e fortes. Todas essas coisas são necessárias para observar se você deseja que as forças armadas correspondam aos seus padrões.

**ZANOBI:** Acredito que não seja possível, para um exército, enquanto marcha de um lugar para outro, não encontrar incidentes perigosos, em que a diligência do capitão e a *virtù* do soldado são necessárias para que sejam evitados; portanto, se você tiver algo em mente sobre isso, eu teria o cuidado de ouvir.



**FABRIZIO:** Eu vou compartilhar de boa vontade, especialmente quando for necessário, se eu quiser dar-lhe um conhecimento completo da prática. Os capitães, enquanto marcham com o exército, devem, acima de tudo, se proteger contra emboscadas, que podem acontecer de duas maneiras: ou você entra nelas enquanto marcha, ou o inimigo astuciosamente o atrai para dentro delas sem que você perceba. No primeiro caso, se quiser evitá-los, é necessário enviar adiante o dobro da guarda, que fará o reconhecimento do país. E quanto mais a região é adequada para emboscadas, como são as regiões arborizadas e montanhosas, mais diligência deve ser utilizada, pois o inimigo sempre se coloca em bosques ou atrás de uma colina. E assim, quando não prever uma emboscada, você será arruinado, porém, ao prevê-la, você não será prejudicado. Os pássaros ou a poeira muitas vezes denunciam o inimigo, pois quando ele vier ao seu encontro, sempre levantará uma grande poeira que indicará que ele está vindo. Assim, muitas vezes um capitão, quando vê em um lugar por onde deveria passar, pombos decolando e outros pássaros voando livremente, circulando e não pousando, reconhece que este é o lugar de qualquer emboscada inimiga; o capitão, sabendo disso, envia suas forças para a frente, salvando-se e ferindo o inimigo. Quanto ao segundo caso, sendo arrastado para ele, o que nossos homens chamam de ser atraído para uma armadilha, você deve olhar para o cenário como um todo, mas sem prontamente acreditar nas coisas que parecem ser menos razoáveis do que deveriam ser, como estas: se um inimigo colocar algum butim diante de você, você acreditará que é um ato de bondade, mas isso esconderá a real intenção dele; se muitos soldados inimigos forem expulsos por poucos de seus homens; se apenas alguns dos inimigos o atacarem; se o inimigo fugir repentinamente. Em tais casos, você deve sempre ter medo do engano; e você nunca deve acreditar que o inimigo não sabe o que faz; ao contrário, se você quer se enganar menos e trazer menos perigo, quanto mais fraco e cauteloso for o inimigo, tanto mais você deve estimar ter cuidado com ele.

E nisso, você deve usar dois meios diferentes, já que deve temê-lo com seus pensamentos e arranjos; por meio de palavras e outras demonstrações externas mostre ao inimigo o quanto você o menospreza; pois este último método faz com que seus soldados tenham mais esperança de obter a vitória, enquanto o primeiro o torna mais cauteloso e menos apto a ser enganado. Você tem de entender que quando marcha através do país inimigo, enfrenta mais e maiores perigos do que ao empreender um combate. Portanto, ao marchar, um capitão deve dobrar sua diligência e, como primeira medida, ter todo o país por onde ele marcha descrito e representado, para que ele saiba



os lugares, os números, as distâncias, as estradas, as montanhas, os rios, os pântanos e todas as suas características. E para saber tudo isso, de diversas maneiras, é preciso ter ao seu redor pessoas diferentes que conheçam os lugares, e os questionem com diligência; em seguida, contrastem suas informações, fazendo anotações conforme as verifica. Deve mandar a cavalaria na frente e, com ela, chefes prudentes, não tanto para descobrir o inimigo, mas para fazer um reconhecimento do país, para verificar se confere com os lugares e com as informações recebidas. Ele também deve enviar guias, esperançosos por recompensa, mas temerosos por punições. E, sobretudo, deve cuidar para que o exército não saiba para que lado os guias, pois nada mais útil na guerra do que manter-se calado sobre o que deve ser feito. E para que um ataque repentino não perturbe seus soldados, você deve aconselhá-los a estarem preparados com as armas, pois as coisas que estão previstas causam menos danos. Muitos, para evitar a confusão da marcha, colocaram as carruagens e os homens desarmados sob os estandartes e ordenaram que os seguissem, para que, tendo que parar ou retirar-se durante a marcha, possam fazê-lo com mais facilidade; coisa que eu aprovo muito como algo útil. Ele também deve ter cuidado durante a marcha, para que uma parte do exército não se desprenda da outra, ou que uma parte vá mais rápido e a outra mais devagar, o que desorganizaria todo o contingente. É necessário, portanto, colocar os chefes ao longo dos lados, que devem manter os passos uniformes, restringindo os que são muito rápidos e apressando os lentos; qual passo não pode ser melhor regulado do que pelo uso de sinais sonoros. As estradas devem ser alargadas, para que pelo menos uma companhia possa andar sempre em ordem. Os costumes e características do inimigo devem ser considerados: se costuma atacar de manhã, ao meio-dia ou à noite, e se ele é mais poderoso na infantaria ou na cavalaria; pelo que aprendeu, você pode organizar e preparar suas ações.

Mas vejamos algum incidente em particular. Às vezes acontece de você estar se afastando da frente do inimigo porque se julga inferior e, portanto, quer evitar o confronto, e ele, então, vai ao seu encalço, e seu exército chega à margem de um rio; rio que para atravessar precisa de algum tempo, mas o inimigo está para lhe alcançar. Alguns que se encontraram em tal situação cercaram a parte de trás de seu exército com um fosso e o encheram de lenha e puseram fogo; em seguida, passaram com o exército pelo rio sem poder ser impedido pelo inimigo, que, pelo fogo, viu-se retido.

**ZANOBI:** E é difícil acreditar que este fogo pode deter o inimigo, especialmente porque me lembro de ter ouvido que Hanno, o cartaginês, quando foi assediado pelo inimigo, cercou-se de lenha do lado que queria evitar e



nela ateou fogo; uma vez que os inimigos não estavam preparados para apañá-lo desse lado, fez seu exército passar pelas chamas e ordenou que seus homens protegessem o rosto do fogo e da fumaça com seus escudos.

**FABRIZIO:** Você diz bem; mas considere o que eu disse e o que Hanno fez, pois eu disse que cavaram um fosso e encheram com lenhas, de modo que quem quisesse passar tivesse de lutar contra o fosso e o fogo. Hanno fez o fogo sem vala, e como queria passar por ela, não ateou o fogo muito alto, pois o teria impedido de fugir mesmo sem vala. Não sabe que Nabido, o espartano, quando foi sitiado em Esparta pelos romanos, ateou fogo em parte da sua cidade para impedir a passagem dos romanos, que já tinham entrado? E com essas chamas não apenas parou sua passagem, mas os empurrou para fora. Mas voltemos ao nosso assunto. Quintus Luttatius, o romano, tendo os cimbros na retaguarda, e chegando a um rio, para que o inimigo lhe desse tempo de atravessar, fez como se quisesse lhe dar tempo para combatê-lo, e portanto fingiu acampar ali, e mandaram cavar fossos, ergueram alguns pavilhões e enviaram alguns cavalos aos acampamentos para trocarem a ferradura; de modo que os cimbros, acreditando que ele estava acampando, também acamparam, e se dividiram em várias partes para se proverem de alimentos; dos quais Luttatius tomou conhecimento e cruzou o rio sem poder ser impedido por eles. Alguns, para atravessar um rio, não tendo ponte, desviaram seu curso, e uma parte dele seguiu por trás do exército; e pela outra, o atravessaram com facilidade depois, onde o rio ficara mais raso. Quando os rios são caudalosos, a fim de fazer a infantaria atravessar de forma mais segura, colocam-se os cavalos mais fortes na parte mais alta, retendo a água, e outros embaixo, para que socorram os infantes caso um deles seja arrastado pelo rio ao atravessá-lo.

Rios que não são vadeáveis devem ser atravessados por pontes, barcos e jangadas; portanto, é bom ter soldados habilidosos em seus exércitos capazes de fazer todas essas coisas. Às vezes acontece que, ao cruzar um rio, o inimigo da margem oposta o impede. Se você quer superar esta dificuldade, não há melhor exemplo conhecido do que o de César, que, tendo seu exército na margem de um rio na Gália e sendo impedida por Vercingetórix, o gaulês, que tinha suas forças no outro lado do rio, marchou por vários dias às margens, e o inimigo fez o mesmo. César, tendo feito um acampamento em um lugar arborizado e adequado para esconder suas forças, retirou três coortes de cada legião, e as fez parar naquele lugar, ordenando então que assim que ele partisse, deveriam lançar uma ponte através do rio e fortificá-la com o resto de suas forças continuou a marcha. Vercingetórix, vendo o número de legiões, e acreditando que nenhuma parte havia ficado para



trás, também continuou a marcha, mas César, assim que soube que a ponte havia sido construída, voltou e, encontrando tudo em ordem, cruzou o rio sem dificuldade.

**ZANOBI:** Você tem alguma regra para reconhecer os vaus do rio?

**FABRIZIO:** Sim. O rio, naquela parte entre as águas paradas e a águas correntes, sempre parece uma linha para quem olha; é mais raso, e é um lugar mais adequado para vadear do que qualquer outro, porque nesse lugar o rio sempre deposita mais matéria que retira do fundo. Isso se provou verdadeiro inúmeras vezes.

**ZANOBI:** Se acontecer de o rio, nesta parte rasa, se desfazer e os cavalos afundarem, qual a solução?

**FABRIZIO:** Faça grades de madeira, coloque-as no fundo do rio e passe por cima delas. Mas continuemos nossa discussão. Se acontecer de um capitão com seu exército ser conduzido entre duas montanhas, e haver senão duas maneiras de se salvar, ou pela frente ou pela retaguarda, e ambas sendo ocupadas pelo inimigo, tem, como remédio, de fazer o que alguns já fizeram no passado: cavar um grande fosso difícil de atravessar, e mostrar ao inimigo de querer contê-lo com esse artil para, mais tarde, com todas as suas forças, e sem temer as forças na retaguarda, poder forçar pela frente a única via que restou desimpedida. O inimigo acreditando nisso, se fortalece desse lado, e abandona o lado fechado; e, então você lança uma ponte de madeira, planejada para tanto, sobre o fosso e, sem qualquer impedimento, passa para esse lado e se liberta das mãos do inimigo. Lúcio Minutius, o cônsul romano, estava na Ligúria com seu exército e fora cercado pelo inimigo entre montanhas, das quais não podia sair. Ele, portanto, enviou alguns soldados da Númídia, que ele tinha em seu exército, que estavam mal armados e montados em cavalos pequenos e magros, para os lugares que eram guardados pelos soldados inimigos, de modo que estes, ao avistá-los, se reuniram defendendo o desfiladeiro; mas então, quando viram aquelas forças mal organizadas, e também mal montadas, pouco lhes deram valor e afrouxaram a guarda. Ao perceberem isso, os númidas esporearam seus cavalos e, atacando-os, passaram sem que pudessem fazer alguma coisa; logo que passaram, arruinaram e saqueram toda a região, obrigando os inimigos a deixarem a passagem livre para o exército de Lúcio. Algum capitão que se viu atacado por uma grande multidão de inimigos reforçou suas fileiras e deu ao inimigo a faculdade de cercá-lo completamente, e então aplicou força àquela parte que reconheceu como sendo mais fraca, e fez um caminho dessa forma, salvando-se.

Marco Antônio, fugindo do exército dos partas, percebeu que todos os dias, ao raiar do dia, enquanto movia suas próprias tropas, o inimigo o as-



saltava e o infestava durante toda a marcha; de modo que tomou a providência de não partir antes do meio-dia. Para que os partas, acreditando que ele não quisesse marchar em fuga naquele dia, voltassem aos seus aposentos, e Marco Antônio pôde, então, marchar o resto do dia sem ser molestado. Este mesmo homem, para escapar dos dardos dos partas, ordenou que, quando os partas viessem em direção a eles, os soldados deveriam se ajoelhar; os da segunda fileira da companhia deveriam colocar seus escudos nas cabeças dos soldados da primeira; os da terceira sobre os da segunda, os da quarta sobre os da terceira, e assim sucessivamente, de modo que todo o exército passou a ser um teto protegido dos dardos do inimigo. Isso é o que me ocorre para lhe contar e o que pode acontecer a um exército em marcha, portanto, se nada mais lhe ocorrer, passarei para outra parte.



*“Acima de tudo, o que mantém o exército unido é a reputação de seu capitão, que só resulta de sua virtù, pois nem o sangue nem a autoridade se alcançam sem virtù.”*

MAQUIAVEL





*Retrato do príncipe Cesare Borgia, por Altobello Melone.*



# Livro Sexto

**Z**ANOBI: Acredito que seja uma boa ideia mudar a discussão; que Battista tome posse e eu renuncie; e então imitamos os bons capitães, conforme já aprendi aqui hoje, que colocam os melhores soldados na frente e na retaguarda do exército, pois lhes parece necessário ter aqueles na frente que corajosamente inflamam a batalha, e aqueles na retaguarda que bravamente a sustentam. Cosimo, portanto, começou esta discussão com prudência, e Battista a terminará com prazer. Luigi e eu ficamos entre eles. E como cada um de nós assumiu o seu papel de boa vontade, acredito que Battista estará disposto.

**BATTISTA:** Eu me permiti ser governado até agora, então também me permitirei no futuro. Portanto, meus senhores, contentem-se em continuar suas discussões e, se os interrompermos com essas questões práticas, desculpem-nos.

**FABRIZIO:** Você me faz, como já lhe disse, um grande favor, pois essas suas interrupções não tiram a minha imaginação, mas a refresca. Entretanto, se quisermos prosseguir com o nosso assunto, digo que agora é hora de alojar este nosso exército, pois você sabe que tudo deseja repouso e segurança; já que repousar sem segurança não é repouso completo. Receio, de fato, que você desejou que eu os alojasse primeiro, depois os fizesse marchar e, por último lutar, e fizemos o contrário. A necessidade levou-nos a isso, pois querendo



mostrar como um exército, ao marchar, passa da formação em marcha para a de combate, era preciso mostrar primeiro como ele se ordenava nas batalhas. Mas voltando ao nosso assunto, eu digo que se você quer que o acampamento seja seguro, ele deve ser forte e organizado.

A destreza do capitão o torna organizado; as artes da guerra ou o local o tornam forte. Os gregos buscaram locais fortes e nunca tomaram posições onde não houvesse cavernas, ou margens de rios, ou uma cobertura natural que deveria protegê-los. Mas os romanos não acamparam com segurança tanto a partir do local como pelas artes, nem nunca fizeram um acampamento em lugares onde não deveriam ter sido capazes de espalhar todas as suas forças, de acordo com sua disciplina. Disso resultou que os romanos sempre puderam ter uma forma de acampamento, pois queriam que o local os obedecesse, e não eles ao local. Os gregos procuravam locais fortificados e eles nunca teriam se colocado onde não houvesse uma caverna ou uma margem de rio, ou muitas de árvores, ou outro abrigo natural para defendê-los. Os romanos, portanto, onde faltava força ao local, abasteciam-no com sua arte e destreza. E visto que nesta minha narração quis que os romanos fossem imitados, não me afastarei do seu modo de acampar, porém, não observando todos os seus arranjos, mas tomando apenas aquela parte que no momento parece apropriada para mim. Já lhes disse muitas vezes que os romanos tinham duas legiões de soldados romanos em seus exércitos consulares, que compreendiam cerca de onze mil soldados de infantaria enviados por aliados para ajudá-los; mas eles nunca tiveram mais soldados estrangeiros em seus exércitos do que os romanos, exceto para a cavalaria, a qual eles não se importavam se excedessem o número em suas legiões; e que em cada ação, eles colocavam as legiões no centro e os auxiliares nas laterais. Formação que observavam também nos alojamentos, como vocês mesmos puderam ler nas obras sobre esses assuntos; e, portanto, não pretendo narrar em detalhes como eles acampavam, mas direi apenas como planejava acampar meu exército no momento, e então você saberá de que parte dos métodos romanos tratarei. Você sabe que no encontro de duas legiões romanas eu peguei dois batalhões de seis mil infantes e trezentos cavalos efetivos para cada batalhão, e os dividi por companhias, por armas e nomes. Você sabe que, ao organizar o exército para marchar e lutar, não mencionei outras forças, mas apenas mostrei que, ao dobrar as forças, de nada mais precisava.

Visto que no momento quero mostrar-lhe a maneira de acampar, parece-me apropriado não ficar apenas com dois batalhões, mas reunir um exército justo e composto como o romano de dois batalhões e tantas forças auxiliares. Eu sei que a forma de um acampamento é mais perfeita quando um exército completo é alojado, assunto esse que não me pareceu necessário na demons-



tração anterior. Se eu quiser, portanto, um quarto de um exército de vinte e quatro mil infantes e dois mil efetivos de cavalaria, sendo dividido em quatro companhias, duas de suas próprias forças e duas de estrangeiros, eu empregaria este método. Quando encontrasse o local onde gostaria de acampar, içaria a bandeira do capitão, e em torno dela desenharia um quadrado que teria cada face distante dele cinquenta braços, cada um dos quais deveria olhar para uma das quatro regiões do céu, ou seja, Leste, Oeste, Sul e Norte; nesse espaço, colocaria os aposentos do capitão. E como acredito que seja prudente, e porque assim o fizeram em boa parte os romanos, separaria os homens armados dos desarmados; e os que carregam fardos, dos desarmados. Eu alojaria todos ou uma grande parte dos homens armados no lado leste, e os desarmados e sobrecarregados no lado oeste, tornando o leste a frente e o oeste a retaguarda do acampamento; e o sul e o norte seriam os flancos. Para distinguir os aposentos dos homens armados, eu empregaria este método. Eu iria estender uma linha a partir da bandeira do capitão e a conduziria para o leste a uma distância de seiscentos e oitenta braços de comprimento. Eu também correria duas outras linhas que colocaria no meio dela, e seriam do mesmo comprimento que a anterior, mas distantes de cada uma delas por quinze braços de comprimento, em cuja extremidade eu colocaria o portão leste; e no espaço que existe entre as duas linhas finais, eu faria uma estrada que iria do portão até os aposentos do capitão, que teria trinta braços de largura e seiscentos e trinta de comprimento, já que os aposentos do capitão ocupariam cinquenta braços, e chamaria isso de caminho do capitão.

Eu, então, faria outra estrada do portão sul até o portão norte, e cruzaria pelo início do caminho do capitão; ao longo do lado leste dos aposentos do capitão, que teriam mil duzentos e cinquenta de braços comprimento, uma vez que ocuparia toda a largura do acampamento, e também teria trinta braços de largura, que eu chamaria de via cruzada. Uma vez que os aposentos do capitão e estas duas estradas tenha sido projetados, os aposentos dos dois batalhões de seus próprios homens devem começar a ser projetados em seguida; e eu colocaria um alojamento à direita do caminho do capitão e outro à esquerda. Além do espaço ocupado pela largura da via cruzada, eu colocaria trinta e dois alojamentos no lado esquerdo do caminho do capitão, e trinta e dois no lado direito, deixando um espaço de trinta braços de comprimento entre o décimo sexto e décimo sétimo quartel, que deve servir de estrada transversal e atravessar todos os quartéis dos batalhões, como se verá na sua divisão. Destes dois arranjos de alojamentos, nas primeiras tendas que seriam adjacentes à via cruzada, eu dividiria os chefes dos homens de armas; e já que cada companhia tem cento e cinquenta homens de armas, designaria dez homens de armas para



cada um dos alojamentos. A área dos quartos dos chefes deve ter quarenta braços de largura e dez braços de comprimento. E deve-se notar que sempre que digo largura, quero dizer do sul ao norte, e quando digo comprimento, do oeste ao leste. A área dos quartos dos homens de armas deve ter quinze braços de comprimento e trinta de largura. Nos próximos quinze alojamentos, os quais, em todos os casos, são os próximos, deveriam começar pela estrada transversal, e teriam o mesmo espaço que os dos homens de armas; nesses eu alojaria a cavalaria leve, uma vez que eles são cento e cinquenta; dez cavaleiros seriam designados para cada quadrante, e o décimo sexto que sobraria, eu alojaria o capitão deles, dando-lhe o mesmo espaço que é dado ao chefe dos soldados. E assim nos alojamentos da cavalaria dos dois batalhões passariam a colocar o caminho do capitão no centro e serviria como exemplo para os alojamentos da infantaria, como vou narrar. Você notou que eu alojei trezentos cavaleiros de cada batalhão com seus chefes em trinta e dois alojamentos situados no caminho do capitão, começando com a via cruzada; do décimo sexto ao décimo sétimo há um espaço de trinta braços de comprimento para fazer uma estrada transversal.

Se eu quiser, portanto, dividir em alojamentos as vinte companhias que constituem os dois batalhões regulares, colocaria os alojamentos de cada duas companhias atrás dos alojamentos da cavalaria, cada um dos quais com quinze braços de comprimento e trinta de largura, como os da cavalaria, e devem ser unidos na retaguarda, onde se tocam. E em cada primeiro alojamento de cada lado da frente da via cruzada, eu alojaria o condestável de uma companhia, que viria a corresponder ao alojamento do chefe dos homens de armas; somente seus alojamentos teriam um espaço de vinte braços de largura e dez de comprimento. E nos outros quinze alojamentos de cada grupo que segue depois disso pela via transversal, eu colocaria um alojamento de uma companhia de infantaria de cada lado, que, como são quatrocentos e cinquenta, trinta seriam designados para cada alojamento. Eu colocaria os outros quinze alojamentos contíguos em cada grupo àqueles da cavalaria com o mesmo espaço, nos quais eu colocaria um alojamento da companhia de infantaria de cada grupo. No último quarto de cada grupo eu colocaria o condestável da companhia, que passaria a ser adjacente ao do chefe da cavalaria ligeira, com um espaço de dez braços de comprimento e vinte de largura. E assim essas duas primeiras fileiras de alojamentos seriam metade de cavalaria e metade de infantaria.

E como eu quero que essa cavalaria seja totalmente eficaz e, portanto, sem retentores que ajudem a cuidar dos cavalos ou outras coisas necessárias, eu gostaria que essa infantaria alojada atrás da cavalaria fosse obrigada a ajudar os donos dos cavalos em provê-los e cuidar deles, e por isso deveriam ser isentos



de outras atividades do acampamento, que era a maneira seguida pelos romanos. Deixado então, depois desses alojamentos, dos dois lados, um espaço de trinta braços para abrir caminho, chamando-o de primeira via à mão direita, e a outra, primeira via à mão esquerda, eu colocaria de cada lado uma outra ordenação de trinta e dois alojamentos duplos, cujas partes de trás se voltassem umas para as outras, com os mesmos espaços que já mencionei, e dividiria depois os décimos sextos do mesmo modo para fazer a via transversal, onde alojaria de cada lado quatro companhias de infantes com os condestáveis. E assim viria a ser alojada em três filas de quartos por área a cavalaria e as companhias de infantaria dos dois batalhões regulares, no centro dos quais eu colocaria o caminho do capitão. Os dois batalhões de auxiliares, já que eu os tinha compostos pelos mesmos homens, ficariam alojados dos dois lados desses dois batalhões ordinários, com as mesmas fileiras de alojamentos, colocando primeiro uma fileira de alojamentos duplos onde se alojassem cavaleiros e infantes meio a meio, distantes trinta braços dos outros, para abrir uma via, chamando uma de terceira via à mão direita e a outra de terceira via à mão esquerda. Então faria de cada lado duas outras fileiras de alojamentos, da mesma forma diferentes e ordenados como são os dos batalhões ordinários, que abririam por sua vez duas outras vias, todas recebendo seu nome pelo número e pela mão onde elas fossem colocadas. Assim, todo esse lado do exército estaria alojado em doze ordenações de alojamentos duplos e em treze vias, contando as vias do capitão e da cruz.

Eu gostaria de ter um espaço de cem braços em volta dos alojamentos até o fosso. E se você contar todos esses espaços, você verá que do meio dos aposentos do capitão até o portão leste há setecentos braços de comprimento. Restam-nos agora dois espaços, dos quais um é dos aposentos do capitão ao portão sul, o outro de lá ao portão norte, cada um dos quais passa a ser, medindo do ponto central, seiscentos e trinta e cinco braços de comprimento. Em seguida, subtraio de cada um desses espaços cinquenta braços de comprimento que os aposentos do capitão ocupam, e quarenta e cinco braços de comprimento de praça que desejo dar a cada lado, e trinta braços de comprimento de estrada, que dividem cada um dos espaços mencionados no meio, e cem braços de comprimento que são deixados em cada lado entre os alojamentos e a vala; e permanece em cada área um espaço deixado para alojamentos de quatrocentos braços de largura e cem de comprimento, medindo o comprimento para incluir o espaço ocupado pelos aposentos do capitão. Dividindo o referido comprimento ao meio, portanto, haveria de cada lado do capitão quarenta alojamentos de cinquenta braços de comprimento e vinte de largura, que totalizariam oitenta alojamentos, nos quais estariam alojados os chefes-ge-



rais dos batalhões, os camareiros, os mestres dos alojamentos, e todos aqueles que deveriam ter um cargo no exército, deixando alguma vaga para alguns estrangeiros que porventura chegassem, e para aqueles que deveriam lutar por cortesia do capitão. Na parte traseira dos aposentos do capitão, eu criaria uma estrada com trinta braços de largura de norte a sul, e a chamaria de estrada da frente, que viria a ser localizada ao longo dos oitenta alojamentos mencionados, uma vez que essa estrada e a cruzada ficariam entre os aposentos do capitão e os oitenta aposentos em seus flancos. Desta estrada da frente e em frente aos aposentos do capitão, eu criaria outra estrada que deveria ir de lá para o portão oeste, também com trinta braços de largura, correspondendo em localização e comprimento ao caminho do capitão, que eu chamaria caminho da praça. Localizadas essas duas estradas, eu arranjaria a praça onde o mercado deveria ser feito; colocaria no início do caminho da praça, em frente aos aposentos do capitão, e ao lado da estrada da frente, e gostaria que fosse quadrado e tivesse cento e vinte e um braços de cada lado. Da mão direita e esquerda da referida praça, eu faria duas filas de alojamentos, e cada linha teria oito alojamentos duplos, que tomariam doze braços de comprimento e trinta de largura, de modo que deveriam estar de cada lado da praça, na qual haveria dezesseis quartos, um total de trinta e dois ao todo, no qual eu dividiria a cavalaria que sobrou dos batalhões auxiliares; se isso não bastasse, eu lhes atribuiria alguns dos quartos do capitão, e especialmente aqueles que estão voltados para o fosso.

Resta-nos agora alojar os piqueiros e os vélites extraordinários de cada batalhão, que, segundo nossa ordenação, possui cada um, além das dez companhias, mil piqueiros extraordinários e quinhentos vélites extraordinários, de tal forma que os dois batalhões somam dois mil piqueiros e mil vélites extraordinários; e os batalhões auxiliares em igual número, de modo que se ainda fosse preciso alojar seis mil infantes, estes seriam distribuídos todos na parte voltada para o poente e ao longo dos fossos. Portanto, da estrada da frente em direção ao norte, deixando o espaço de cem braços de comprimento dos alojamentos até a vala, eu colocaria uma fileira de cinco alojamentos duplos que teriam setenta e cinco braços de comprimento e sessenta em largura, de modo que, com a largura dividida, cada alojamento teria quinze de braços comprimento e trinta de largura. E como haveria dez alojamentos, eu teria um deles com trezentos infantes, designando trinta infantes para cada quarto. Deixando então um espaço de trinta e um braços, colocaria outra linha de cinco alojamentos duplos com espaços semelhantes, e depois outra, de modo que haveria cinco linhas de cinco alojamentos duplos, que chegariam a ser cinquenta alojamentos colocados em linha reta no lado norte, cada um distante cem braços



de comprimento das valas, o que seria um alojamento de mil e quinhentos soldados de infantaria. Virando então do lado esquerdo em direção ao portão oeste, eu desejaria uma área entre eles e o dito portão; cinco outras fileiras de alojamentos duplos, de maneira semelhante e com os mesmos espaços, em verdade de uma linha para a outra, não haveria mais do que quinze braços de espaço, em que também haveria quinhentos mil e quinhentos soldados de infantaria; assim, do portão norte ao oeste, seguindo as valas, em cem alojamentos, divididos em dez fileiras de cinco alojamentos duplos por fileira, os piqueiros extraordinários e os vélites dos batalhões regulares seriam alojados. E assim, também, do portão oeste ao do sul, seguindo as valas, exatamente da mesma maneira, em outras dez fileiras de dez quartos por fileira, os piqueiros extraordinários e os vélites dos batalhões auxiliares seriam alojados. Seus chefes, ou melhor, seus condestáveis, podiam ocupar os aposentos laterais em direção às valas que lhes parecessem mais convenientes.

Eu colocaria a artilharia ao longo de todo o aterro das valas, e em todo espaço restante para o oeste, eu alojaria todos os homens desarmados e todas as bagagens do acampamento. E deve ser entendido que sob este nome de bagagem os antigos pretendiam todas aquelas carruagens e todas as coisas que são necessárias a um exército, exceto os soldados; assim como carpinteiros, ferreiros, sapateiros, engenheiros e bombardeiros, e outros que deveriam ser colocados entre o número dos armados; pastores com seus rebanhos de ovelhas e bois castrados, que são usados para alimentar o exército; além disso, mestres de todas as artes, juntamente com carruagens públicas para o fornecimento de alimentos e armas.

E eu não distinguiria particularmente esses alojamentos; eu apenas designaria as estradas que não deveriam ser ocupadas por eles. Em seguida, os espaços restantes entre as estradas, que seriam quatro, eu atribuiria em geral a todas as bagagens mencionadas: um para os pastores; um para os artífices e operários; um para as carruagens públicas para provisões; e o quarto para os armeiros. As estradas, que eu gostaria de deixar desocupadas, uma delas seria o caminho da praça, outra seria da frente; além disso, uma estrada deveria se chamar estrada do centro, a qual deveria partir do norte e seguir em direção ao sul, passando pelo centro do caminho da praça, que, do lado oeste, deve ter o mesmo efeito que tem a estrada transversal do lado leste. Para concluir, uma estrada deve contornar a retaguarda ao longo dos alojamentos dos piqueiros extraordinários e dos vélites. Todas essas estradas deveriam ter trinta braços de largura. Eu colocaria a artilharia ao longo das valas na retaguarda do acampamento.



**BATTISTA:** Confesso que não entendo, e também não acredito que dizer isso me envergonhe, pois essa não é minha profissão. No entanto, gosto muito desta organização; gostaria apenas que me esclarecesse estas dúvidas: por que você faz as estradas e os espaços ao redor dos alojamentos tão largos? Como são esses espaços que você designa para os alojamentos a serem usados?

**FABRIZIO:** Você sabe que eu fiz todas as estradas com trinta braços de largura, para que uma companhia de infantaria possa passar por elas em ordem, a qual, se você se lembra bem, cada uma dessas ordens era de vinte e cinco a trinta braços de largura. O espaço entre a vala e os alojamentos, que tem uma largura de cem braços, é necessário, já que se manuseiam as companhias e a artilharia, e através dele é feito o saque; quando é necessário um espaço maior para se alojar são feitos valas e aterros novos. Os alojamentos muito distantes das valas são melhores, pois ficam mais distantes dos fogos e de outras coisas que podem atrair o inimigo para atacá-los. Quanto à segunda questão, minha intenção não é que todo espaço designado por mim seja coberto por apenas um pavilhão, mas que seja usado como uma comodidade versátil para aqueles que estão alojados, com várias ou poucas tendas, desde que não saia de seus limites. E na concepção destes alojamentos, os homens devem ser os mais experientes e excelentes arquitetos, que, assim que o capitão tenha escolhido o lugar, saibam dar-lhe forma e dividi-lo, bem como distinguir as estradas, dividindo e organizando rapidamente os alojamentos com cordas e machadinhas de maneira prática. E para que não haja confusão, o alojamento deve estar sempre virado para o mesmo lado, para que todos saibam em que estrada e em que espaço deve encontrar seu alojamento. E isso deve ser observado em todos os momentos, em todos os lugares, e de uma maneira que pareça uma cidade móvel, que, por onde passa, traz consigo as mesmas estradas, as mesmas casas e a mesma aparência; que não pode ser observada por aqueles homens que, buscando locais fortificados, têm de mudar a forma de acordo com as variações dos locais. Os romanos reforçaram os locais com valas, muralhas e diques, pois colocaram um espaço ao redor do alojamento e, e na frente dele, cavaram uma vala, normalmente com seis braços de largura e três de profundidade, cujos espaços aumentam de acordo com o período de tempo que eles residiram no lugar, e de acordo com o temor pelo inimigo. Para mim, no momento não levantaria uma muralha, a menos que quisesse passar o inverno em um lugar. Gostaria, no entanto, de cavar a vala e o dique, não menos do que o mencionado, mas maior de acordo com a necessidade. No que diz respeito à artilharia, em cada lado do alojamento, eu teria uma vala semicircular, de onde a artilharia deveria poder bater nos flancos de quem viesse atacar as valas. Os soldados também deveriam ser treinados nesta prá-



tica de saber como organizar um acampamento e trabalhar com eles para que possam ajudá-lo a projetá-lo, e os soldados em saber seus lugares. E nada disso é difícil, como será contado posteriormente. Por enquanto, quero passar para a proteção do alojamento, que, sem a distribuição de guardas, todos os outros esforços seriam inúteis.

**BATTISTA:** Antes de passar para as guardas, gostaria que me dissesse que métodos são empregados quando outros querem colocar o acampamento perto do inimigo, pois não sei se há tempo para poder organizá-lo sem perigo.

**FABRIZIO:** Você tem de saber disso, que nenhum capitão acampa perto do inimigo, a menos que esteja disposto a entrar em combate sempre que o inimigo quiser; e se os outros estiverem dispostos, não há perigo, exceto o de sempre, uma vez que duas partes do exército estão organizadas para fazer um combate, enquanto a outra parte faz o alojamento. Em casos como este, os romanos atribuíram este método de fortificação dos alojamentos ao triários, enquanto os príncipes e os hastados permaneceram armados. Fizeram isso porque os triários, sendo os últimos a combater, chegavam a tempo de deixar o trabalho se o inimigo viesse, e pegassem em suas armas e ocupassem seus lugares. Se você quiser imitar os romanos, deve atribuir a construção do alojamento àquela companhia que você gostaria de colocar no lugar dos triários na última parte do exército.

Mas voltemos à discussão das guardas. Não acredito, lendo os escritos dos antigos, que, para vigiar o alojamento à noite, houvesse guardas do lado de fora das valas, distantes, como se faz hoje, aos quais chamamos de sentinelas. Acredito que fizessem isso pensando que o exército pudesse ser facilmente enganado pela dificuldade de controlá-las e por poderem ser corrompidas ou oprimidas pelo inimigo, de modo que julgavam perigoso confiar nelas. Por isso, todo o corpo da guarda ficava dentro das valas, o que era feito em extrema ordem, punindo-se com a pena capital qualquer um que contrariasse essa ordenação.

Como isso foi arranjado por eles, não vou falar mais com vocês para não os cansar. Direi apenas o que seria feito por mim. Eu teria regularmente um terço do exército permanecendo armado todas as noites, e um quarto deles sempre a pé, que seria distribuído pelos diques e todos os locais do exército, com guardas duplas postadas em cada uma de suas praças, onde uma parte devia permanecer, e uma parte continuamente ir de um lado do acampamento para o outro. E esse arranjo que descrevo, também observaria de dia se tivesse o inimigo por perto. Quanto a dar-lhe um nome, e renová-lo todas as noites, e fazer as outras coisas que se fazem nessa guarda, visto que são coisas conhecidas, não vou falar mais delas. Gostaria apenas de lembrá-lo de um assunto



muito importante, e observá-lo faz muito bem; isto é, que seja usada grande diligência para quem não se hospeda no alojamento à noite, bem como para quem chega lá. É fácil rever quem está acampado lá, com aquele arranjo que designamos, já que cada quarto tem um número predeterminado de homens; é fácil verificar se há homens desaparecidos ou se sobrou algum; e quando desaparecem sem permissão, para puni-los como fugitivos; se sobrarem homens, para saber quem são, o que sabem e quais são as suas condições.

Tal diligência faz com que o inimigo não consiga manter correspondência com seus chefes e não tenha conhecimento de seus conselhos. Se isso não tivesse sido observado com diligência pelos romanos, Cláudio Nero não poderia, quando tinha Aníbal perto dele, ter partido do acampamento que tinha na Lucânia e voltar das Marcas, sem que Aníbal soubesse disso. Mas não é suficiente fazer esses arranjos, a menos que sejam feitos para serem observados com segurança, pois não há nada que requeira tanta observância quanto qualquer exigido no exército. Portanto, as leis para sua aplicação devem ser rígidas, e o executor muito severo. O romano punia com pena de morte quem faltasse à guarda; quem abandonasse o lugar que lhe foi dado em combate; quem levasse qualquer coisa escondida para fora do alojamento; se alguém contasse ter realizado algum grande ato em batalha, e não deveria tê-lo feito; se alguém combatesse fora do comando do capitão; se alguém por medo depusesse as armas. E se acontecesse que uma coorte ou uma legião inteira tivesse cometido um erro, para que não fossem todos mortos, eles colocavam seus nomes em uma bolsa, e tiravam dela a décima parte, e esta eles matavam. Essa punição era cumprida de tal modo que, se nem todos ouviam, pelo menos temiam. E onde há punições severas, também deveria haver recompensas. Para que os homens temessem e esperassem ao mesmo tempo, eles propunham recompensas para cada grande feito; como aquele que, durante a luta, salvou a vida de um de seus cidadãos, a quem primeiro escalou os muros das cidades inimigas, a quem primeiro entrou no acampamento do inimigo, a quem em batalha feriu ou matou um inimigo. E assim qualquer ato de *virtù* era reconhecido e recompensado pelos cônsules, e elogiado publicamente por todos; e aqueles que recebiam presentes para qualquer uma dessas coisas, além da glória e fama que adquiriram entre os soldados, quando voltaram para seu país, os exibiam com pompa solene e com grandes manifestações entre seus amigos e parentes. Não é de se admirar, portanto, se aquele povo adquiriu tanto império, quando eles tinham uma observância tão grande de punições e recompensas, que atuavam para seu bem ou mal, merecesse elogios ou censuras; cabe a nós observar a maior parte dessas coisas. E não me parece apropriado silenciar sobre um método de punição observado por eles, como aquele em que um infame era



condenado perante o tribuno, ou o cônsul, e açoitado, e então o criminoso tinha permissão para fugir, e todos os soldados tinham permissão para matá-lo, de sorte que poucos sobreviviam e raríssimos escapavam, e os que escapavam não podiam voltar para casa senão à custa de muitos incômodos e ignomínias, o que era pior do que morrer.

Você vê este método utilizado hoje pelos suíços, que fazem os condenados serem publicamente mortos pelos outros soldados.

O que é bem pensado e feito da melhor maneira, porque, quando se quer que alguém não defenda um réu, o melhor recurso é torná-lo carrasco dele, pois com mais respeito se favorece e com mais desejo se quer a punição de alguém quando se é o próprio executor do que quando a execução é feita por outro. Querendo então que alguém não seja favorecido pelo povo, a melhor maneira é fazer o povo ser seu juiz.

Em apoio a isso, podemos citar exemplo do Capitólio de Manlius, que, quando foi acusado pelo Senado, foi tanto defendido pelo público a ponto de deixar de ser juiz; mas o público tendo-se tornado árbitro de sua causa, o condenou à morte. É, portanto, um método capaz de acabar com os tumultos e de fazer com que a justiça seja observada. E uma vez que para conter os homens armados, o medo das leis, ou dos homens, não é suficiente, os antigos acrescentaram a autoridade de Deus, portanto, com grande cerimônia, fizeram seus soldados jurarem observar a disciplina militar, para que se fizessem o contrário, não teriam apenas que temer as leis e os homens, mas a Deus; e eles usaram toda criatividade para enchê-los de religião.

**BATTISTA:** Os romanos permitiam a presença de mulheres em seus exércitos, e que os soldados se entregassem aos jogos indolentes?

**FABRIZIO:** Proibiram os dois, e essa proibição não foi muito difícil, porque os exercícios que davam aos soldados todos os dias eram tantos, às vezes sendo ocupados todos juntos, às vezes individualmente, que não lhes restava tempo para pensar em mulheres, ou em jogos, ou em outras coisas que tornam os soldados sediciosos e inúteis.

**BATTISTA:** Eu gosto disso. Mas diga-me, quando o exército teve de levantar acampamento, que providências eles tiveram?

**FABRIZIO:** A trombeta do capitão soava três vezes; ao primeiro som, as tendas eram desmontadas e embaladas; na segunda, carregavam os fardos; e na terceira, moviam-se da maneira mencionada anteriormente, com as bagagens atrás dos homens armados por todos os lados, colocando as legiões no centro. E, portanto, você teria que ter um batalhão de auxiliares em movimento, e atrás dele sua bagagem particular, e com esses a quarta parte da bagagem pública, que seriam todos aqueles que deveriam estar alojados em uma dessas



seções do acampamento que mostramos há pouco. E, portanto, seria bom que cada um deles fosse designado para um batalhão, para que, quando o exército se movesse, todos soubessem onde estava seu lugar na marcha. E cada batalhão deve prosseguir seu caminho desta maneira com suas próprias bagagens, e com um quarto das bagagens públicas em sua retaguarda, como mostramos o exército romano marchando.

**BATTISTA:** Ao instalar o alojamento, eles tiveram outras considerações além das que você mencionou?

**FABRIZIO:** Repito que em seus alojamentos os romanos queriam poder empregar a forma usual de seu método, em cuja observância não tiveram outra consideração. Mas quanto a outras considerações, eles tinham duas principais: uma, para se localizar em um lugar saudável e para se localizar onde o inimigo não pudesse sitiá-los e cortar o suprimento de água e provisões. Para evitar essa fraqueza, portanto, eles evitavam locais pantanosos ou expostos a ventos nocivos. Eles os reconheciam, não tanto pelas características do local, mas pela aparência dos habitantes; e se os viam descorados, arfantes, ou cheios de infecções, não acampavam ali. Quanto à outra parte de não ser sitiado, deve-se levar em consideração a natureza do lugar, onde estão os amigos e onde está o inimigo, e a partir deles conjecturar se você pode ou não ser sitiado. E, portanto, o capitão deve ser muito experiente nos lugares e regiões dos países, e ter ao seu redor muitos outros que têm a mesma perícia. Também evitar doenças e fome para não desorganizar o exército; pois se você quiser mantê-lo saudável, você deve cuidar para que os soldados durmam sob tendas, que eles sejam alojados onde haja árvores para criar sombra, onde haja lenha para cozinhar a comida, e que não marchem sob o Sol. É preciso, portanto, no verão, levantar acampamento logo cedo, e no inverno evitar marchar na neve sem a comodidade de fazer uma fogueira, e providenciar roupas necessárias, e não beber água ruim. Os que adoecem devem procurar médicos; pois um capitão não tem recurso quando tem de lutar contra a doença e o inimigo. Mas nada é mais útil para manter um exército saudável do que exercícios; portanto, os antigos faziam com que se exercitassem todos os dias. Daí se vê o quanto o exercício é valioso, pois nos alojamentos ele o mantém saudável e na batalha o torna vitorioso. Quanto à fome, não só é necessário cuidar para que o inimigo não impeça as suas provisões, mas também providenciar de onde deve obtê-las, e cuidar para que as provisões que se têm não se percam. Portanto, você deve sempre possuir mantimentos em mãos para o exército por um mês; além disso, solicitar aos amigos vizinhos que lhe forneçam diariamente, manter as provisões em um lugar seguro e, acima de tudo, distribuir com diligência, dando a cada um uma medida razoável a cada dia, e assim observar esta parte para que não



se desorganizem; pois todas as outras coisas na guerra podem ser superadas com o tempo, mas esta, o próprio tempo o vencerá. Jamais faça de ninguém seu inimigo, que, enquanto busca vencê-lo com a espada, pode vencê-lo pela fome, porque se tal vitória não for tão honrosa, é mais segura e mais certa. Aquele exército, portanto, não pode escapar da fome que não observa a justiça, e desregradamente consome o que quer, pois um mal faz com que as provisões não cheguem, e o outro que quando elas cheguem, sejam inutilmente consumidas. Por isso, os antigos ordenavam que se consumisse o que davam e no tempo necessário, pois nenhum soldado comia a não ser quando o capitão comia. O quanto isso é observado pelos exércitos modernos todos sabem, e merecidamente não podem chamar-se ordenados e sóbrios como os antigos, mas licenciosos e bêbados.

**BATTISTA:** Você disse no início da instalação do alojamento que não queria limitar-se a apenas dois batalhões, mas sim a quatro, para mostrar como um exército se alojava bem. Portanto, gostaria que você me dissesse duas coisas: uma, se tenho mais ou menos homens, como devo alojá-los; a outra, que número de soldados seria suficiente para lutar contra qualquer inimigo?

**FABRIZIO:** À primeira pergunta, eu respondo que se o exército tem quatro ou seis mil soldados mais ou menos, fileiras de alojamentos são retiradas ou adicionadas conforme necessário, e desta forma é possível acomodar mais ou menos infinitamente. No entanto, quando os romanos juntaram dois exércitos consulares, eles levantaram dois acampamentos e fizeram com que as partes dos homens desarmados se encarassem. Quanto à segunda pergunta, respondo que o exército romano regular tinha cerca de vinte e quatro mil soldados, mas quando uma grande força os pressionou, o máximo que reuniram foi de cinquenta mil. Com esse número, eles se opuseram a duzentos mil gauleses que eles atacaram após a primeira guerra que travaram com os cartagineses. Com o mesmo número, eles se opuseram a Aníbal. E você tem de notar que os romanos e gregos fizeram guerra com poucos soldados, fortalecidos pela ordem e pela arte; os ocidentais e orientais a fizeram com uma multidão, mas uma dessas nações se serve de fúria natural, assim como os ocidentais; a outra da grande obediência que seus homens mostram ao seu rei. Mas na Grécia e na Itália, como não há essa fúria natural, nem a reverência natural para com seu rei, foi necessário recorrer à disciplina, que é tão poderosa que tornou poucos capazes de superar a fúria e a obstinação natural de muitos. Digo-lhe, portanto, se você quiser imitar os romanos e os gregos, o número de cinquenta mil soldados não deve ser excedido, ao contrário, ele deveria ser menor, pois muitos causam confusão e não permitem que a disciplina seja observada nem as ordens aprendidas. Pirro costumava dizer que com quinze mil homens ele atacaria o mundo.



Mas vamos passar para outra parte. Fizemos nosso exército vencer um confronto e mostrei os problemas que podem ocorrer na batalha; nós o fizemos marchar, e eu narrei com que impedimentos ele pode ser cercado enquanto marcha, e por último, nós o alojamos; não somente para dar um pouco de descanso pelos esforços passados, mas também para pensar como se deve acabar a guerra, porque nos alojamentos fazem muitos planos, principalmente quando ainda há inimigos em campo e cidadelas suspeitas, das quais é bom salvaguardar-se, e os inimigos, expugnar. Por isso, é necessário fazer essas demonstrações e superar essas dificuldades com a glória. Resumindo, portanto, se acontecer a você que muitos homens ou muitos povos o façam algo, que seja útil para você e muito prejudicial para eles, como a destruição dos muros de sua cidade, ou o envio de muitos de seus homens para o exílio, é necessário que ou os engane de tal forma que todos acreditem que está afetado, para que um não ajude o outro e todos se sintam oprimidos, sem recurso; ou melhor, ordene a todos o que devem fazê-lo no mesmo dia, para que cada um, acreditando ser o único a quem o mandamento é dado, pense em obedecê-lo; e assim, sem tumulto, seu comando é executado por todos.

Se você suspeitar da lealdade de qualquer povo, e quiser se assegurar de ocupar seu território sem aviso prévio, para disfarçar mais facilmente seu projeto, nada melhor do que comunicar a ele algo de seu projeto, solicitando sua ajuda, e indicando a ele que você deseja realizar outro empreendimento, o que fará com que ele não pense em sua defesa, já que ele não acredita que você está pensando em atacá-lo, e ele lhe dará a oportunidade que lhe permitirá satisfazer facilmente o seu desejo. Quando pressentir que há no seu exército alguém que tenha avisado o inimigo dos seus planos, não pode fazer melhor do que valer-se de más intenções, comunicando-lhe coisas que não queira fazer e se calar sobre as que deseja fazer; duvidar das coisas de que não duvida e esconder aquelas de que duvida, o que fará o inimigo agir acreditando saber seus planos; desse modo, poderá enganá-lo e oprimi-lo facilmente. Se você planeja, como fez Claudius Nero, diminuir seu exército, mandando ajuda a algum amigo, e ele não está ciente disso, é necessário que o acampamento não seja diminuído, mas que mantenha íntegros todos os sinais e arranjos, fazendo as mesmas fogueiras e colocando as mesmas guardas de todo o exército. Da mesma forma, se você anexar uma nova força ao seu exército, e não quer que o inimigo saiba que você a ampliou, é necessário que o acampamento não seja aumentado, pois é sempre mais útil manter seus projetos em segredo. Daí Metelo, quando estava com os exércitos na Espanha, a alguém que lhe perguntou o que ia fazer no dia seguinte, respondeu que se sua camisa soubesse, ele iria queimá-la. Marco Crasso, a quem lhe perguntou quando ia mover seu exército,



disse: “você acredita que está sozinho em não ouvir as trombetas?” Para aprender os segredos de seu inimigo e conhecer seu arranjo, alguns costumavam enviar embaixadores, e com eles homens experientes em guerra disfarçados em vestes comuns, que, aproveitando a oportunidade para observar o exército inimigo, em relação a seus pontos fortes e fracos, deram-lhes a oportunidade de derrotá-lo. Alguns mandaram um amigo próximo para o exílio e, por meio dele, aprenderam os desígnios de seu adversário.

Você também pode aprender segredos semelhantes com o inimigo, se fizer prisioneiros para esse propósito. Marius, na guerra que travou contra os cim-bros, para conhecer a lealdade daqueles gauleses que viviam na Lombardia e se ligaram ao povo romano, enviava-lhes cartas abertas e seladas; nas abertas escrevia-lhes que não deveriam abrir as seladas, exceto em tal momento, e antes desse momento, ele pediu que as cartas fossem devolvidas e, encontrando-as abertas, sabia que a lealdade deles não era completa. Alguns capitães, quando foram atacados, não queriam ir de encontro do inimigo, mas sim atacar seu território e obrigá-lo a voltar para defender sua casa. Isso pode dar certo, porque seus soldados começam a vencer e a se encher de espólio e confiança, enquanto os do inimigo ficaram desanimados, parecendo-lhes que, de vencedores, tornaram-se perdedores. De modo que para quem fez esse desvio, muitas vezes deu certo. Mas isso só pode ser feito por aquele homem que tem seu território mais forte do que o do inimigo, pois se fosse de outra forma, ele perderia. Frequentemente, tem sido útil para um capitão que se encontra sitiado no território do inimigo iniciar procedimentos para um acordo e fazer uma trégua com ele por vários dias; coisa que só fará qualquer inimigo negligente em todos os sentidos; de modo que, valendo-se disso, você poderá facilmente obter a oportunidade de escapar das mãos dele. Sila se libertou duas vezes de seus inimigos dessa maneira, e com esse mesmo engano, Aníbal na Espanha fugiu das forças de Cláudio Nero, que o havia sitiado.

Para livrar-se das forças inimigas, vale também fazer qualquer coisa, além das mencionadas, que as mantenham ocupadas. Isso se faz de duas maneiras: ou atacando-as com parte das tropas, a fim de que, entretidas com as escaramuças, haja tranquilidade para o restante de seus homens se salvarem; ou desencadeando algum fato novo que, pela sua novidade, provoque estupefação nelas e, por esse motivo, hesitem e parem, como Aníbal fez: acuado por Fábio Máximo, à noite colocou algumas tochas entre os chifres de muitos bois, deixando Fábio em suspense com essa novidade, e não pensou mais em impedir sua passagem.

Um capitão deve, entre todas as outras ações, se esforçar com todas as artes para dividir as forças do inimigo, seja fazendo-o suspeitar de seus ho-



mens, em quem confia, ou dando-lhe motivos para ele separar suas forças; por causa disso, o inimigo fica mais fraco. O primeiro método é realizado zelando pelas coisas de alguns daqueles aliados de seu inimigo, como existem na guerra, salvando seus bens, mantendo seus filhos ou outras necessidades de sua parte sem cobrar nada por isso. Você sabe como Aníbal, tendo queimado todos os campos ao redor de Roma, fez com que apenas os de Fábio Máximo permanecessem seguros. Como Coriolano, quando veio com o exército a Roma, salvou as posses dos nobres e queimou e saqueou as da Plebe. Quando Metelo liderou o exército contra Jugurta, todos os meus embaixadores, enviados a ele por Jugurta, foram solicitados por ele a entregar Jugurta como prisioneira; depois, escrevendo cartas a essas mesmas pessoas sobre o mesmo assunto, escrevia de tal maneira que em pouco tempo Jugurta desconfiou de todos os seus conselheiros e, de maneiras diferentes, os dispensou. Aníbal, tendo se refugiado com Antíoco, os embaixadores romanos frequentavam tanto a sua casa, que Antíoco ficou desconfiado dele, e depois não acreditou mais em seus conselhos.

Quanto a dividir os homens do inimigo, não há modo mais certo do que atacar o seu território a fim de que, sendo obrigados a defendê-lo, abandonem a guerra. Este é o método empregado por Fábio, quando as tropas francesas, toscanas, dos úmbrios e samnitas foram ao encontro de seu exército. Tito Dídio tinha menos homens do que os inimigos e esperava uma legião vir de Roma, legião esta que os inimigos pretendiam combater; para que estes não fossem ao encontro dela, espalhou um boato por todo o seu exército de que iria combater o inimigo no dia seguinte; depois tramou de modo que alguns prisioneiros pudessem escapar, os quais se referiram à ordem do cônsul de combater no dia seguinte e fizeram com que o inimigo, para não diminuir suas forças, desistisse de ir ao encontro da legião; salvou-se com esse ardil, que não serviu para dividir as tropas dos inimigos, mas para dobrar as suas.

Alguns, a fim de dividir suas forças inimigas, empregaram-se em permitir que ele entrasse em seu território e, como prova, permitiram que ele tomasse muitas cidades para que, ao colocar guardas nelas, ele diminuísse suas forças; e, desta forma, tendo-o enfraquecido, agrediu-o e derrotou-o. Outros, quando queriam entrar em uma província, fingiam atacar outra, e se esforçavam tanto, logo que entraram naquela onde não se esperava que eles entrassem, venceram-na antes que o inimigo tivesse tido tempo de socorrê-la. O seu inimigo, sem saber ao certo se voltará para o lugar que havia ameaçado antes, é obrigado a não abandonar um local e a socorrer o outro; e assim quase sempre não defende nem um nem outro. Além das questões mencionadas, é importante



para um capitão, quando surge uma rebelião ou discórdia entre os soldados, saber como extingui-la com arte. A melhor maneira é castigar os líderes, mas fazê-lo de modo que você o faça antes que eles percebam.

O método é este: se eles estiverem longe de você, não chame apenas os culpados, mas todos os outros, para que eles não acreditem que haja motivo para puni-los, e não sejam desobedientes; assim, eles oferecerão a oportunidade de punição. Quando os culpados estiverem presentes, deve fortalecer-se com os inocentes e, com a ajuda deles, puni-los. Se houver discórdia entre eles, a melhor maneira é expô-los ao perigo, cujo medo sempre os unirá. Mas, acima de tudo, o que mantém o exército unido é a reputação de seu capitão, que só resulta de sua *virtù*, pois nem o sangue nem a autoridade se alcançam sem *virtù*. E a primeira coisa que se espera que um capitão faça é cuidar para que os soldados sejam pagos e punidos; se faltar o pagamento, a punição deve ser dispensada, porque você não pode castigar um soldado que rouba, se você não o paga; nem ele pode abster-se de roubar caso queira viver. Mas se você o paga, mas não o pune, ele se torna insolente em todos os sentidos, porque você se torna de pouca estima, e a quem quer que aconteça, ele não pode preservar a dignidade de sua posição; se ele não o mantém, necessariamente, seguem-se tumultos e discórdias, que são a ruína de um exército. Os antigos capitães sofriam de um mal de que os capitães de hoje estão quase livres; interpretar a seu favor os maus presságios. Se um raio caísse sobre o exército, se o Sol ou a Lua escurecessem, se viesse um terremoto, se o capitão caísse ao montar ou apear do cavalo, isso seria interpretado de forma sinistra pelos soldados e provocaria tanto medo neles que, ao ir à batalha, seriam facilmente derrotados.

E, portanto, assim que tal incidente ocorresse, os antigos capitães ou demonstrariam a causa dele ou o reduziria às suas causas naturais; ou, ainda, o interpretariam a seu favor. Quando César foi para a África, e tendo caído enquanto estava indo para o mar, disse: “África, eu te levei”; e muitos lucravam com um eclipse da Lua e com terremotos. Essas coisas não podem acontecer em nosso tempo, porque nossos homens não são tão supersticiosos, pois nossa religião, por si mesma, afasta inteiramente essas ideias. No entanto, se isso ocorrer, as ordens dos antigos devem ser imitadas. Quando, seja por fome, ou outra necessidade natural ou paixão humana, seu inimigo é levado ao desespero extremo e, impulsionado por ele, vem lutar, você deve permanecer dentro de seus aposentos e evitar a batalha tanto quanto possa. Assim fizeram os lacedemônios contra os messinianos; foi o que César fez contra Afrânio e Petreio. Quando Fulvius era cônsul contra os cimbro, ele fez a cavalaria atacar o inimigo continuamente por muitos dias, e esperou que os soldados saíssem de seus aposentos para persegui-los; então, armou uma emboscada atrás dos



aposentos dos cimbros e os atacou pela cavalaria, de modo que, quando os cimbros saíram de seus aposentos para persegui-los, Fulvius os agarrou e os saqueou. Tem sido muito eficaz para um capitão, quando seu exército está nas proximidades do exército inimigo, enviar suas forças com a insígnia do inimigo, para roubar e queimar seu próprio território; isso faz os inimigos acreditarem que sejam homens que vêm em seu auxílio correndo para ajudá-los no saque, e assim se desordenam e dão oportunidade ao adversário de vencê-los. Alexandre de Épiro usou esses meios lutando contra os Illirici, e Leptenus, e Siracusa, contra os cartagineses; tal projeto teve sucesso para ambos. Muitos venceram o inimigo oferecendo-lhe a oportunidade de comer e beber além de suas possibilidades, fingindo estar com medo e deixando para trás seus aposentos cheios de vinho e rebanhos; assim, quando o inimigo se enche além de todos os limites naturais, eles o atacam e o vencem. Do mesmo modo fez Tamirus contra Ciro e Tibério Graco contra os espanhóis. Alguns envenenaram o vinho e outras coisas para poder vencê-los mais facilmente. Há pouco, eu disse que não achei que os antigos tivessem mantido uma vigia noturna do lado de fora, e pensei que isso era para evitar os males que poderiam acontecer, pois, sabe-se que, às vezes, as sentinelas colocadas durante o dia para espreitar o inimigo foram a razão da ruína daqueles que as enviaram; pois, ao serem capturadas, eram forçadas a fazer o sinal para os seus próprios soldados, os quais, obedecendo, foram mortos ou capturados.

Para enganar o inimigo é útil mudar um dos seus hábitos, pois, contando com isso, o inimigo estará derrotado; como já havia feito um capitão, que, quando queria que fosse feito um sinal aos seus homens para indicar a chegada do inimigo – a noite com fogo, e durante o dia, com fumaça –, ordenava que tais sinais fossem feitos sem quaisquer dessas distinções; para que, quando o inimigo viesse, ele permanecesse na crença de que vinha sem ser visto, pois não havia percebido os sinais de que tinha sido descoberto.

Menno Rodius, quando quis tirar o inimigo das fortalezas, mandou um homem disfarçado de fugitivo, que afirmou que seu exército estava cheio de discórdia, e que a maior parte estava desertando; para dar veracidade a isso, foram iniciados certos tumultos entre os alojamentos, de modo que o inimigo, achando poder vencê-lo, atacou-o e foi derrotado.

Além das coisas mencionadas, deve-se tomar cuidado para não levar o inimigo ao desespero extremo; o que César fez quando lutou contra os alemães: tendo bloqueado o caminho deles e vendo que eles não podiam fugir, abriu-lhes caminho; com isso, César preferiu suportar o esforço de persegui-los do que o perigo de os confrontar, caso eles se defendessem. Lúculo, ao ver que alguns cavaleiros macedônios que estavam consigo passavam para as fileiras



inimigas, mandou de repente soar o sinal de batalha e ordenou a seus homens segui-los, de modo que os inimigos, acreditando que Lúculo quisesse iniciar as escaramuças, foram de encontro aos macedônios com tal ímpeto que estes foram obrigados a se defender; assim, contra a sua vontade, de fugitivos viraram combatentes.

Saber como se proteger de uma cidade quando você tem dúvidas sobre sua lealdade depois de conquistá-la, ou mesmo antes disso, também é importante; isso é o que alguns exemplos dos antigos nos ensinam. Pompeu, quando teve dúvidas sobre os catanianos, implorou-lhes que aceitassem alguns enfermos de seu exército e, tendo enviado alguns homens muito robustos disfarçados de enfermos, ocupou a cidade. Publius Valerius, temeroso da lealdade dos epidaurianos, fez rezar, como diríamos nós, uma indulgência em uma igreja fora da cidadela e, quando todo o povo havia chegado, cerrou as portas e depois não recebeu dentro da cidade senão aqueles em quem confiava. Alexandre, o Grande, quando quis ir para a Ásia e assegurar a Trácia para si, levou consigo todos os chefes desta província, dando-lhes provisões e colocou homens de origem humilde no comando do povo comum da Trácia; e assim, ele manteve os chefes contentes pagando-os e as pessoas comuns, quietas por não ter chefes para inquietá-los. Mas entre todas as coisas pelas quais os capitães conquistam o povo para si estão os exemplos de castidade e justiça, como foi o exemplo de Cipião na Espanha quando ele devolveu aquela moça, bela de corpo, ao seu marido e ao pai, atitude que foi mais útil para ganhar da Espanha do que o uso de armas.

César, ao pagar pela madeira que usava para fazer as paliçadas em volta do seu exército na Gália, ganhou tal fama de justo, que facilitou para si a aquisição daquela província. Não sei o que mais me resta falar sobre tais eventos, e não resta nenhuma parte deste assunto que não tenha sido discutida por nós. Só falta falar dos métodos de captura e defesa de cidades, o que estou prestes a fazer de boa vontade, se não for doloroso para você agora.

**BATTISTA:** Sua humanidade é tão grande que nos faz perseguir nossos desejos sem medo de sermos considerados presunçosos, já que você o ofereceu de boa vontade, o que teríamos vergonha de pedir-lhe. Portanto, dizemos apenas isso a você: não pode nos fazer um benefício maior ou mais grato do que fornecer-nos esta discussão. Mas antes de passar para aquele outro assunto, esclareça uma dúvida para nós; se é melhor continuar a guerra ainda no inverno, como se faz hoje, ou é preferível travá-la apenas no verão, e ir para os quartéis no inverno, como os antigos fizeram.

**FABRIZIO:** Aqui, se não houvesse a prudência do questionador, alguma parte que merece consideração teria sido omitida. Repito que os antigos



faziam tudo melhor e com mais prudência do que nós; e se algum erro é cometido em outras coisas, todos são cometidos em questões de guerra. Não há nada mais imprudente ou mais perigoso para um capitão do que fazer a guerra no inverno, e mais perigoso para quem a traz do que para quem a espera. O motivo é o seguinte: toda a indústria utilizada na disciplina militar é utilizada para organizar um confronto com o seu inimigo, pois este é o fim que um capitão deve almejar; o engajamento o faz ganhar ou perder uma guerra. Portanto, quem sabe organizá-lo melhor, e quem tem seu exército mais disciplinado, tem maior vantagem nisso, e pode esperar vencer. Entretanto, não há nada mais hostil à organização do que os locais difíceis ou as estações frias e chuvosas; pois o lado difícil não permite que você use a abundância de suas forças de acordo com a disciplina, e as estações frias e chuvosas não permitem que você mantenha suas forças unidas, e você não pode fazer com que enfrentem o inimigo; mas, por necessidade, você deve alojá-los separadamente e sem ordenação, tendo que levar em conta os castelos, aldeias e casas de fazenda que o recebem; de modo que todo o trabalho árduo empregado por você em disciplinar seu exército terá sido em vão. E não se maravilhe se eles guerrearem no inverno de hoje, pois como os exércitos estão sem disciplina, e não conhecem o mal que há quando os soldados não são alojados juntos, pois o aborrecimento deles não permite que esses arranjos sejam feitos, nem que percebam aquela disciplina que eles não têm. Ainda assim, deve-se observar o prejuízo causado pela campanha em campo no inverno, lembrando que os franceses no ano 1503 foram derrotados no Garigliano pelo inverno, e não pelos espanhóis. Pois, como já lhe disse, quem ataca tem uma desvantagem ainda maior, porque o tempo prejudica mais aquele que quer guerrear em território inimigo. De modo que ele é compelido a suportar os inconvenientes da água e do frio para se manter unido, ou ter de dividir suas forças para escapar dele. Mas quem espera, pode escolher o local ao seu gosto e aguardar o inimigo com novas forças, que, unidas, podem sair para encontrar as forças inimigas que não podem resistir à sua fúria. Assim foram os franceses derrotados, e assim serão derrotados aqueles que atacam no inverno um inimigo que seja prudente. Quem, portanto, não dá valor às forças, à organização, à disciplina e à virtude faz guerra no campo no inverno. E porque os romanos queriam aproveitar-se de todas essas coisas, nas quais se empenhavam tanto, evitavam não só o inverno, mas também montanhas acidentadas e lugares difíceis, e qualquer outra coisa que pudesse impedir sua capacidade de demonstrar sua habilidade e *virtù*. Portanto, isso é suficiente para responder sua pergunta; e agora vamos tratar do ataque e defesa das cidades, bem como de seus locais e da sua construção.



*“Muitas cidades foram dominadas quando o inimigo as atacou de um lado que acreditavam que não seria atacada. E esse engano ocorre por duas razões: ou porque o lugar é fortificado e eles acreditam ser inacessível, ou porque o inimigo o ataca astutamente de um lado com gritos fingidos, e do outro, silenciosamente, com os ataques reais.”*

MAQUIAVEL





*General Hannibal e seus homens cruzando os Alpes.  
Ilustração de Heinrich Leutemann.*



# Livro Sétimo

**V**ocê deve saber que cidades e fortalezas podem ser fortes por natureza ou construídas para serem fortes. São fortes por natureza aquelas que estão rodeadas de rios ou pântanos, como é Mântua ou Ferrara, ou aquelas situadas em uma rocha ou montanha inclinada, como Mônaco e San Leo; aquelas situadas em montanhas que não são difíceis de escalar, no que diz respeito às cavernas e à artilharia, são hoje consideradas muito fracas. Por essa razão, muitas vezes, hoje se busca uma planície sobre a qual se possa construir uma cidade para torná-la forte. Para começar, deve-se construir muros retorcidos e cheios de reentrâncias torneadas; esse padrão faz com que o inimigo não seja capaz de se aproximar deles, pois poderá ser atacado facilmente não só pela frente, mas pelos flancos. Se os muros são muito altos, ficam excessivamente expostos aos golpes da artilharia; se forem muito baixos, são facilmente redimensionados. Se você cavar fossos à frente deles para dificultar o uso de escadas, e se acontecer de o inimigo enchê-los – e isso um grande exército pode fazer facilmente –, o muro se torna uma presa do inimigo. Acredito, portanto, que se você quiser tomar providências contra os dois males, os muros devem ser altos, com as valas dentro, e não fora deles. Esta é a melhor maneira possível de construir, pois o protege da artilharia e das escadas, e não dá ao inimigo a oportunidade de preencher as valas. Os muros, portanto, devem ser tão altos quanto pos-



sível, com não menos de três braços de largura, tornando-os mais difíceis de ser destruídos. Devem ter torres colocadas em intervalos de duzentos braços de comprimento. A vala interna deve ter pelo menos trinta braços de largura e doze de profundidade, e toda a terra escavada deve ser lançada em direção à cidade e sustentada pelo mesmo muro que faz parte da base da vala, que deve estender-se novamente acima do solo o suficiente para que um homem possa se esconder atrás dele; cujo propósito é tornar ainda maior a profundidade do fosso. Lá dentro, a partir da vala, a cada duzentos braços de comprimento, deve haver um cercado emaranhado que, com o uso da artilharia, causa ferimentos a quem descer por ele. A artilharia pesada que defende a cidade deve ser colocada atrás do muro que circunda a vala, pois para defender o muro de frente, por ser alto, não é possível usar convenientemente nada além de canhões de pequeno ou médio porte. Se o inimigo vier escalar seu muro, a altura do primeiro muro o protegerá facilmente. Se ele atacar com a artilharia, tem primeiro que derrubar a primeira muralha e, caindo esta, caem os seus destroços sobre ele, pois é natural que, com as pancadas, o muro caia do lado em que ele foi atingido; esses destroços, não havendo fosso exterior que os receba e os esconda, duplicam a profundidade do fosso interno, de modo que não é possível ir adiante, e o inimigo fica detido pelos escombros, impedido pelo fosso e morto pela artilharia inimiga postada no alto da muralha do fosso. O único recurso que existe para o inimigo é encher a vala, o que é muito difícil, tanto porque precisa de muito para enchê-la, quanto pela dificuldade que o inimigo tem de se aproximar dela, já que os muros são sinuosos e rebaixados, e ele terá dificuldade de entrar, pelos motivos anteriormente citados; e então, ter de escalar a ruína com o material em mãos causa ao inimigo uma dificuldade muito grande; pelo que eu sei, uma cidade tão organizada é completamente indestrutível.

**BATTISTA:** Se, além da vala de dentro, houvesse uma também do lado de fora, o alojamento não seria mais forte?

**FABRIZIO:** Seria, sem dúvida; mas meu raciocínio é que, se você quiser cavar apenas uma vala, é melhor dentro do que fora.

**BATTISTA:** Você teria água na vala ou a deixaria seca?

**FABRIZIO:** As opiniões são divergentes; pois as valas cheias de água protegem dos túneis subterrâneos; já as valas sem água dificultam o seu reenchimento. Mas, considerando tudo isso, eu as teria sem água; pois são mais seguras e, como foi observado que no inverno as valas congelam, a captura de uma cidade é facilitada, como aconteceu em Mirandola quando o papa Júlio a sitiou. E para proteger dos túneis, eu as cavaria profundas de tal forma que, quem quisesse ir mais fundo, encontraria água. Também construiria as forta-



lezas de uma forma semelhante aos muros e valas, de modo que a dificuldade semelhante seria encontrada em destruí-la. Quero lembrar uma coisa boa para quem defende uma cidade: que não erijam baluartes do lado de fora, e fiquem distantes de seus muros. E outra coisa boa para quem constrói as fortalezas: que não construa nenhum reduto nelas, para que ninguém se retire para dentro dele quando o muro desmoronar. O que me faz dar o primeiro conselho é que ninguém deve fazer nada que o leve a perder sua reputação sem que haja qualquer meio de restaurá-la, cuja perda causa desprezo e desanima àqueles que o defendem. É o que eu digo, sempre acontecerá com você se erguer baluartes fora da cidade que precisa ser defendida, pois você sempre os perderá, pois não se pode defender coisas pequenas quando são colocadas sob a fúria de uma artilharia; de modo que, ao perdê-los, eles se tornam o começo e a causa de sua ruína. Gênova, ao se rebelar contra o rei Luís da França, ergueu alguns baluartes nas colinas fora da cidade, os quais, assim que se perderam – e isso aconteceu rapidamente –, também fizeram com que a cidade se perdesse. Quanto ao segundo conselho, afirmo que não há nada mais perigoso em relação a uma fortaleza do que possuir redutos onde se possa refugiar, porque é a esperança que os homens têm quando abandonam seus postos, perdendo-os; e perdido isso, perde-se toda a fortaleza. Por exemplo, há a recente perda da fortaleza de Forli quando a condessa Catarina a defendeu contra Cesare Borgia, filho do Papa Alexandre VI, que havia comandado o exército do rei da França. Aquela fortaleza inteira estava cheia de lugares dos quais se saía de um para o outro, porque ali havia antes a cidadela, e entre esta e a fortaleza havia um fosso, de modo que se atravessava ali por uma ponte pênsil; a fortaleza foi dividida em três partes, e cada parte separada por uma vala, e com água entre elas; uma passava de um lugar para outro por meio de pontes, de onde o duque golpeou uma dessas partes da fortaleza com artilharia, e abriu parte de uma parede; o senhor Giovanni da Casale, que estava no comando da guarnição, não pensou em defender aquela abertura, mas a abandonou para retirar-se para os outros lugares; de modo que as forças do Duque, tendo entrado naquela parte sem oposição, imediatamente a apreenderam, pois se tornaram donos das pontes que ligavam os membros entre si. Perdeu o forte que considerava indestrutível, por causa de dois erros: um, porque tinha tantos redutos; o outro, porque ninguém se tornou senhor das suas pontes. A fortaleza mal construída e a pouca prudência do defensor, portanto, desgraçaram o empreendimento magnânimo da condessa, que teve a coragem de enfrentar um exército que nem o rei de Nápoles, nem o duque de Milão haviam enfrentado. E embora os esforços



do Duque não tenham tido um bom final, no entanto, ele se tornou conhecido pelas honras que recebeu. O que foi atestado pelos muitos epigramas feitos naqueles tempos em que o elogiavam.

Se eu tivesse, portanto, de construir uma fortaleza, eu faria suas paredes e valas da maneira que discutimos, e não construiria nada para morar, exceto casas, e elas seriam fracas e baixas, de modo que elas não impedissem, a quem estivesse no centro da praça, a visão de todos os muros, a fim de que o capitão pudesse ver, sem dificuldade, onde tivesse de ajudar, de tal modo que cada um percebesse que, perdidas as muralhas e o fosso, perdia-se a fortaleza. E mesmo que eu construísse alguns redutos, eu teria as pontes tão separadas que cada parte deveria ser protegida da ponte a partir de sua própria área, fazendo com que ela fosse apoiada em suas pilastras no meio da vala.

**BATTISTA:** Você disse que as pequenas coisas não podem ser defendidas, e me parece que entendi o contrário, que quanto menor fosse a coisa, melhor era defendida.

**FABRIZIO:** Você não entendeu bem, porque hoje não pode ser chamado de forte o lugar onde quem o defende não tem espaço para se retirar entre novas valas e muralhas, pois tal é a fúria da artilharia que quem conta com a proteção de apenas uma parede ou muralha engana a si mesmo. Tal como os baluartes, se você quiser que não excedam suas medidas regulares, pois seriam medidas de terraços e castelos, não são feitos para que possam se retirar para eles, pois eles se perdem rapidamente. Portanto, é uma prática sábia deixar esses baluartes do lado de fora, fortificar as entradas dos terraços e cobrir seus portões com revelins, para que não se entre ou saia do portão em linha reta, bem como criar uma vala com uma ponte sobre ela, do revelin ao portão. Os portões também devem ser fortificados com venezianas, de modo a permitir que seus homens voltem a entrar, quando, depois de sair para lutar, o inimigo os empurra para trás e, no misto de homens que se segue, o inimigo não entra com eles. Há corredoras também que os antigos chamavam de “cateratte”, que, sendo abatidas, mantêm o inimigo fora, mas salvam os aliados; pois em tais casos, não se pode aproveitar de mais nada, nem de pontes, ou o de portão, já que ambos são ocupados pela multidão.

**BATTISTA:** Vi essas corredoras de que fala, feitas de pequenas vigas, na Alemanha, em forma de grelha de ferro, enquanto as nossas são inteiramente de tábuas maciças. Eu gostaria de saber de onde surge essa diferença, e qual é mais forte.

**FABRIZIO:** Eu direi a você, novamente, que os métodos e organizações de guerra em todo o mundo, com respeito aos dos antigos, estão extintos; mas na Itália eles estão totalmente perdidos e, se há algo mais poderoso, é o resul-



tado dos exemplos dos cisalpinos. Você deve ter ouvido, e os outros podem se lembrar, como as coisas eram construídas de maneira fraca antes que o rei Carlos da França cruzasse para a Itália no ano de 1494. As ameias eram feitas com o comprimento de meio braço fino, os locais dos besteiros e artilheiros eram feitos com uma pequena abertura externa e uma grande interna, e com muitos outros defeitos, que omitirei, pois as defesas são facilmente retiradas de ameias delgadas; os lugares para bombardeiros construídos dessa forma são facilmente demolidos. Hoje, com os franceses, aprendemos a fazer as ameias largas e grandes, e também a fazer os lugares dos bombardeiros largos por dentro e estreitá-los no centro da parede e, em seguida, alargá-los novamente até a borda externa, e isso faz com que a artilharia seja capaz de demolir suas defesas com dificuldade. Os franceses, além disso, têm muitos outros arranjos como estes, que, por não terem sido vistos assim, não foram levados em consideração. Entre esses arranjos, está este método das corredoras, feitas em forma de grade, que é, de longe, um método melhor do que o seu; pois se você tiver que consertar as corredoras maciças como a sua, e se estiverem trancadas por dentro; portanto, não podem ferir o inimigo, permitindo que ele o ataque com segurança na escuridão ou usando tochas. Mas se forem feitas em forma de grade, pode-se, uma vez abaixada por essas tramas e intervalos, defendê-la com lanças, arcos e todos os outros tipos de armas.

**BATTISTA:** Também vi outro costume cisalpino na Itália: fazer as carruagens da artilharia com os raios das rodas dobrados em direção aos eixos. Gostaria de saber por que as fazem assim, pois me parece que retas seriam mais fortes, como as das nossas rodas.

**FABRIZIO:** Nunca acredite que as coisas que se produzem pelos modos ordenados sejam feitas ao acaso, mas se você acreditar que eu deveria torná-las mais bonitas, você errará; pois onde a força é necessária, não se leva em conta a beleza; mas eles todos surgem por serem mais seguros e fortes do que os nossos. Quando a carruagem está carregada, ela fica nivelada ou se inclina para o lado direito ou esquerdo. Quando está nivelada, as rodas sustentam igualmente o peso, que, sendo dividido igualmente entre elas, não as sobrecarrega muito; quando se inclina, passa a ter todo o peso da carga sobre a roda sobre a qual se inclina. Se seus raios forem retos, eles podem facilmente desabar, pois estando a roda inclinada, os raios também se inclinam, e não sustentam o peso em linha reta. E, assim, quando a carruagem fica nivelada e carregam nela menos peso, ficam mais fortes; quando a carruagem está inclinada e recebe mais peso, fica mais fraca. O contrário acontece com os raios tortos das carruagens francesas; porque quando a carruagem, ao pender para um lado, pesa sobre eles, estes, por serem tortos, ficam então retos, a ponto de sustentar vigorosamente



todo o peso; e quando a carruagem anda equilibradamente, os raios tortos sustentam a metade do peso. Mas voltemos às nossas cidades e fortalezas. Os franceses, para maior segurança de suas cidades e para permitir-lhes durante os cercos colocar e retirar suas forças mais facilmente, também empregam, além das coisas mencionadas, outro arranjo, do qual ainda não vi nenhum exemplo na Itália; é o seguinte: eles erigem duas pilastras na ponta externa de uma ponte pênsil, e sobre cada uma delas equilibram uma viga, de modo que metade dela passe por cima da ponte, e a outra metade, por fora. Em seguida, eles unem pequenas vigas à parte externa, que são tecidas juntas de uma viga a outra na forma de uma grade, e por dentro eles prendem uma corrente na extremidade de cada viga. Quando querem fechar a ponte por fora, portanto, soltam as correntes e deixam cair toda aquela parte da grade, que fecha a ponte quando ela é baixada, e quando querem abri-la puxam as correntes, e as vigas gradeadas são erguidas; e podem ser elevadas de modo que um homem possa passar por baixo, mas não um cavalo; e tanto quanto um cavalo com o homem possa passar por baixo, e também podem ser fechadas inteiramente, pois são abaixadas e levantadas como uma prancha para ameia. Esse arranjo é mais seguro do que as corredoras, porque dificilmente o inimigo pode impedi-las de serem baixadas, pois não caem em linha reta como as corredoras, que podem ser erguidas facilmente. Quem quiser construir uma cidade, portanto, deve ter todas as coisas mencionadas instaladas; e, além disso, eles devem querer pelo menos uma milha ao redor da parede onde a agricultura ou construção não seria permitida, mas deve ser um campo aberto onde não devam existir arbustos, diques, árvores ou casas que possam impedir a visão, que deve estar na retaguarda de um inimigo sitiante. Deve-se notar que uma cidade que tem suas valas do lado de fora com seus aterros mais altos do que o solo, é muito fraca; pois servem de refúgio ao inimigo que o ataca, mas não o impedem de atacá-lo, porque podem ser facilmente forçados e podem abrir-se e dar espaço à sua artilharia.

Mas vamos passar para a cidade. Não quero perder muito tempo em mostrar-lhes que, além das coisas mencionadas anteriormente, também devem ser incluídas as provisões para os suprimentos de vida e de combate, pois são coisas de que todos precisam, de modo que, sem elas, todas as outras provisões serão em vão. Geralmente, duas coisas devem ser feitas: prover a si próprio e privar o inimigo da oportunidade de se valer dos recursos de seu território. Portanto, qualquer palha, grão e gado que você não pode guardar, devem ser destruídos.

Quem defende uma cidade deve zelar para que nada se faça nela de forma tumultuada e desorganizada; é preciso ter meios para que todos saibam o que



deve fazer em caso de incidente. A maneira é a seguinte: que as mulheres, crianças, idosos e o público fiquem em casa, e deixem a cidade livre para os jovens e os bravos; que os armados sejam distribuídos para a defesa, parte ficando nos muros, parte nos portões, parte nas principais praças da cidade, a fim de remediar os males que possam surgir em seu interior; outra parte não precisa estar designada para nenhum lugar, mas deve estar preparada para ajudar qualquer pessoa que solicite assistência. Quando as coisas são bem organizadas, somente com dificuldade podem surgir tumultos que perturbem a cidade. Quero que você observe também que, ao atacar e defender as cidades, nada dá mais esperança ao inimigo de poder ocupá-las do que saber que os habitantes não têm o hábito de caçar o inimigo; pois, muitas vezes, cidades inteiras se perdem por causa do medo, e somente por isso. Quando alguém ataca uma cidade assim, deve ostentar uma aparência terrível. Por outro lado, quem é atacado deve colocar, onde o inimigo está, homens valentes, que não temem pensamentos, mas sim às armas; pois, se a tentativa for vã, a coragem dos sitiados cresce, e então o inimigo é forçado a vencer dentro de seu território com sua virtude e sua reputação.

Os equipamentos com os quais os antigos defendiam as cidades eram muitos, tais como: balistas, onagros, escorpiões<sup>1</sup>, arcubalistas, arcos grandes, estilingues; e aqueles com os quais eles as atacavam eram aríetes, torres, mantelletes, plúteos, véneas, foices e tartarugas<sup>2</sup>. No lugar desses equipamentos, hoje existe a artilharia, que serve tanto aos atacantes quanto aos defensores e, portanto, não vou falar mais sobre isso. Mas voltemos à nossa discussão, e vamos aos detalhes do cerco. Deve-se cuidar para não ser tomado pela fome, e não ser forçado a capitular por agressões. Quanto à fome, diz-se que é necessário que, antes que se chegue ao cerco, esteja bem abastecido de alimentos. Mas quando há falta durante um longo cerco, observaram-se alguns meios extraordinários serem fornecidos por amigos que querem salvá-lo, especialmente se um rio corre no meio da cidade sitiada, como os romanos, quando o seu castelo de Casalino foi assediado por Aníbal, que, não podendo enviar-lhes mais nada pelo caminho do rio, atirou nele grandes quantidades de nozes, que sendo transportadas pelo rio sem poder ser impedidas, alimentaram os casalineses por algum tempo. Alguns, quando foram sitiados, no intuito de mostrar ao inimigo que tinham fartura de grãos e para fazê-los perder a vontade de derrotá-los pela fome, ou jogaram pão para fora dos muros ou deram grãos aos animais, e então permitiu que esses animais fossem capturados pelos inimigos, de

---

1 Armas utilizadas pelos romanos para lançar dardos.

2 Máquina de guerra feita de um teto móvel para proteger as muralhas.



modo que, ao matá-los, fossem encontrados cheios de grãos, daria assim sinais de uma abundância que eles não tinham. Por outro lado, excelentes capitães usaram vários métodos para privar o inimigo de alimento. Fábio permitiu que os campanianos semeassem para que lhes faltasse aquele grão que semeavam. Dionísio, quando foi sitiado em Reggio, fingiu querer entrar em um acordo com seus habitantes, fez com que os abastecessem de víveres; então, quando ficaram sem grãos, sufocou-os e matou-os de fome.

Alexandre, o Grande, quando querendo capturar Leucádia, capturou todos os castelos circundantes e permitiu que seus homens se refugassem na cidade e, assim, ao formar uma grande multidão, ele os matou de fome. Quanto aos assaltos, foi dito que se deve precaver-se contra a primeira investida, com a qual os romanos muitas vezes ocuparam muitas cidades, assaltando-as todas ao mesmo tempo de todos os lados, chamavam-no isso de *Aggredi urbem corona*: como fez Cipião quando ocupou a nova Cartago na Espanha.

Se resistir a tal ataque, dificilmente será vencido. E mesmo que aconteça que o inimigo tenha entrado na cidade depois de ter forçado os muros, até os pequenos terraços podem ser a solução, se não forem abandonados; pois muitos exércitos, uma vez que entraram em uma cidade, foram repelidos ou derrotados. O recurso é que as pessoas da cidade se mantenham em lugares altos e lutem contra o inimigo a partir de suas casas e torres. Aqueles que entravam na cidade se esforçavam para vencer de duas maneiras: uma, abrindo os portões da cidade e dando um caminho para os habitantes da cidade escaparem em segurança, e a outra, enviando uma mensagem por voz dando conta de que ninguém seria ferido a menos que estivesse armado, e quem quer que depusesse as armas, eles o perdoariam. Tal estratégia facilitou a conquista de muitas cidades. Além disso, as cidades são fáceis de expugnar se você cair sobre elas inesperadamente, o que você pode fazer quando se encontra com seu exército longe, para que não acreditem que você irá atacar ou que não pode fazê-lo em razão da distância do lugar. Portanto, se você os atacar secreta e rapidamente, quase sempre alcançará a vitória. Discuto contra minha vontade as coisas que aconteceram em nossos tempos, pois sobrecarregaria vocês com minhas ideias, e não saberia o que dizer ao discutir outras coisas. No entanto, a esse respeito, não posso deixar de citar o exemplo de Cesare Borgia, chamado de o Duque Valentim, que, quando se encontrava em Nocera com seus homens, a pretexto de ir atacar Camerino, dirigiu-se ao Estado de Urbino e o ocupou em um dia e sem esforço, coisa que qualquer outro, mesmo com muito custo e tempo, não o teria feito. Aqueles que são sitiados também devem se proteger do engano e da astúcia do inimigo, nem confiar naquilo que veem o inimigo fazer continuamente, mas sempre acreditar que estão tentando enganá-lo e



podem mudar o que fazem para prejudicá-los. Quando Domício Calvino estava sitiando uma cidade, ele costumava circular pelos muros da cidade todos os dias com uma boa parte de seus homens. O povo da cidade, acreditando que ele estava fazendo isso para se exercitar, aliviou a guarda; quando Domício se deu conta disso, ele os destruiu. Alguns capitães, quando ouviram de antemão que a ajuda viria aos sitiados, vestiram seus soldados com a insígnia dos que deveriam vir e, introduziram-se no interior, e ocuparam a cidade. Chimon, o ateniense, uma noite ateou fogo a um templo que ficava fora da cidade, quando os habitantes da cidade chegaram para socorrê-lo, deixaram a cidade para o inimigo saquear. Alguns condenaram à morte aqueles que deixaram o castelo sitiado para os ferradores de cavalo, e trocaram as roupas de seus soldados pelas as roupas desses ferradores, que então lhe entregaram a cidade. Os antigos capitães também empregaram vários métodos para saquear as guarnições daquelas cidades que desejavam tomar. Cipião, quando estava na África, e desejando ocupar vários castelos nos quais haviam sido colocadas guarnições pelos cartagineses, várias vezes fingiu querer assaltá-las, mas, então, por medo, não só se absteve, mas se afastou. Aníbal, acreditando que isso era verdade, a fim de persegui-lo, convocou todos os homens para poder atacá-lo com uma força maior, e retirou todas as guarnições; Cipião, ao saber disso, enviou Máximo, seu capitão, para expugnar os castelos. Pirro, quando travava uma guerra na Esclavônia, em uma das principais cidades daquele país, onde havia muitos homens para guarnecê-la, fingiu estar desesperado para expugná-la, e voltou-se para outros lugares, o que fez as guardas irem ao socorro deles, esvaziando a cidade, que se tornou fácil de ser tomada. Muitos poluíram a água e desviavam rios para tomar uma cidade, embora não tenham conseguido. Os cercos e as rendições também eram facilmente realizados, desanimando-os ao apontar uma vitória consumada ou uma nova ajuda que lhes era desfavorável. Os antigos capitães procuravam ocupar cidades por traição, corrompendo algumas por dentro, mas usavam métodos diferentes. Alguns enviavam um de seus homens disfarçado de fugitivo, que ganhava autoridade e confiança junto ao inimigo, que depois usava para seu próprio benefício. Muitos assim aprenderam os procedimentos dos guardas e, por meio desse conhecimento, tomaram as cidades. Alguns bloqueavam o portão com uma carroça ou com uma viga, para que não pudesse ser trancado, e com isso facilitava a entrada do inimigo. Aníbal persuadiu alguém a lhe dar um castelo dos romanos, e ele deveria fingir que ia caçar à noite, para mostrar sua incapacidade de ir de dia por medo do inimigo, e quando ele voltou com a caça, colocou seus homens dentro do castelo e, após matar o guarda, abriu o portão. É possível também enganar os sitiados, arrastando-os para fora da cidade, fingindo fugir quando



eles o atacam. Muitos, entre os quais estava Aníbal, permitiram que seus alojamentos fossem tomados para ter a oportunidade de colocá-los no meio dos inimigos e tomar a cidade deles. Eles enganam também fingindo partir, como fez o ateniense que, depois de saquear o território dos calcidianos, recebeu seus embaixadores e encheu sua cidade de promessas de segurança e de boa vontade, que, como homens de pouca cautela, foram logo depois capturados por Forminus. Os sitiados devem procurar homens suspeitos entre os seus; às vezes, eles podem querer convencê-los para que continuem do seu lado, tanto pela recompensa como pela punição. Marcelo, reconhecendo que Lúcio Bancius Nolanus tendia a favorecer Aníbal, empregou tanta humanidade e generosidade para com ele que, de inimigo, ele passou a ser um grande amigo. Os sitiados devem usar mais diligência em suas guardas quando o inimigo está distante do que quando ele está perto. E eles deveriam vigiar melhor aqueles lugares menos prováveis de ser atacados; pois muitas cidades foram dominadas quando o inimigo as atacou de um lado que acreditavam que não seria atacada. E esse engano ocorre por duas razões: ou porque o lugar é fortificado e eles acreditam ser inacessível, ou porque o inimigo o ataca astutamente de um lado com gritos fingidos, e do outro, silenciosamente, com os ataques reais. Portanto, o sitiado deve ter uma grande consciência disso e, acima de tudo, em todos os momentos, mas especialmente à noite, posicionar boas guardas nas muralhas, e colocar lá não somente homens, mas cães; e mantê-los ferozes e prontos de tal modo que, pelo faro, possam detectar a presença do inimigo, e, por meio de seus latidos, o anunciem.

E, além dos cães, descobriu-se que os gansos também salvaram uma cidade, como aconteceu com os romanos quando os gauleses sitiaram o Capitólio. Quando Atenas foi sitiada pelos espartanos, Alcibíades, a fim de conferir se as guardas estavam em vigia, providenciou que, tarde da noite, todos as guardas se levantassem, e infligiu uma pena aos que não cumpriram. Hissicratus, o ateniense, matou uma sentinela que estava dormindo, justificando que a estava deixando exatamente como a havia encontrado. Os sitiados dispunham de várias formas de enviar notícias aos seus aliados e, para não fazê-lo por voz, escreviam cartas codificadas e as escondiam de várias maneiras. Os métodos de codificação variavam conforme os desejos de quem os criava. Alguns escreviam dentro da bainha da espada; outros colocavam essas cartas dentro de pão cru, o assavam e ofereciam como alimento a quem os trouxesse; alguns colocavam essas cartas escondidas no corpo; outros as colocavam na coleira de um cachorro. Muitos escreveram coisas comuns em cartas, e depois escreveram com tinta invisível entre uma linha e outra, cujas letras apareciam depois de molhadas ou esqualdadas. Esse método tem sido observado com muita astúcia



em nosso tempo, de modo que alguns, querendo anotar algo que deveria ser mantido em segredo para seus amigos que viviam dentro de uma cidade, mas não queriam fazê-lo pessoalmente, enviaram comunicações escritas da maneira costumeira, mas codificadas como mencionei, e as pendurava nos portões; após isso, eram levadas e lidas por aqueles que as reconheciam a partir dos sinais que já conheciam. Esse é um método muito eficiente, porque quem transporta as cartas não desconfia, e você não corre nenhum perigo. Existem infinitas outras maneiras pelas quais qualquer pessoa pode fazer comunicações codificadas. Mas se escreve com mais facilidade para os sitiados do que destes para amigos de fora, pois não podem enviar tais cartas, exceto por alguém que deixa a cidade disfarçado de fugitivo, o que é uma façanha duvidosa e perigosa quando o inimigo é cauteloso. Mas, quanto aos que são enviados para dentro, sob muitos pretextos, pode entrar no acampamento sitiado e aguardar uma oportunidade conveniente para escapulir da cidade.

Mas vamos falar de expugnações presentes, e digo que, se elas ocorrerem quando você estiver sendo atacado em sua cidade que não está arranjada com valas dentro, como apontamos há pouco, quando você não quer o que inimigo entre pelas rachaduras na muralha provocadas pela artilharia, é necessário, enquanto a artilharia está disparando, cavar uma vala dentro daquela muralha que está sendo atingida, pelo menos com trinta braços de largura, e lançar a terra cavada em direção à cidade, o que torna os aterros e a vala mais profundos; e você deve fazer isso rapidamente, pois, se o muro cair, o fosso já mediria pelo menos cinco ou seis braços. E é preciso cercar com uma casamata cada flanco desse fosso enquanto ele é cavado.

E se o muro é tão forte que dá tempo de cavar as valas e erguer as casamatas, aquela parte danificada passa a ser mais forte que o resto da cidade, pois tal reparo passa a ter a forma que demos para dentro de valas. Mas se o muro é fraco e o tempo é exíguo, então é preciso mostrar *virtù* e opor-se a eles com todas as suas forças. Este método de reparo foi observado pelos pisanos, que foram capazes de fazer isso porque tinham muros fortes que lhes davam tempo hábil, e o solo era firme e mais adequado para erguer muros e fazer reparos. Se eles não tivessem esse benefício, teriam fracassado. Seria sempre prudente, primeiro, preparar-se, cavando os fossos dentro da sua cidade e em todo do seu circuito, como planejamos há pouco; pois, nesse caso, como as defesas já foram feitas, o inimigo é aguardado com tranquilidade e segurança. Os antigos muitas vezes ocupavam cidades com túneis, de duas maneiras: ou cavavam um túnel secreto que saía de dentro da cidade, e através do qual eles entravam – foi assim que os romanos tomaram a cidade de Veienti; ou desestruturavam o muro, fazendo-o ruir. Esse último modo é



hoje mais eficaz e torna as cidades erigidas no alto mais frágeis, porque facilitam a escavação, pois quando a pólvora é colocada dentro desses túneis, não só destrói o muro, mas as montanhas são abertas e as fortalezas ficam totalmente despedaçadas. O remédio para isso é construir em uma planície e fazer o fosso cercando sua cidade, de modo tão profundo que o inimigo não consiga escavar mais abaixo sem encontrar água, que é o único inimigo dessas escavações. E mesmo se você encontrar uma colina dentro da cidade a qual defende, você não pode remediar a não ser cavar muitos poços profundos dentro de suas muralhas, para servir de respiradouro para os fossos que porventura o inimigo escavasse contra você. Outro remédio é fazer uma escavação bem ao lado daquela que o inimigo está escavando, método que o impede prontamente, mas é muito difícil de prever quando você está cercado por um inimigo cauteloso. Quem é sitiado, antes de mais nada, deve ter o cuidado de não ser atacado durante o seu período de repouso, por exemplo, depois de ter travado uma batalha, depois de ter feito guarda, isto é, ao amanhecer, ao entardecer e, sobretudo, na hora do jantar – esses momentos foram aqueles em que muitas cidades foram expugnadas e muitos exércitos destruídos por aqueles que estavam dentro delas. Deve-se, portanto, estar sempre vigilante de todos os lados e com os soldados bem armados. Não quero deixar de dizer que o que dificulta a defesa de uma cidade ou de um alojamento é ter de manter desunidas todas as forças que você possui; porque podendo o inimigo investir como quiser, você deve manter todos os lugares protegidos por todos os lados, e assim ele o ataca com toda a força dele, e você defende com somente parte da sua. Os sitiados também podem ser completamente vencidos, enquanto os de fora, não, a menos que sejam repelidos: muitos que foram sitiados em seus acampamentos ou em uma cidade, embora inferiores em força, repentinamente revidaram com todas as suas forças e venceram o inimigo. Marcelo fez isso em Nola, e César, na Gália, onde seu alojamento foi atacado por um grande número de gauleses, e vendo que não poderia defendê-lo sem ter de dividir suas forças em várias partes, e incapaz de ficar dentro da paliçada com o ataque impetuoso do inimigo, abriu o alojamento de um lado e, voltando-se para os inimigos com todas as suas forças, atacou-os com tal fúria e com tal *virtù*, que os venceu.

O ímpeto constante do sitiado também muitas vezes contrariou e desanimou o sitiante. E quando Pompeu estava afrontando César, e o exército deste, que estava sofrendo muito de fome, levou um pouco de seu pão para Pompeu, que, vendo-o feito de grama, ordenou que não fosse mostrado ao seu exército para não o assustar, vendo que tipo de inimigos que ele teve que enfrentar. Nada deu aos romanos mais honra na guerra contra Aníbal do que sua cons-



tância; pois, em qualquer fortuna mais hostil e adversa, eles nunca pediram paz, nunca deram qualquer sinal de medo; em vez disso, quando Aníbal estava em torno de Roma, aqueles campos em que ele havia situado seus aposentos foram vendidos a um preço mais alto do que normalmente teriam sido vendidos em outras épocas; e eram tão obstinados em seus empreendimentos que, para defender Roma, não paravam de atacar Cápuia, que estava sendo sitiada pelos romanos ao mesmo tempo em que Roma era sitiada.

Sei que falei sobre muitas coisas que puderam ser compreendidas e consideradas; no entanto, tenho feito isso, como também disse hoje, para poder mostrar-lhes, por meio deles, o melhor tipo de treinamento, e também para satisfazer aqueles, se houver, que não tiveram essa oportunidade para aprender. Nem me parece que me resta mais nada para lhe dizer, a não ser algumas regras gerais, com as quais você deve estar muito familiarizado. O que beneficia o inimigo, prejudica você; e o que o beneficia, prejudica o inimigo. Quem estiver mais vigilante ao observar os desígnios do inimigo na guerra e suportar muitas adversidades no treinamento de seu exército, incorrerá em menos perigos e poderá ter mais esperança de vitória. Nunca conduza seus soldados a um combate a menos que tenha certeza de sua coragem; certifique-se de que eles não têm medo e estão organizados, e nunca faça uma tentativa, a menos que perceba que a vitória seja uma esperança. É melhor derrotar o inimigo pela fome do que com aço; em tal vitória, a fortuna conta mais do que a *virtù*. Nenhum procedimento é melhor do que aquele que você escondeu do inimigo até o momento em que você o executou. Saber como reconhecer uma oportunidade na guerra e aproveitá-la beneficia você mais do que qualquer outra coisa. A natureza cria poucos homens corajosos, a indústria e o treinamento tornam muitos. A disciplina na guerra conta mais do que a fúria. Se alguns do lado do inimigo desertam para vir ao seu serviço, será sempre uma grande aquisição; pois as forças do adversário diminuem mais com a perda dos que fogem do que com os que são mortos, embora os nomes dos fugitivos sejam suspeitos para os novos amigos e odiosos para os antigos. É melhor, ao organizar um combate, reservar grande ajuda atrás da linha de frente, do que espalhar seus soldados para fazer uma frente maior. É vencido com dificuldade quem sabe reconhecer suas forças, bem como as do inimigo. A *virtù* dos soldados vale mais do que uma multidão, e o local costuma trazer mais benefícios do que a *virtù*. Coisas novas e rápidas assustam os exércitos, enquanto as coisas habituais e lentas são pouco apreciadas por eles; você, portanto, tornará seu exército experiente e aprenderá a força de um novo inimigo por escaramuças, antes de entrar em um confronto com ele.



Aquele que persegue desordenadamente o inimigo depois que o derrotou não quer outra coisa senão vir a ser, de vitorioso, perdedor. Quem não faz as provisões necessárias para viver, é vencido sem espada. Quem confia mais na cavalaria do que na infantaria, ou mais na infantaria do que na cavalaria, deve se contentar com o local. Se você quiser ver se algum espião entrou no acampamento durante o dia, não deixe ninguém ir aos seus aposentos. Mude seu procedimento quando perceber que o inimigo o previu. Aconselhe-se com muitos sobre as coisas que você deve fazer e converse com poucos sobre o que fazer depois. Quando os soldados estão confinados em seus aposentos, eles são mantidos lá por medo ou punição; então, quando são liderados pela guerra, são conduzidos pela esperança e recompensa. Os melhores capitães jamais entram numa batalha se a necessidade não os obrigar ou a ocasião não lhes convocar. Aja de forma que seus inimigos não saibam como você quer organizar seu exército para a batalha, e de qualquer maneira que você os organize, arrume-o de forma que a primeira linha possa ser recebida pela segunda e pela terceira. Em uma batalha, nunca use uma companhia para outra finalidade diferente daquela para a qual você a designou, a menos que queira causar desordem. Os acidentes são remediados com dificuldade, a menos que você pense rapidamente. Homens, espada, dinheiro e pão são os tendões da guerra; mas desses quatro, os dois primeiros são mais necessários, pois os homens e espada encontram dinheiro e pão, mas dinheiro e pão não encontram homens e espada. O rico desarmado é o prêmio do soldado pobre. Acostume seus soldados a desprezar roupas delicadas e luxuosas.

Isso é o que me ocorre lembrar, e sei que poderia ter lhe contado muitas outras coisas em minha discussão, por exemplo, como e de quantas maneiras os antigos organizavam suas fileiras, como se vestiam e como eles treinaram em muitas outras coisas; e para dar-lhe muitos outros detalhes, que não julguei necessário narrar, tanto porque você pode vê-los, como porque minha intenção não foi mostrar em detalhes como o antigo exército foi criado, mas como em nossos dias se poderia ordenar uma milícia com mais *virtù* do que as de hoje.

Assim, não me agrada discutir os assuntos antigos além daqueles que julguei necessários para tal introdução. Sei que deveria ter ampliado mais a cavalaria e também a guerra naval; pois quem define o militar diz que é um exército em terra e no mar, a pé e a cavalo. Sobre assuntos navais, não me atrevo a falar, não por não estar formado, mas porque devo deixar a conversa para os genoveses e venezianos, que a estudaram muito e fizeram grandes coisas no passado. Da cavalaria, também não quero dizer outra coisa senão o que já disse, sendo esta parte, como mencionado, menos corrompida. Além disso,



se a infantaria, que é o nervo do exército, estiver bem organizada, necessariamente acontece que se crie uma boa cavalaria. Gostaria apenas de lembrar que quem organiza as Forças Armadas em seu país, de forma a preencher a cota de cavalaria, deve tomar duas providências: uma, que distribua cavalos de boa raça por todo o seu campo, e acostume seus homens a arrebanhar os potros como se faz em Florença com os vitelos e as mulas; a outra é que, a fim de que os arrebanhadores encontrassem comprador, proibiria de ter mulas aquele que não tivesse cavalo, de tal modo que quem quisesse ter uma só montaria fosse obrigado a ter um cavalo; e, além disso, ninguém deve poder se vestir de seda, exceto quem tem um cavalo. Sei que esse arranjo foi feito por alguns príncipes de nossos tempos e resultou em uma excelente cavalaria sendo produzida em seus países em um tempo muito breve. Sobre outras coisas, quanto se deve esperar da cavalaria, voltarei ao que hoje eu disse, e ao que é costume. Talvez você também deseje aprender o que cabe a um capitão. Com isso, vou satisfazê-lo de uma maneira breve; pois eu não selecionaria conscientemente qualquer outro homem a não ser aquele que deveria saber como fazer todas as coisas que discutimos hoje. E estes ainda não seriam suficientes para ele se não soubesse como descobri-los por si mesmo, pois ninguém sem imaginação jamais foi muito grande em sua profissão; e se a imaginação contribui para a honra em outras coisas, ela irá, acima de tudo, honrá-lo nesta. E deve-se observar que toda imaginação, mesmo que menor, é celebrada pelos escritores, como se vê onde elogiaram Alexandre Magno, que, para levantar acampamento mais secretamente, não deu o sinal com a trombeta, mas com um chapéu na ponta de uma lança. Ele também é elogiado por ter mandado seus soldados, ao virem para a batalha com o inimigo, se ajoelharem com o joelho esquerdo para que pudessem suportar com mais força o ataque do inimigo; o que não só lhe deu a vitória, mas também tantos elogios que todas as estátuas erguidas em sua homenagem o mostram naquela pose.

Mas como é hora de encerrar essa discussão, quero voltar ao nosso propósito inicial, e em parte escaparei daquele castigo com o qual se costuma condenar, nesta terra, aquelas que não voltam.

Se bem se lembra, Cosimo disse-me que eu era, por um lado, um exaltante da Antiguidade e um censor dos que não os imitavam nos assuntos sérios e, por outro lado, nos assuntos de guerra em que trabalhei muito, não os imitei, não consegui descobrir a razão; a isso respondi, que os homens que querem fazer algo devem primeiro preparar-se para saber fazê-lo para depois poderem executar isso quando a ocasião permitir. Quer eu saiba ou não como conduzir o exército aos antigos costumes, prefiro que você seja o juiz, que me ouviu discutir longamente sobre esse assunto, de tal modo que você foi capaz de sa-



ber quanto tempo eu consumi nesses pensamentos, e eu também acredito que você deveria ser capaz de imaginar quanto desejo há em mim de colocá-los em prática, o que você pode adivinhar, se algum dia fui capaz de fazer isso, ou se alguma vez me foi dada a oportunidade. No entanto, para deixá-lo mais seguro, e para minha maior justificação, gostaria também de citar os motivos, e em parte vou cumprir o que lhe prometi, para mostra-lhe a facilidade e a dificuldade que estão presentes em tal imitação. Eu digo a você, portanto, que nenhuma atividade entre os homens hoje é mais fácil de destruir seus antigos costumes do que os militares; mas apenas para aqueles que são príncipes de um Estado tão grande, que são capazes de reunir quinze ou vinte mil jovens entre seus próprios súditos. Por outro lado, nada é mais difícil do que isso para quem não tem essa comodidade. E, porque quero que você entenda melhor esta parte, deveis saber quais são as duas razões pelas quais os capitães são louvados. Uns o são porque produziram grandes feitos com um exército ordenado por sua disciplina natural, como o fizeram a maior parte dos cidadãos romanos e outros que guiaram os exércitos, os quais não tiveram outro trabalho que o de mantê-los bons e guiá-los com segurança. O outro inclui aqueles que não só tiveram de vencer o inimigo, mas antes de chegarem a isso, foram compelidos a tornar seu exército bom e bem organizado, e que, sem dúvida, merecem mais elogios do que aqueles outros que tinham um exército que era naturalmente bom e agiu com *virtù*. Tais como Pelópidas, Epaminondas, Tullus Hostilius, Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, Ciro, rei dos persas, e Graco, o romano. Todos eles tinham primeiro que tornar o exército bom e depois lutar com ele. Todos eles puderam fazê-lo, tanto por sua prudência, como por terem sujeitos capazes de serem orientados em tais práticas.

Nem teria sido possível para qualquer um deles realizar qualquer ato louvável, não importa quão bons e excelentes eles pudessem ter sido, se estivessem em um país estrangeiro, cheio de homens corruptos e não acostumados à obediência sincera. Não basta, portanto, na Itália, governar um exército já treinado, mas é preciso primeiro saber fazer e depois comandá-lo. E desses, precisa haver aqueles príncipes, que por terem um grande Estado e muitos súditos, tenham a oportunidade de fazê-lo. Dos quais eu não posso ser um, pois nunca comandeï, nem posso comandar, exceto exércitos de estrangeiros e homens obrigados a outros e não a mim. Se é possível ou não introduzir alguma das coisas comentadas por mim hoje, deixo ao seu julgamento.

Eu faria com que um desses soldados que hoje praticam carregasse mais armas do que o normal e, além disso, comida para dois ou três dias e uma pá? Devo fazê-lo cavar, ou mantê-lo muitas horas todos os dias sob as armas em exercícios fingidos, de modo que nas batalhas reais depois disso ele possa



ter valor para mim? Eles se absteriam de jogos de azar, lascívia, palavrões e insolência, o que fazem diariamente? Eles seriam conduzidos a tanta disciplina, obediência e respeito, que uma árvore cheia de maçãs que deveria ser encontrada no meio de um acampamento, seria deixada intacta, como se lê que aconteceu muitas vezes nos exércitos antigos? O que posso prometer a eles, pelo qual eles me respeitem, amem ou temam, quando, com o fim de uma guerra, eles não devem mais vir a mim para nada? Do que posso envergonhar os que nascem e crescem sem vergonha? Por qual divindade ou santos os faço prestar juramento? Por aqueles que eles adoram ou por aqueles que amaldiçoam? Não conheço ninguém a quem eles adorem; mas eu bem sei que eles amaldiçoam a todos. Como posso acreditar que eles cumprirão as promessas feitas àqueles homens, por quem mostram seu desprezo a cada hora? Como podem aqueles que desprezam a Deus reverenciar os homens? Que bons costumes, portanto, é possível incutir nessas pessoas? E se você me disser que os suíços e os espanhóis são bons, devo confessar que são muito melhores do que os italianos, mas se você notar minha discussão, e os modos como ambos procederam, você verá que ainda há muitas coisas faltando entre eles para trazê-los à perfeição dos antigos. E os suíços têm sido bons por seus costumes naturais, pelos motivos que lhes contei hoje, e os espanhóis por necessidade; pois quando lutam em um país estrangeiro, parece-lhes que são constrangidos a vencer ou morrer, e como não lhes apareceu nenhum lugar de onde pudessem fugir, tornaram-se bons.

Mas é uma bondade defeituosa em muitas partes, pois não há nada de bom nelas, exceto que estão acostumadas a esperar o inimigo até a ponta da lança e da espada. Nem haveria ninguém apto a ensinar-lhes o que lhes falta, e muito menos quem não fale a sua língua.

Mas voltemos para os italianos, que, por não terem príncipes sábios, não formaram um bom exército; e porque eles não tiveram a necessidade que os espanhóis tiveram, não a empreenderam por si mesmos, de forma que eles seguem sendo a vergonha do mundo. E o povo não tem culpa, mas sim seus príncipes, que receberam justa punição, sendo castigados por terem sido ignorantes e porque perderam desonrosamente o Estado, sem qualquer demonstração de virtude. Você quer ver se o que eu digo é verdade? Considere quantas guerras foram travadas na Itália, desde a passagem do rei Carlos, da França, até hoje; e as guerras geralmente tornam os homens belicosos e os faz adquirir reputações; essas guerras, por mais que tenham sido grandes e cruéis, fizeram muito mais com que seus membros e seus líderes perdessem reputação. Isso indica necessariamente que as ordens habituais não eram – e não são –, boas, e não há ninguém que saiba como aceitar as novas ordens. Você jamais acredita



que a reputação será adquirida por armas italianas, exceto da maneira que mostrei, e por aqueles que têm grandes Estados na Itália, pois esse costume pode ser incutido em homens que são simples, rudes e seus, mas não para homens que são malignos que têm maus hábitos e são estrangeiros. E nunca será encontrado um bom escultor que acredite que pode fazer uma bela estátua de um pedaço de mármore malformado, mesmo que seja um mármore bruto. Nossos príncipes italianos, antes de saborearem os golpes das guerras ultramontanas, acreditaram que bastava saber o que estava escrito, pensar em uma resposta cautelosa, escrever uma bela carta, mostrar sagacidade e presteza em suas falas e em suas palavras, saber como tecer um engano, enfeitar-se com pedras preciosas e ouro, dormir e comer com maior esplendor do que os outros, manter muitas pessoas lascivas por perto, conduzir-se avarenta e altivamente para com seus súditos, tornar-se podre de ociosidade, distribuir patentes militares à sua vontade, expressar desprezo por qualquer pessoa que possa ter demonstrado alguma maneira louvável, desejar que suas palavras sejam a resposta de oráculos; nem estavam esses homenzinhos cientes de que se preparavam para ser presas de quem os atacasse. No ano 1494, surgiram os grandes medos, as fugas repentinas e as perdas estupendas; e aqueles Estados mais poderosos da Itália foram várias vezes saqueados desta maneira.

Mas o que é pior é que aqueles que permaneceram persistem no mesmo erro e vivem na mesma desordem, e não consideram que aqueles que mantiveram o Estado antigamente fizeram todas aquelas coisas que discutimos, e que se concentraram em preparar o corpo para as adversidades e a mente para não ter medo do perigo. Então, aconteceu que César, Alexandre e todos aqueles excelentes homens e príncipes foram os primeiros, entre os combatentes, a andarem a pé, e mesmo que perdessem seu Estado, também queriam perder suas vidas; de modo que eles viveram e morreram com *virtù*. E se eles, ou parte deles, pudessem ser acusados de ter muita ambição de governar, nunca se poderia encontrar neles qualquer leniência ou qualquer coisa a condenar, coisa que tornaria esses homens frágeis e covardes. Se essas coisas fossem lidas e acreditadas por esses príncipes, seria impossível que eles não mudassem seu modo de vida, e seus países não mudassem sua fortuna. E como, no início da nossa discussão, você reclamou de sua organização, eu lhe digo, se você a organizou como discutimos acima, e ele não deu uma boa conta de si mesmo, então o seu exército tem motivos para reclamar; mas se não for organizado e treinado como eu disse, o exército poderá ter motivos para reclamar de você, pela derrota, mas não por ter uma organização perfeita. Os venezianos também, e o duque de Ferrara, começaram isso, mas não o perseguiram; o que era devido à culpa deles, e não de seus homens. E afirmo agora que qualquer um



dos que, entre os que possuem um estado na Itália, que hoje tomar essa atitude virá a ser, antes de qualquer outro, senhor desta província; e acontecerá ao seu estado o que aconteceu ao Reino da Macedônia, que, sob as ordens de Filipe, que aprendeu a maneira de organizar os exércitos de Epaminondas, tornou-se, com essa ordenação e com esses exercícios (enquanto a Grécia estava em ócio, assistia à recitação de comédias), tão potente que pôde, em poucos anos, ocupá-la toda e deixar a seu filho esse fundamento, que foi capaz de fazê-lo príncipe de todo o mundo. Quem menospreza esses pensamentos, portanto, se for príncipe, menospreza seu principado e, se for cidadão, sua cidade. E eu reclamo da natureza, que deveria me tornar um reconhecedor disso, ou deveria ter me dado a faculdade para ser capaz de persegui-la.

Nem mesmo hoje, sendo velho, acho que posso ter a oportunidade, e por isso, estou à vontade com você que, sendo jovem e qualificado, se as coisas que eu disser lhe agradarem, poderá, no momento oportuno, em favor de seus príncipes, ajudá-los e aconselhá-los. Não quero que tenha medo ou desconfie disso, porque este país parece ter sido destinado a ressuscitar as coisas mortas, como se observou com poesia, pintura e escultura. Mas quanto a esperar por mim, por causa dos meus anos, não confie nisso. E, na verdade, se no passado a fortuna tivesse me concedido o que teria bastado para tal empreendimento, creio que, em um tempo muito breve, teria mostrado ao mundo o quanto as antigas instituições foram valiosas e, sem dúvida, eu o teria aumentado com glória, ou o teria perdido sem desonra.





CONFIRA NOSSOS  
LANÇAMENTOS AQUI!





# A Arte da Guerra

## MAQUIAVEL

Escrito por volta de 1520, este é mais um dos importantes tratados do renascentista italiano Maquiavel, resultado de sua vivência como diplomata, fato que possibilitou sua convivência com alguns dos principais protagonistas da política de sua época.

As máximas e os conselhos reunidos nesta obra compreendem reflexões acerca do planejamento militar, bem como da intencionalidade da ação, do recrutamento, da ordem e do treinamento dos soldados, de maneira a se obter êxito em combate. Mais uma das leituras atemporais e essenciais para todo líder estrategista.

